

Alain Fournier

BOSQUE
DAS
ILUSOES
PERDIDAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Alain-Fournier

O bosque das
ilusões perdidas

Círculo do Livro

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: “Le Grand Meaulnes”

© Librairie Arthème Fayard et Émile-Paul Frères, 1972

Tradução: Maria Helena Trigueiros

Capa: Massao Hotoshi

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Editora Nova Fronteira S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado em oficinas próprias

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

81 83 84 82

A minha irmã Isabelle

Primeira parte

O aluno interno

Chegou a nossa casa em um domingo de novembro de 189...

Continuo a dizer “nossa casa” apesar de ela não mais nos pertencer. Deixamos a região há muitos anos, e por certo nunca mais voltaremos lá.

Morávamos nas dependências do Curso Superior de Sainte-Agathe. Meu pai, a quem eu chamava Sr. Seurel tal como os outros alunos, dirigia ao mesmo tempo o curso superior, que dava a licenciatura para o magistério, e o curso médio. Minha mãe ensinava as turmas infantis.

Era uma casa vermelha, comprida, com cinco portas envidraçadas sombreadas por trepadeiras, situada na extremidade do povoado; tinha um imenso pátio de recreio, parte coberta por um telheiro, e a lavanderia, que comunicava com o povoado por um grande portão. Ao norte passava a estrada à qual dava acesso uma pequena cancela, estrada esta que levava a La Gare, a três quilômetros de distância; nos fundos e para o sul havia campos, jardins e pradarias que se estendiam até os limites da povoação... Eis um rápido esboço desta casa onde decorreram os dias mais atormentados e mais gratos da minha vida — casa de onde partiram nossas aventuras para afinal ali voltarem como ondas quebrando contra um rochedo solitário.

O acaso de uma mudança de posto, uma decisão de um inspetor escolar tinham-nos levado para lá... Perto do fim das férias, há muito tempo, um carro de camponeses que precedia nossa mobília nos tinha ali deixado, a minha mãe e a mim, diante da pequena cancela enferrujada. Alguns meninos que roubavam pêssegos no jardim fugiram silenciosamente pelos buracos da cerca de arbustos...

Minha mãe, a quem tratávamos por Millie e que era a dona-de-casa mais meticulosa que jamais conheci, entrou imediatamente nos quartos cheios de palha poeirenta e logo verificou com desespero, como acontecia cada vez que havia uma mudança, que os nossos móveis nunca iriam se ajeitar em uma casa tão mal-dividida... Ela saíra de novo de casa para me confidenciar sua tristeza. Enquanto falava ia limpando suavemente com o lenço meu rosto de criança sujo da viagem. Depois voltou a entrar para contar todas as portas e janelas que seria preciso condenar para tornar aquela casa habitável... Quanto a mim, coberto por um grande chapéu de palha de longas fitas pendentes, ali continuei, pisando o saibro daquele pátio desconhecido, esperando, examinando minuciosamente o local, desde o poço até o galpão.

É assim, pelo menos, que hoje imagino a nossa chegada. Porque sempre que quero reencontrar a recordação dessa primeira tarde de espera no pátio de Sainte-Agathe logo me lembro de outras esperas; logo me vejo, as mãos apoiadas nos varões do portão, observando com ansiedade alguém que vai descendo a rua principal. E quando tento imaginar a primeira noite que passei na minha água-furtada, no meio dos sótãos do primeiro andar, logo outras noites me vêm à lembrança; já não estou mais sozinho nesse quarto; uma longa sombra inquieta e amiga passeia e se projeta nas paredes. E toda essa tranqüila paisagem — a escola, o campo do Tio Martin, com suas três nogueiras, o jardim, invadido todo dia a partir das quatro horas da tarde por mulheres que vinham de visita — está para sempre fixada em minha memória, agitada e transformada pela presença daquele que perturbou a nossa adolescência e que,

mesmo depois de sua fuga, não nos deixou em paz.

Já havia no entanto dez anos que habitávamos essa região quando Meaulnes chegou.

Eu tinha quinze anos. Era um domingo frio de novembro, o primeiro dia de outono a anunciar o inverno. Durante todo o dia Millie tinha estado à espera de que chegasse de La Gare um carro que devia trazer-lhe um chapéu para a estação fria. De manhã faltara à missa; e eu, até a hora do sermão, sentado no coro com as outras crianças, olhara ansiosamente para o lado dos sinos para vê-la entrar com o seu chapéu novo.

Pela tarde, tive novamente que partir sozinho para assistir ao ofício vespertino.

— Aliás — ela me disse, para consolar-me, escovando com a mão minha roupa de menino —, mesmo que esse chapéu tivesse chegado, provavelmente teria sido necessário que eu ficasse o domingo todo em casa a refazê-lo.

Muitos dos nossos domingos se passavam assim. Logo pela manhã meu pai ia para longe, para qualquer lago coberto de bruma, de barco, pescar lúcius; minha mãe se retirava até a noite no quarto sombrio para renovar seu modesto vestuário. Fechava-se no quarto assim desse jeito temendo que alguma das senhoras suas amigas, tão pobres quanto ela mas igualmente orgulhosas, a viesse surpreender. E eu, acabado o ofício vespertino, esperava lendo, na fria sala de jantar, que ela abrisse a porta para que eu visse se lhe ia bem o arranjo que fizera.

Nesse domingo uma desusada animação junto da igreja me atrasou depois do ofício vespertino. Um batizado tinha aglomerado alguns rapazes. Na praça, vários homens do povoado, com seus uniformes de bombeiro, batiam os pés, transidos de frio, escutando Boujardon, o brigadeiro, se perdendo na explicação da teoria...

Os sinos que anunciavam o batizado pararam de súbito, como se o repicar festivo se tivesse enganado de dia e lugar; Boujardon e os homens a quem dava instrução, machado a tiracolo, levaram correndo o carro dos bombeiros; e eu os vi desaparecer na primeira esquina, seguidos de quatro rapazes silenciosos, esmagando sob as grossas solas a geada da estrada, onde não ousei segui-los.

Na povoação, apenas o café do Daniel continuava animado e eu podia escutar o som abafado das discussões dos freqüentadores, subindo e depois se acalmando. E, colado ao muro baixo do grande pátio que separava a nossa casa do povoado, cheguei, um pouco inquieto com o meu atraso, à pequena cancela.

Estava entreaberta, e de imediato me apercebi de que algo insólito se passava.

Com efeito, à porta da sala de jantar — a mais próxima das cinco portas envidraçadas que davam para o pátio — uma mulher de cabelos grisalhos, curvada, procurava espreitar através das cortinas. Era pequena e usava um chapéu de veludo fora de moda. Tinha um rosto fino e magro, desfigurado pela inquietação; e ao avistá-la não sei que apreensão me fez parar no primeiro degrau, diante da cancela.

— Onde se meteu ele? Meu Deus! — murmurava ela a meia voz. — Estava ainda há pouco junto de mim. Certamente já deu a volta à casa. Talvez até já tenha fugido...

E entre cada frase batia na janela três pancadinhas imperceptíveis.

Ninguém vinha abrir a porta à visitante desconhecida. Millie certamente recebera o chapéu de La Gare e, não escutando nada, lá estaria no fundo do quarto vermelho, diante de uma cama repleta de fitas velhas, plumas desfrisadas, cosendo e descosendo para reformar o modesto chapéu... De fato, quando entrei na sala de jantar, imediatamente seguido pela visitante,

apareceu minha mãe segurando na cabeça com ambas as mãos uns arames, fitas e plumas ainda não perfeitamente equilibrados... Sorriu para mim, os olhos fatigados por estar trabalhando até o fim do dia, e exclamou:

— Veja! Estava-o esperando para mostrar...

Mas avistando aquela mulher sentada na poltrona grande, ao fundo da sala, parou desconcertada, e durante toda a cena que se seguiu continuou segurando de encontro ao peito o chapéu que, de copa para cima, mais parecia um ninho, descansando na curva do seu braço direito.

A desconhecida, que agarrava entre os joelhos um guarda-chuva e uma bolsa de couro, tinha começado a se explicar, meneando levemente a cabeça e dando estalidos com a língua, como muitas vezes faziam as mulheres que costumavam nos visitar. Recuperara todo o seu sangue-frio. Evidenciou até, desde que falou no filho, um ar superior e misterioso que nos intrigou.

Tinham vindo ambos de carro de La Ferté d'Angillon, a catorze quilômetros de Sainte-Agathe. Viúva — e muito rica, segundo nos deu a entender —, perdera o mais novo de seus dois filhos, Antoine, que morrera uma tarde, de volta da escola, ao tomar banho com o irmão em um lago pantanoso. Decidira colocar o mais velho, Augustin, interno em nossa casa, para que pudesse freqüentar o curso superior.

E imediatamente fez o elogio desse pensionista que nos trazia. Não parecia mais aquela mulher de cabelos grisalhos que eu avistara, curvada junto da porta, minutos antes, com um ar ansioso, como uma galinha que tivesse perdido o pinto mais bravio de sua ninhada.

O que ela, com admiração, contava do filho era bastante surpreendente: ele gostava de lhe proporcionar pequenas alegrias e, por vezes, seguia pela margem dos rios, descalço e de pernas nuas, quilômetros a fio, para lhe trazer ovos de galinhas-d'água e de patas bravas que encontrava aninhados entre os juncais... Também colocava armadilhas... Uma dessas noites tinha descoberto uma faisoa presa em um laço...

Eu, que quase não ousava regressar a casa apenas porque tinha feito um rasgão na minha blusa, olhava Millie com espanto.

Mas minha mãe não estava mais escutando. Até fizera sinal à senhora para que se calasse; e, depondo com precaução o “ninho” em cima da mesa, levantou-se silenciosamente, como se quisesse surpreender alguém...

Com efeito, no andar de cima, em um depósito onde se atulhavam os fogos de artifício enegrecidos da festa do último 14 de Julho, um passo desconhecido, seguro, ia e vinha, fazendo estremecer o teto, atravessando os imensos sótãos tenebrosos do primeiro andar; por fim este passo se perdia nos quartos abandonados dos empregados, onde agora se punha a tília para secar e as maçãs para amadurecer.

— Já tinha escutado há pouco esse ruído nos quartos de baixo — disse Millie a meia voz —, e pensei que era você, François, que tinha voltado...

Ninguém respondeu. Estávamos os três de pé, com o coração alvoroçado, quando se abriu a porta do sótão, que dava para a escada da cozinha; alguém desceu os degraus e apareceu na porta escura da sala de jantar.

— É você, Augustin? — perguntou a senhora.

Era um rapagão alto, de mais ou menos dezessete anos. A princípio apenas vi, na noite que caía, o chapéu de feltro, de camponês, colocado para trás e a blusa negra apertada por um cinto, como usam os estudantes. Pude também perceber que sorria...

Ele me viu e antes que alguém lhe pedisse qualquer explicação perguntou:

— Quer vir comigo para o pátio?

Hesitei por um segundo. Depois, como Millie não me retivesse, peguei meu gorro e fui com ele. Saímos pela porta da cozinha e fomos para o pátio de recreio, que a escuridão já invadia. À luz do fim do dia eu ia olhando, enquanto caminhava, aquela face angulosa, de nariz reto e um leve buço sombreando o lábio superior.

— Olhe aí o que encontrei no seu sótão — disse ele. — Você nunca esteve lá espiando?

Segurava na mão uma pequena roda de madeira enegrecida. Circundava-a um cordão de foguetes já deflagrados; devia ter sido o sol ou a lua no fogo de artifício da festa de 14 de Julho.

— Aqui há dois que ainda não estouraram: vamos pôr-lhes fogo — disse tranqüilamente e com o ar de quem espera encontrar depois coisa melhor ainda. Jogou o chapéu no chão e observei que usava o cabelo completamente raspado, como um camponês. Mostrou-me os dois foguetes com os pedaços das mechas de papel que o fogo tinha cortado, enegrecido e depois abandonado. Espetou na areia o cabo da roda, tirou do bolso uma caixa de fósforos — com grande espanto meu, pois isso nos era formalmente proibido. Baixando-se com precaução, pôs fogo à mecha. Depois, tomando minha mão, puxou-me energicamente para trás.

Logo em seguida minha mãe, que surgia no limiar da porta com a mãe de Meaulnes, depois de ter discutido e fixado o preço da pensão, viu jorrar do pátio de recreio, com um ruído de sopro, dois repuxos de estrelas vermelhas e brancas; e durante um segundo ela pôde me avistar, à luz do clarão mágico, de mãos dadas com o rapagão recém-chegado, sem arredar pé...

Daquela vez ainda ela não ousou dizer nada.

E à noite, ao jantar, tivemos em nossa mesa de família um companheiro silencioso, comendo de cabeça baixa, sem se preocupar com os três pares de olhos fixados nele.

II

Depois das quatro horas

Até ali eu nunca tivera o hábito de andar pelas ruas com os rapazes do povoado. Uma doença numa perna, da qual sofri até mais ou menos esse ano de 189..., tinha-me tornado tímido e infeliz. Vejo-me ainda seguindo os ágeis rapazes, pelas ruazinhas que rodeavam a casa, saltando tristemente em uma perna só...

Por isso não me deixavam sair. E lembro-me de que Millie, muito orgulhosa de mim, me trouxe mais de uma vez para casa à força de pancada, por me ter encontrado assim, me arrastando aos saltinhos, atrás da rapaziada do povoado.

A chegada de Augustin Meaulnes, que coincidiu com a cura da minha perna, foi o começo de uma vida nova.

Antes de sua vinda, depois da aula terminada, começava para mim um longo serão solitário. Meu pai transportava as brasas do fogão da sala de aula para a chaminé da sala de jantar; e pouco a pouco, os últimos rapazes retardatários abandonavam a escola que arrefecia e onde ficavam rolando turbilhões de fumaça. No pátio, ainda continuava uma ou outra brincadeira e havia correrias... A noite caía. Os dois alunos que tinham varrido a sala de aula procuravam no depósito os capuzes e os casacões e partiam, apressados, as pastas debaixo do braço, deixando o grande portão aberto...

Então, enquanto perdurava um pouco da claridade do dia, eu ficava no fundo da prefeitura, encerrado no gabinete dos arquivos, cheio de moscas mortas e de cartazes batendo ao vento, e lia sentado em uma velha balança decimal, junto de uma janela que dava para o jardim.

Ao escurecer, quando os cachorros da chácara vizinha começavam a latir e a vidraça da nossa pequena cozinha se iluminava, eu afinal regressava a casa. Minha mãe já havia começado a preparar a refeição. Eu subia os três degraus da escada do sótão; sentava-me sem pronunciar palavra e, com a cabeça apoiada nos frios varões do corrimão, olhava minha mãe acender o fogo, na exígua cozinha onde vacilava a chama de uma vela.

Mas alguém chegou e me arrancou a todos esses prazeres de menino tranqüilo. Alguém soprou a vela que iluminava para mim o doce rosto materno, inclinado sobre a refeição noturna. Alguém apagou a lâmpada em redor da qual, na hora do serão, éramos uma família feliz, depois de meu pai ter colocado os taipais de madeira que defendiam as janelas envidraçadas. E esse alguém foi Augustin Meaulnes, o mesmo que, passado algum tempo, era chamado pelos outros alunos de “Grande Meaulnes”.

Assim que ele se instalou em nossa casa como pensionista, quer dizer, a partir dos primeiros dias de dezembro, a escola deixou de ficar deserta à tarde, depois das quatro horas. Apesar do frio que a porta deixava entrar, dos gritos dos alunos que varriam a sala de aula e de seus baldes de água, sempre ficavam na sala, depois da aula, uns vinte alunos dos mais velhos, tanto do campo como do povoado, em grupo, rodeando Meaulnes. E havia longas conversas, discussões, debates, nos quais eu me imiscuía com inquietação e prazer. Meaulnes quase sempre ficava calado; mas era a ele que, a cada instante, qualquer dos mais faladores se dirigia, do meio do grupo, e tomando como testemunha cada um dos companheiros que o apoiavam ruidosamente contava qualquer história de travessuras, ouvida atentamente por

todos os outros de boca aberta, rindo silenciosamente.

Sentado em uma carteira, balançando as pernas, Meaulnes pensava. Nos momentos engraçados das histórias ele também ria, mas devagarinho, como se reservasse as gargalhadas para uma história melhor que só ele conhecesse. Depois, no fim do dia, quando pelos vidros da janela já não entrava nenhuma claridade que iluminasse o confuso grupo de jovens, Meaulnes levantava-se repentinamente e, atravessando o círculo que o comprimia, gritava:

— Vamos, a caminho!

Então todos o seguiam e seus gritos podiam ser ouvidos pela noite escura, até os confins do povoado...

Acontecia às vezes, agora, eu acompanhá-los. Ia com Meaulnes até a porta dos estábulos dos arredores, à hora em que se mungiam as vacas... Entrávamos nas oficinas de tecelagem e, da obscuridade do fundo, por entre o ruído do tear, o tecelão dizia:

— Olha, aqui estão os estudantes!

Geralmente à hora do jantar estávamos perto da escola, em casa de Desnoues, o carpinteiro, também ferrador. A loja dele era um antigo albergue, com portas grandes, de dois batentes, que ficavam sempre abertas. Já da rua se ouvia o ranger do fole, e ao clarão da forja avistávamos por vezes, nesse lugar ao mesmo tempo escuro e cintilante, gente do campo que havia parado seus carros para conversar por instantes; outras vezes um estudante como nós, encostado ao umbral da porta, olhava em silêncio.

E foi aí que tudo começou, mais ou menos oito dias antes do Natal.

III

“*Eu freqüentava a loja de um cesteiro*”

Durante todo o dia a chuva caía e só parara à noitinha. O dia fora de um aborrecimento mortal. Nos intervalos do recreio ninguém saía. E a cada momento se escutava meu pai, o Sr. Seurel, gritar na aula:

— Não batam assim com os pés, rapazes!

Depois do último recreio do dia, ou, como dizíamos, depois do último “quarto de hora”, o Sr. Seurel, que fazia algum tempo caminhava pensativamente de um lado para outro, bateu fortemente com a régua em cima da mesa para interromper o confuso murmurejar dos fins das aulas aborrecidas. No súbito silêncio atento perguntou:

— Quem quer ir amanhã de carro a La Gare, com François, apanhar o Sr. e a Sra. Charpentier?

Eram os meus avós: o avô Charpentier, velho guarda-florestal aposentado, usava uma grande capa de lã cinza e um gorro de pele de coelho a que chamava o seu quepe... A meninada conhecia-o bem. Todas as manhãs, para se lavar, tirava do poço um balde de água, com o qual se ensaboava à maneira dos velhos soldados, esfregando vagamente a barbicha. As crianças o rodeavam, as mãos atrás das costas, observando-o com curiosidade respeitosa... Também conheciam a avó Charpentier, a camponesinha de gorro de tricô, porque Millie a levava, pelo menos uma vez por semana, à aula dos mais jovens.

Todos os anos íamos buscá-los, alguns dias antes do Natal, em La Gare, no trem das dezesseis e dois. Para nos visitar atravessavam todo o departamento, carregando sacos de castanhas e outras guloseimas de Natal enroladas em guardanapos. Logo que transpunham o limiar da casa, agasalhados até as orelhas, sorridentes e um pouco intimidados, fechávamos todas as portas, certos de que, a partir desse momento, começava uma semana de alegria...

Para dirigir comigo o carro que ia buscá-los era necessário encontrar uma pessoa ajuizada, que não permitisse que tombássemos nas valas, mas que fosse também bastante bonachão porque o avô Charpentier facilmente dizia palavrões e a avó era muito tagarela.

À pergunta do Sr. Seurel, respondeu uma dúzia de vozes que gritaram juntas:

— O Grande Meaulnes! O Grande Meaulnes! Mas o Sr. Seurel fez de conta que não escutara. Então alguns gritaram:

— Fromentin!

E outros:

— Jasmin Delouche!

O caçula dos Roy, que corria os campos montado em sua porca lançada à desfilada, gritava: — Eu! Eu! — com voz estridente.

Dutremblay e Moucheboeuf contentavam-se em levantar timidamente a mão.

Eu teria preferido que fosse Meaulnes o escolhido. Aquela pequena viagem em carro puxado a burro teria se tornado um acontecimento mais importante. Ele também o desejava tanto quanto eu, mas calava-se, afetando desdém. Todos os alunos mais velhos se tinham sentado, como ele, na mesa, meio de lado, os pés sobre o banco, como costumávamos fazer nos momentos de repouso e de grande contentamento. Coffin, com a blusa arregaçada e

enrolada em volta da cintura, abraçava a coluna de ferro que sustentava a viga do teto da sala, em sinal de alegria. Mas o Sr. Seurel gelou todo mundo dizendo:

— Pois então irá Moucheboeuf.

Às quatro horas, no enorme pátio gelado, em cujo saibro a chuva formara grandes sulcos, encontrava-me sozinho com Meaulnes. Ambos, sem dizer palavra, olhávamos o povoado, reluzente de chuva que o vento ia aos poucos secando. Pouco depois Coffin, de capuz e segurando na mão um pedaço de pão, saiu da casa dele e, colado às paredes, chegou à porta do ferrador e assoviou. Meaulnes abriu o portão, chamou por ele e, um instante depois, estávamos os três instalados ao fundo da oficina, avermelhada e quente, invadida de vez em quando por rajadas de vento glacial: Coffin e eu sentados junto da forja, os pés enlameados afundados nas aparas de madeira que cobriam o chão; Meaulnes, as mãos nos bolsos, calado, encostado à porta de entrada. De tempos em tempos, na rua, passava uma senhora do povoado que, cabeça baixa por causa do vento, regressava do açougue, e levantávamos os olhos para ver quem era.

Todo mundo estava calado. O ferrador e o ajudante, um soprando o fole, o outro malhando o ferro, projetavam na parede grandes sombras brucas... Essa noite ficou-me na lembrança como uma das grandes noites da minha adolescência. Existia em mim um misto de prazer e ansiedade: temia que meu companheiro me roubasse essa pobre alegria de ir a La Gare de carro; e, no entanto, esperava dele, sem ousar confessá-lo a mim próprio, qualquer empreendimento extraordinário que viesse transtornar tudo.

Volta e meia o trabalho tranqüilo e regular da oficina se interrompia por instantes. O ferrador deixava cair o martelo na forja, em pequenas pancadas pesadas e nítidas. De tempos a tempos, olhava, aproximando-o do seu avental de couro, o pedaço de ferro que estava trabalhando. E erguendo a cabeça, dizia-nos, apenas para recobrar o fôlego:

— Então, rapaziada, como vai isso?

O operário ficava de mão no ar, junto do fole, colocava o punho esquerdo na anca e olhava-nos sorrindo.

Depois o trabalho ruidoso recomeçava.

Durante um desses intervalos, vimos pela porta Millie, que passava naquela ventania apertando um xale contra o peito, carregada de embrulhos.

O ferrador perguntou:

— Será que o Sr. Charpentier vai chegar breve?

— Chega amanhã — respondi — com minha avó. Vou buscá-lo de carro no trem das quatro horas e dois minutos.

— Vão no carro de Fromentin?

Respondi depressa:

— Não. Vamos no carro do Sr. Martin.

— Oh! Então vocês não vão voltar nunca mais. E ambos começaram a rir.

O operário observou, falando devagar, somente talvez para dizer qualquer coisa:

— Com a égua de Fromentin podiam até ir buscá-los em Vierzon. O trem pára lá uma hora. Fica a quinze quilômetros. Você estariam de volta antes mesmo de o burro do Sr. Martin estar atrelado.

— Isso — disse o outro — é que é uma égua para andar!...

— Creio que Fromentin a emprestaria facilmente.

A conversa acabou aí. De novo a oficina se tornou um lugar cheio de fagulhas e ruído e cada qual ficou pensando em seus assuntos.

Mas quando chegou a hora de partir e me levantei para avisar o Grande Meaulnes, ele não reparou em mim Encostado à porta, cabeça baixa, parecia profundamente absorvido pelo que acabara de ouvir. Vendo-o assim perdido em cogitações, como se olhasse através de léguas de bruma essa tranqüila gente trabalhando, pensei de súbito naquela imagem de Robinson Crusoe, em que se vê o adolescente inglês, antes da partida para sua grande viagem, “visitando a loja de um cesteiro”.

E mais tarde, muitas vezes voltei a pensar nisso.

IV

A evasão

No dia seguinte, à uma hora da tarde, a sala de aula do curso superior está cheia de claridade, no meio da paisagem, como um barco no meio do oceano. Não se sente o cheiro do sal ou do óleo, como em um barco de pesca, mas sim o dos arenques grelhados no fogão e o da lã chamuscada dos que, ao entrarem, se chegaram perto demais do fogo.

Tinham sido distribuídos, porque o fim do ano se aproximava, os cadernos dos exercícios. Enquanto o Sr. Seurel escreve no quadro-negro o enunciado dos problemas, um silêncio incompleto se estabelece, misturado de conversas em voz baixa, cortado de gritinhos abafados e frases das quais se pronunciam apenas as primeiras palavras para assustar o vizinho:

— Professor! Fulano de tal me...

O Sr. Seurel, copiando os problemas, está pensando em outra coisa e, de tempos em tempos, volta-se e olha todo mundo com um ar ao mesmo tempo severo e ausente. E de súbito aquele rebuliço pára completamente um segundo para recomeçar em seguida, a princípio baixinho como um sussurro. Naquela agitação apenas eu estou calado. Sentado no extremo do banco, em uma das mesas da seção dos mais jovens, junto das grandes vidraças, basta erguer-me só um pouquinho para enxergar o jardim, o regato embaixo e depois os campos.

De vez em quando levanto-me na ponta dos pés e olho ansiosamente para o lado da Fazenda Belle-Étoile. Desde que a aula começou eu reparara que o Grande Meaulnes não voltara do recreio do meio-dia. Certamente seu companheiro de carteira também o tinha notado. Mas ainda não falara nada, preocupado com a redação. Mas basta que ele levante a cabeça para que a novidade corra pela sala e alguém não deixará de gritar em voz alta, como é costume, as primeiras palavras da frase:

— Professor! Meaulnes...

Eu sei que Meaulnes foi embora. Mais exatamente, suspeito que ele fugiu. Logo depois do almoço deve ter saltado o muro baixo e partido pelos campos afora, atravessando o riacho em Vieille Planche, continuando até a Belle-Étoile. Decerto fora pedir a égua emprestada para buscar o Sr. e a Sra. Charpentier. Deve estar atrelando-a nesse momento.

A Belle-Étoile fica longe, do outro lado do regato, no sopé do monte, uma grande fazenda que os olmos e os carvalhos do pátio ocultam durante o verão. Fica junto do caminho que de um lado conduz à estrada de La Gare e do outro aos confins do povoado. Rodeada de altos muros sustentados por pilares cujas bases mergulham no estrume, aquela grande construção feudal fica, durante o mês de junho, escondida pela folhagem. Da escola apenas se escuta, ao cair da tarde, o ranger das rodas das carroças e os gritos dos vaqueiros. Mas hoje posso distinguir através do vidro, por entre as árvores despojadas, o alto muro acinzentado do pátio, a porta de entrada e, pelas falhas de sebe, parte do caminho que leva a La Gare, branco de geada, paralelo ao regato.

Ainda não há sinal de vida nesta clara paisagem de inverno. Nada ainda mudou.

Agora, na sala, o Sr. Seurel acabou de copiar o segundo problema. De hábito nos dá três para fazer. Se hoje, por acaso, ele só desse dois... Voltaria imediatamente para sua cadeira, notaria a ausência de Meaulnes... Mandaria dois rapazes à procura dele, e certamente

conseguiriam descobri-lo antes que a égua estivesse atrelada...

O Sr. Seurel, copiado o segundo problema, deixa cair um instante o braço fatigado... Depois, para grande alívio meu, recomeça a escrever dizendo:

— Isso agora é brinquedo de criança!

... Dois pequenos traços negros que ultrapassam o muro da Belle-Étoile e que devem ser os varais erguidos de um carro desapareceram. Agora tenho certeza de que lá se estão fazendo preparativos para a partida de Meaulnes. Lá está a égua, que passa a cabeça e o peitoral entre as duas pilastras da entrada, depois pára, enquanto provavelmente prendem na parte de trás da viatura um segundo assento para os viajantes que Meaulnes pretende ir buscar. Por fim o carro atrelado sai lentamente do pátio, desaparece um momento por trás da sebe e reaparece com a mesma lentidão no pequeno trecho de caminho esbranquiçado que se avista por entre dois pedaços da cerca. Posso reconhecer, então, na figura negra que segura as rédeas, o meu companheiro Augustin Meaulnes.

Passado um instante tudo desaparece por trás da sebe. Dois homens que ficaram ao portão da Belle-Étoile vendo o carro partir conversam agora com crescente animação. Um deles, então, as mãos em concha, põe-se a chamar Meaulnes e depois começa a correr pelo caminho atrás dele... Mas então, no carro que lentamente já chegou à estrada para La Gare e que já não pode ser visto do atalho, Meaulnes muda subitamente de atitude. Com um pé apoiado na frente, erguido como um condutor de carro romano, sacudindo as rédeas com as duas mãos, lança o animal à disparada e numa fração de segundo desaparece do outro lado da encosta. No caminho, o homem que o chamava recomeçara a correr; o outro lançara-se também correndo através dos campos e parece dirigir-se para nós.

Passados alguns minutos, no exato momento em que o Sr. Seurel, deixando o quadro-negro, limpava as mãos do giz, três vozes simultâneas gritam do fundo da sala:

— Professor! O Grande Meaulnes foi embora!

O homem da blusa azul está já à porta que abre de par em par e, levantando o chapéu, pergunta:

— Desculpe, Sr. Seurel, foi o senhor quem autorizou aquele aluno a pedir o carro para ir a Vierzon buscar os seus sogros? Estamos desconfiados...

— Mas claro que não fui eu! — responde o Sr. Seurel. E imediatamente se espalha pela aula uma imensa confusão. Os três primeiros, que ficavam mais perto da saída, habitualmente encarregados de afugentar a pedradas as cabras e porcos que acaso viessem pastar no pátio e comer as flores, se precipitaram para a porta. Ao estrépito violento de pés batendo nas lajes da escola segue-se, lá fora, o ruído abafado dos passos precipitados esmagando o saibro do pátio e escorregando na curva da pequena cancela aberta para a estrada. Todos os outros se aglomeram às janelas que dão para o jardim. Alguns sobem nas mesas para ver melhor...

Mas é tarde demais. O Grande Meaulnes fugiu.

— De qualquer jeito você irá a La Gare com Moucheboeuf — me diz o Sr. Seurel. — Meaulnes não conhece o caminho para Vierzon. Vai se perder nas encruzilhadas. Não chegará lá nem dentro de três horas.

À entrada da pequena sala de aula aparece a cabeça de Millie, que pergunta:

— Mas que aconteceu?

Na rua começa a juntar gente. O camponês continua ali, imóvel, teimoso, chapéu na mão, como alguém que pede justiça.

V

O carro que volta

Depois de eu ter trazido meus avós de La Gare, terminado o jantar, todos sentados diante da alta lareira, eles começaram a contar em pormenores tudo o que acontecera desde as últimas férias. Porém, logo me dei conta de que não os estava escutando.

A pequena cancela do pátio ficava bem perto da porta da sala de jantar. Rangia quando era aberta. Habitualmente, no princípio da noite, durante os nossos serões campestres, eu esperava secretamente o rangido da cancela. Era sempre seguido de um ruído de passos soando no caminho ou de pés se limpando no capacho da entrada, e por vezes também de um murmúrio, como se as pessoas estivessem combinando algo antes de entrar. E alguém então batia à porta. Era um vizinho, as professoras, alguém enfim que nos vinha distrair no longo serão.

Ora, nessa noite eu não esperava ninguém de fora, já que todos os que amava estavam reunidos em nossa casa; todavia, não deixava de prestar atenção a todos os ruídos da noite e de esperar que se abrisse nossa porta.

Estava ali o velho avô, com seu ar rude de pastor gascão, seus pesados pés virados para a frente, bem sólidos no chão, inclinando o ombro para bater com o cachimbo na sola do sapato. Aprovava com seu olhar úmido e bom tudo que minha avó dizia, sobre a viagem, as galinhas, os vizinhos e os camponeses que ainda não tinham pago as rendas. Mas eu não estava mais ali com eles.

Imaginava o rodar do carro que iria parar subitamente diante da porta. Meaulnes iria saltar e entrar como se nada se tivesse passado... Ou talvez fosse primeiro levar a égua à Belle-Étoile; em breve escutaria o passo dele ressoar na estrada e abrir-se a cancela.

Mas nada. O avô olhava fixamente em frente e as pálpebras, ao baterem, paravam longamente sobre os olhos, como se o sono se aproximasse. A avó repetia, embaraçada-mente, a última frase, que ninguém escutara.

— Vocês estão preocupados com esse rapaz? — perguntou por fim.

Em La Gare, efetivamente, em vão eu lhe fizera perguntas. Não tinha visto ninguém na parada de Vierzon que se parecesse com o Grande Meaulnes. Meu companheiro certamente se demorara pelo caminho. Falhara sua tentativa. Durante o retorno, no carro, eu ruminara minha decepção, enquanto a avó conversava com Moucheboeuf. Na estrada embranquecida pela geada os pássaros esvoaçavam junto das patas do burro que trotava. De tempos a tempos, na imensa calma daquela tarde gelada, subia o longínquo apelo de uma pastora ou de um menino comunicando-se com o companheiro, de uma moita de pinheiros para a outra. E cada vez que soavam, esses gritos prolongados nas colinas desertas faziam-me estremecer, como se fosse a voz do Grande Meaulnes me convidando a segui-lo para longe...

Enquanto eu ia pensando em tudo isso chegou a hora de ir para a cama. O avô já se tinha retirado para o quarto vermelho, um quarto-salão, úmido e gelado por ter estado fechado desde o inverno anterior. Para que ele ali se instalasse tinham sido retirados os panos de renda que protegiam as cabeças que se lhes encostavam, o tecido das poltronas, levantados os tapetes e recolhidos os objetos frágeis. O avô colocara seu cajado em cima de uma cadeira e

os sapatos grossos debaixo de uma poltrona; acabava de soprar a vela e estávamos de pé dando boa-noite uns aos outros, prestes a nos separar para irmos dormir, quando um ruído de carros nos silenciou. Parecia tratar-se de dois veículos, um seguindo o outro, ao trote lento dos cavalos. Depois foram-se tornando ainda mais lentos e acabaram por parar sob a janela da sala de jantar, que dava para a estrada, condenada havia muito tempo.

Meu pai tomara a lanterna e, sem esperar, abriu a porta, que já tinha sido fechada a chave. Depois, empurrando a cancela, avançou até os degraus, levantando a luz acima da cabeça para ver o que se passava.

Realmente estavam parados dois carros, o cavalo de um preso atrás do outro. Um homem descera, hesitante.

— É aqui a prefeitura? — perguntou ao se aproximar. — Pode me informar onde mora o Sr. Fromentin, rendeiro da Belle-Étoile? Encontrei o carro dele e a égua vagueando sem condutor, ao longo de um atalho perto da estrada de Saint-Loup des Bois. Com minha lanterna pude ver na placa o nome e o endereço do dono. Como era meu caminho trouxe o carro de volta para evitar acidentes, mas foi um grande atraso para mim.

Continuamos ali parados, estupefatos. Meu pai aproximou-se; iluminou o carro com a lanterna.

— Nem sequer tem sinais de ter trazido alguém — prosseguiu o homem. — Nem uma manta traz. O animal está cansado; até está mancando um pouco.

Eu tinha-me aproximado da frente e junto dos outros olhava aquele carro perdido que voltava para nós tal como um destroço trazido pela maré cheia — o primeiro destroço, e talvez o último, da aventura de Meaulnes.

— Se o tal Fromentin mora muito longe — disse o homem —, vou deixar o carro aqui com vocês. Já perdi muito tempo e em minha casa devem estar preocupados.

Meu pai concordou. Assim, poderíamos, nessa mesma noite, reconduzir o carro à Belle-Étoile sem contar o que se tinha passado. Mais tarde se combinaria o que iríamos dizer ao pessoal do local e escrever à mãe de Meaulnes... E o homem chicoteou o animal que puxava seu carro, recusando o copo de vinho que lhe oferecíamos.

Do fundo do quarto onde reacendera a vela, enquanto entrávamos em casa calados e meu pai levava o carro à fazenda, meu avô perguntava:

— Então, será que esse viajante já está de volta?

Rapidamente as mulheres se entreolharam, cúmplices:

— Voltou, sim. Foi visitar a mãe. Vá dormir. Não se preocupe!

— Pois bem, tanto melhor. Era o que eu pensava — disse.

E, satisfeito, apagou a luz, se ajeitando na cama para dormir.

Foi essa mesma explicação que demos à gente do povoado. Quanto à mãe do fugitivo, ficou decidido que iríamos esperar um pouco mais, antes de escrever. E calamos entre nós nossa inquietação, que durou três longos dias. Parece que ainda vejo meu pai voltando da fazenda, quase onze horas, bigode molhado pela umidade da noite, discutindo com Millie, em voz baixa mas angustiada e colérica...

VI

Batem à vidraça

O quarto dia foi um dos mais frios daquele inverno. Logo pela manhã os primeiros alunos chegados ao pátio aqueciam-se correndo em redor do poço. Esperavam que se acendesse o fogão da sala, na escola, para se precipitarem sala adentro.

Atrás do portão ficavam sempre vários rapazes espiando a chegada dos rapazes dos campos. Vinham com os olhos ainda deslumbrados por terem atravessado paisagens cobertas de geada, olhando os lagos gelados, as moitas de onde as lebres corriam velozes... Suas blusas vinham impregnadas de um cheiro de feno e cavaliariça que tornava pesado o ar da sala quando se reuniam em torno do fogão, aquecido até ficar rubro. E naquela manhã um deles tinha trazido num cesto um esquilo enregelado que encontrara no caminho, e tentava, se bem me lembro, prendê-lo ao poste do pátio.

Depois começou a opressiva aula de inverno...

Uma pancada brusca na vidraça nos fez levantar a cabeça. Através do vidro avistamos o Grande Meaulnes, sacudindo, antes de entrar, a geada que trazia na blusa. Vinha de cabeça erguida e ar deslumbrado!

Os dois alunos que ficavam mais perto da porta apressaram-se em abri-la: houve à entrada um vago conciliábulo que não conseguimos escutar e por fim o fugitivo decidiu-se a entrar.

Aquela lufada de ar frio vinda do pátio deserto, os pedacinhos de palha que víamos agarrados às roupas do Grande Meaulnes e, principalmente, seu ar de viajante fatigado, faminto mas maravilhado, tudo isso junto nos despertou um misto de prazer e curiosidade.

O Sr. Seurel desceu os dois degraus do estrado de onde fazia um ditado e Meaulnes avançou para ele com expressão agressiva. Recordo como nesse instante o achei belo, o grande companheiro, apesar de seu aspecto esgotado e de seus olhos vermelhos de três noites passadas, talvez, ao relento.

Meaulnes avançou até a cátedra e disse, em tom seguro de alguém que comunica uma informação:

— Estou de volta, senhor.

— Isso estou vendo muito bem — respondeu o Sr. Seurel, olhando-o com curiosidade. — Pode sentar-se no lugar habitual.

O rapaz voltou-se para nós, as costas um pouco curvadas, sorriso levemente trocista, como sempre fazem os alunos mais crescidos e indisciplinados e que acabam por ser castigados; e agarrando com a mão a extremidade da mesa, deixou-se escorregar até o banco.

— Você vai pegar um livro que vou lhe indicar — disse o mestre; todas as cabeças estavam agora voltadas para Meaulnes. — Enquanto isso seus colegas acabam o ditado.

E a aula recomeçou como antes. De tempos a tempos o Grande Meaulnes voltava a cabeça para o meu lado, depois olhava as janelas, por onde se enxergava o jardim, branco, algodado, estático, e os campos desertos onde às vezes pousava um corvo. Na classe havia um calor pesado, junto do fogão crepitante. Meu camarada, a cabeça entre as mãos, colocou os cotovelos na mesa para ler: por duas vezes vi que suas pálpebras se fechavam e acreditei que ia cair adormecido.

— Gostaria de ir me deitar, senhor — disse por fim, levantando um pouco o braço. — Há três noites que não durmo.

— Pode ir! — falou o Sr. Seurel, desejando evitar algum incidente.

Todos, cabeça levantada e as canetas no ar, pesarosos, o vimos partir, a blusa amarrotada nas costas e os sapatos cobertos de lama.

Como a manhã custou a passar! Perto do meio-dia ouvimos lá em cima, na água-furtada, o viajante que se preparava para descer. Ao almoço encontrei-o sentado diante do fogo, junto de meus avós, atônitos, enquanto soavam as doze badaladas do relógio e os alunos, grandes e pequenos, espalhados pelo pátio coberto de neve, passavam como sombras diante da porta da sala de jantar.

Desse almoço recorde-me de um grande silêncio, um grande mal-estar. Tudo estava gelado: o oleado sem toalha, o vinho frio nos copos, o ladrilho avermelhado onde pousavam nossos pés... Tinha ficado decidido entre nós não fazer perguntas ao fugitivo para não provocar sua revolta. . . E ele aproveitou essa trégua para não pronunciar uma só palavra.

Por fim, acabada a sobremesa, pudemos ambos escapular para o pátio. Pátio de escola, de tarde, onde os tamancos tinham deixado grandes marcas na neve... pátio sombrio, onde o degelo fazia pingar água dos telhados no recreio... pátio repleto de brincadeiras e gritos estridentes! Meaulnes e eu passamos correndo ao longo dos edifícios. Já dois ou três dos nossos amigos do povoado deixavam os outros e corriam até nós, gritando de alegria, fazendo esparrinhar a lama debaixo dos tamancos, as mãos nas algibeiras, o cachecol desenrolado. Mas meu companheiro precipitou-se para a sala de aula; segui-o e ele fechou a porta envidraçada a tempo de evitar o assalto daqueles que nos perseguiram. Houve um ruído claro e violento de vidros socados ressoando no limiar; um embate que fez curvar a haste de ferro que mantinha os dois batentes da porta. Mas já Meaulnes, com risco de se ferir na argola quebrada, tinha dado a volta à pequena chave.

Costumávamos achar tal conduta vexatória. No verão, aqueles que eram assim deixados à porta corriam às carreiras pelo jardim e muitas vezes conseguiam subir por uma das janelas antes que pudéssemos fechá-las todas. Mas estávamos em dezembro e estava tudo fechado. Por instantes houve quem desse empurrões fortes nas portas. Fomos injuriados; depois, um a um, viraram as costas e foram embora, a cabeça baixa, compondo os cachecóis.

Na sala de aula, que cheirava a castanhas e a aguapé, estavam apenas dois varredores que deslocavam as mesas. Aproximei-me do fogão para me esquentar, preguiçosamente, esperando que chamassem para o recomeço da aula, enquanto Augustin Meaulnes procurava algo na mesa do professor e nas carteiras dos alunos. Descobriu ao fim de algum tempo um pequeno atlas que começou a estudar apaixonadamente, de pé, no estrado, cotovelos em cima da mesa e cabeça entre as mãos.

Disponha-me a ir ter com ele; colocaria minha mão em seu ombro e, sem dúvida, seguiríamos os dois juntos, no mapa, o trajeto que ele fizera, quando de súbito a porta de comunicação com a sala de aula menor se abriu sob um empurrão violento e Jasmin Delouche, seguido por um rapaz do povoado, surgiu soltando um grito de triunfo. Certamente uma das janelas da sala pequena estava mal fechada e eles a empurraram, saltando por ela.

Jasmin Delouche, apesar de baixo, era um dos mais velhos do curso superior. Tinha muito ciúme do nosso Grande Meaulnes, embora se dissesse seu amigo. Antes da chegada do nosso pensionista, era ele, Jasmin, o líder da sala. Tinha um rosto bastante pálido, comum, e os

cabelos empastados de brilhantina. Filho único da viúva Delouche, dona do albergue, repetia vaidosamente o que escutava dizer, lá no albergue, aos jogadores de sinuca, aos freqüentadores que iam ali bebericar um vermute.

Quando ele entrou Meaulnes ergueu a cabeça e, de sobrolho franzido, gritou aos rapazes que se precipitavam para junto do fogão, se empurrando uns aos outros:

— Não podemos então ter um segundo de sossego aqui?

— Se você não está contente, devia ter ficado onde estava — respondeu, sem levantar a cabeça, Jasmin Delouche, que se sentia apoiado pelos companheiros.

Penso que Augustin estava em um desses estados de fadiga em que a cólera vem facilmente e nos surpreende sem que a possamos conter.

— Você aí — disse, um pouco pálido e fechando o livro —, você vai começar por sair já!

O outro reagiu:

— Oh! — gritou. — Só porque você esteve fugido três dias pensa que vai mandar agora?

E associando os outros ao seu desafio:

— E não é você que vai nos fazer sair, sabe?

Mas já Meaulnes avançara para ele. Primeiro deram-se uns empurrões; as mangas das blusas estalaram e se descoseram. Apenas Martin, um dos rapazes do campo que entrara com Jasmin, se meteu no meio.

— Você vai deixar ele! — gritou, de narinas abertas, sacudindo a cabeça como um carneiro.

Com um empurrão violento, Meaulnes lançou-o cambaleante, de braços abertos, para o meio da sala; depois, pegando Delouche pelo pescoço com uma das mãos e abrindo a porta com a outra, tentou jogá-lo fora da sala. Jasmin agarrava-se às carteiras, e arrastando os pés no assoalho fazia ranger os tamancos ferrados, enquanto Martin, tendo recuperado o equilíbrio, voltava, de cabeça baixa, furioso. Meaulnes largou Delouche para se haver com aquele imbecil e ia, talvez, encontrar-se em má situação, quando a porta de casa se entreabriu. O Sr. Seurel apareceu, o rosto voltado para a cozinha, como se antes de entrar estivesse terminando uma conversa com alguém...

A luta parou imediatamente. Uns aproximaram-se do fogão, cabisbaixos, tendo evitado, até o fim, tomar partido. Meaulnes sentou-se no seu lugar, as mangas descosidas e rotas. Quanto a Jasmin, congestionado, ainda o ouvimos gritar, naqueles segundos que precederam a batida da régua anunciando o começo da aula:

— Já não atura nada, agora. Ele acha que é esperto. Talvez imagine que não se sabe onde ele esteve!

— Imbecil! Se eu próprio não sei — respondeu Meaulnes, no silêncio que então já era grande.

Depois, encolhendo os ombros, a cabeça entre as mãos, começou a estudar as lições.

VII

O colete de seda

Nosso quarto era, como já disse, uma grande água-furtada. Meio desvão meio quarto. Havia janelas nas outras dependências anexas; não se sabe por que esta era iluminada apenas por uma clarabóia. Era impossível fechar completamente a porta, que emperrava no soalho. Quando à noite subíamos, abrigando com a mão a chama da vela, ameaçada por todas as correntezas de ar daquela grande casa, de cada vez que tentávamos fechar a porta tínhamos que desistir. E toda noite sentíamos em volta de nós, penetrando em nosso quarto, o silêncio dos três sótãos.

Foi lá que nos reencontramos, Augustin e eu, nessa mesma noite de inverno.

Enquanto eu tirava rapidamente toda a roupa e a colocava empilhada em cima de uma cadeira, à cabeceira da cama, meu companheiro, sem falar, começava lentamente a se despir. Da cama de ferro com cortinas de algodão estampado com folhas de vinha eu o acompanhava com o olhar. Enquanto se despia, ora levantava-se e andava de um lado para o outro, ora sentava-se em seu leito baixo e sem cortinas. A vela, colocada sobre uma mesinha de vime trançado por ciganos, passeava na parede a sombra dele, errante e gigantesca.

Ao contrário de mim, Meaulnes dobrava e arrumava, com ar distraído e amargo, mas cuidadosamente, as suas roupas de estudante. Vejo-o ainda colocando na cadeira o pesado cinto, dobrando nas costas da mesma cadeira o grande blusão preto, extraordinariamente amarrotado e sujo; tirando uma espécie de paletó azul que usava sob a blusa e se inclinando, de costas para mim, para estendê-lo aos pés da cama... Mas quando se ergueu e virou-se para mim, notei que usava, em lugar do pequeno colete de botões de cobre, sob o paletó, um estranho colete de seda, muito decotado, fechado embaixo com uma apertada fila de botões de madrepérola.

Era uma roupa de fantasia encantadora, como deviam usar os jovens que dançavam com nossas avós nos bailes de 1830.

Recordo perfeitamente, neste instante, o rapagão camponês, de cabeça descoberta — pois colocara cuidadosamente o gorro sobre as roupas —, de rosto jovem e corajoso e já tão endurecido. Retomara a marcha através do quarto quando começou a desabotoar essa misteriosa peça de roupa que não combinava com a dele. E era estranho vê-lo em mangas de camisa, calças demasiado curtas, sapatos enlameados, envergando aquele colete de marquês.

Assim que tocou o colete saiu bruscamente de seu sonho e olhou-me com ar inquieto. Eu tinha vontade de rir. Ele sorriu ao mesmo tempo que eu; seu rosto se iluminou.

— Oh! Que é isso? — disse eu, encorajado, em voz baixa. — Onde você o conseguiu?

Mas o sorriso dele se extinguiu de imediato. Duas vezes passou a mão pesada pelos cabelos cortados rente e, de súbito, como alguém que não pode mais resistir a um desejo, voltou a vestir por cima do fino colete o paletó, que abotoou cuidadosamente, e a blusa amarrotada; depois, hesitou um momento, olhando-me de soslaio... Por fim sentou-se na beira da cama e tirou os sapatos, que caíram ruidosamente ao chão; e, completamente vestido, como um soldado em alerta, estendeu-se na cama e soprou a vela.

Pelo meio da noite, acordei. Meaulnes estava de pé, gorro na cabeça, e procurava qualquer

coisa no armário das roupas — um agasalho que botou sobre os ombros... O quarto estava muito escuro. Nem mesmo havia aquela claridade que dá, por vezes, o reflexo da neve. Um vento negro e frio soprava no jardim morto e no telhado.

Soergui-me um pouco e perguntei baixinho:

— Meaulnes, você vai partir de novo?

Não respondeu. Então, completamente atordoado, eu disse:

— Pois bem, parto com você. Terá que me levar também.

E saltei da cama.

Meaulnes se aproximou de mim, tomou meu braço e, forçando-me a sentar na borda do leito, falou:

— Não posso levar você comigo, François. Se eu conhecesse bem o caminho você podia vir comigo. Mas primeiro é preciso que eu o encontre no mapa, e ainda não consegui.

— Então você também não vai poder partir, vai?

— É verdade, é inútil... — disse, desanimado. — Vamos, volte para a cama. Prometo não voltar a partir sem você.

E retomou a caminhada, de um lado para outro no quarto. Eu não ousava dizer mais nada. Meaulnes andava, parava, recomeçava a caminhar ainda mais rapidamente, como alguém que, na própria mente, procura as suas recordações, confronta-as, compara-as, calcula e, subitamente, julga ter encontrado algo. Depois, de novo, perde o fio e recomeça a procurar...

Não foi aquela a única noite em que, acordado pelo barulho dos passos de Meaulnes, eu o vi assim, perto da uma hora da manhã, deambulando através do quarto e dos sótãos — como os marinheiros que não conseguem se desacostumar de estar de serviço e que mesmo quando metidos nas suas terras bretãs se levantam e se vestem à hora regulamentar para vigiar a noite terrestre.

Por duas ou três vezes, durante o mês de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro, fui arrancado do sono dessa mesma maneira. O Grande Meaulnes lá estava, erguido, equipado, de capa às costas, pronto para partir, e de cada vez, à beira desse país misterioso para onde já uma vez se evadira, parava hesitante. No instante de levantar o ferrolho da porta da escada e de se esgueirar pela porta da cozinha, que teria aberto com facilidade sem que ninguém o pressentisse, uma vez mais ele recuava... Depois, durante as longas horas do meio da noite, calcorreava febrilmente, imerso em profunda meditação, nos sótãos abandonados.

Enfim, uma noite, creio que a 15 de fevereiro, foi ele próprio quem me acordou, colocando suavemente a mão em meu ombro.

O dia tinha sido muito agitado. Meaulnes, que tinha abandonado por completo as brincadeiras com seus antigos camaradas, ficara, durante o último recreio da tarde, sentado em seu banco, ocupadíssimo a estabelecer um misterioso itinerário, seguindo com o dedo e fazendo cálculos no mapa do Cher. Um vaivém incessante se processava entre o pátio e a sala de aula. As batidas de pés no chão ressoavam. Havia perseguições de mesa em mesa, alguns transpondo os bancos e o estrado de um só salto... Todos sabiam que era melhor ninguém se aproximar de Meaulnes quando ele trabalhava assim; no entanto, como o recreio se prolongasse, dois ou três meninos do povoado, de brincadeira, se aproximaram pé ante pé e espreitaram por cima do ombro dele. Um até ousou empurrar os outros para cima de Meaulnes... Este fechou bruscamente o atlas, escondeu a folha e segurou o último dos três rapazes, enquanto os outros conseguiam escapar.

... Era o impertinente Giraudat, que choramingou, tentou dar uns pontapés e, por fim, foi posto fora pelo Grande Meaulnes, a quem gritou raivosamente:

— Seu grande covarde! Não me admira que todos estejam contra você, que todos queiram fazer guerra a você!...

E proferiu uma quantidade de injúrias às quais não respondemos, não entendendo bem o que ele tinha querido dizer. Era eu quem gritava mais alto, pois eu tinha tomado o partido do Grande Meaulnes. Havia agora uma espécie de trato entre nós. A promessa que me fizera de me levar com ele, sem me dizer, como todo o mundo, “que eu não podia andar”, me ligara a ele para sempre. E eu não parava de pensar na nossa misteriosa viagem. Estava convencido de que ele tinha encontrado uma mocinha. Ela era, sem dúvida, infinitamente mais bela do que todas as dos arredores, mais linda do que Jeanne, que espreitávamos no jardim das freiras pelo buraco da fechadura; e do que Madeleine, a filha do padeiro, rosada e loura. E do que Jenny, a filha da senhora do casarão, moça admirável, mas que era louca e vivia fechada. Era certamente nela que Meaulnes pensava, à noite, como herói de romance. E eu me decidira a lhe falar nela, corajosamente, a primeira vez que ele tornasse a acordar-me.

Na tarde em que houve essa nova briga, depois das quatro horas estávamos ambos ocupados em arrumar os utensílios de jardinagem, os sachos e as pás que tinham servido para cavar uns buracos, quando ouvimos gritos na estrada. Era um bando de jovens adolescentes e crianças, formando uma coluna militar, quatro a quatro, em passo de ginástica, manobrando como um regimento perfeitamente organizado, conduzidos por Delouche, Daniel, Giraudat e um outro que não reconhecemos. Quando nos viram gritaram ainda mais. Isso queria dizer que todo o povoado estava contra nós e que preparavam não sei que espécie de brincadeira de guerra, da qual estávamos excluídos.

Meaulnes, sem dizer palavra, arrumou sob o telheiro a pá e a picareta que levava ao ombro...

Mas à meia-noite senti sua mão em meu braço e acordei sobressaltado.

— Levante-se — disse —, vamos partir.

— Você agora já conhece o caminho até o fim?

— Conheço uma boa parte. E com certeza vamos encontrar o resto! — respondeu de dentes cerrados.

— Escute, Meaulnes — disse eu, sentando-me na cama. — Escute bem: só temos uma coisa a fazer: é procurarmos juntos, de dia, servindo-nos do plano que você fez, o pedaço de caminho que nos falta.

— Mas esse pedaço fica muito longe daqui.

— Pois bem, iremos de carro, este verão, quando os dias forem compridos.

Houve da parte dele um prolongado silêncio, o que demonstrava seu assentimento.

— Já que vamos juntos procurar a moça que você ama, Meaulnes — acrescentei por fim —, diga-me quem ela é, fale-me um pouco dela.

Meaulnes sentou-se aos pés da minha cama. Eu podia ver, no escuro, sua cabeça inclinada, os braços cruzados e os joelhos. Aspirou o ar com força, como alguém que durante muito tempo tivesse o coração pesado e que vai, enfim, confiar o seu segredo...

VIII

A aventura

Não foi nessa noite que meu companheiro me relatou o que lhe acontecera. E quando por fim se decidiu a me contar tudo, durante dias angustiosos de que voltarei a falar, isso tornou-se por muito tempo o grande segredo de nossas adolescências. Mas hoje que tudo terminou, agora que não resta mais do que o pó

“de tanto mal e tanto bem”,
posso já contar sua estranha aventura.

.....
À uma e meia da tarde, na estrada de Vierzon, com aquele tempo glacial, Meaulnes fazia a égua avançar a bom trote, pois sabia que não estava adiantado. Primeiro pensou apenas o quanto se divertiria com a nossa surpresa quando, às quatro horas, ele estivesse de volta trazendo o avô e a avó Charpentier. Pois nesse momento não era outra a sua intenção.

Pouco a pouco o frio o foi penetrando e ele enrolou as pernas em uma manta que primeiro recusara e que, à força, a gente da Belle-Étoile tinha colocado no carro. Às duas horas atravessou o povoado de La Motte. Nunca tinha passeado pelos campos às horas de aula e divertiu-o vê-los tão desertos, como que adormecidos. Apenas de longe em longe levantava-se uma cortina numa janela deixando entrever o rosto curioso de qualquer mulherzinha.

À saída de La Motte, logo depois da escola, Meaulnes hesitou entre dois caminhos e julgou lembrar-se de que para ir a Vierzon tinha que dobrar à esquerda. Não encontrou ninguém a quem perguntar. De novo fez a égua trotar na estrada, que se ia tornando mais estreita e mal empedrada. Algum tempo foi seguindo ao longo de um pinhal e por fim encontrou um carreiro a quem perguntou, utilizando a mão como um megafone, se era aquele o caminho para Vierzon. O animal, puxando pelas rédeas, continuava a trotar; o homem não deve ter compreendido a pergunta, gritou qualquer coisa e fez um gesto vago. Meaulnes prosseguiu ao acaso o seu caminho. Agora eram de novo os vastos campos gelados, iguais e monótonos, sem nenhuma distração. Às vezes um pássaro assustado pelo carro levantava vôo para ir pousar mais adiante, no cimo de um olmo sem copa. O viajante tinha enrolado em torno dos ombros, como uma capa, a sua grande manta. De pernas estendidas e cotovelo apoiado ao carro, talvez tenha até cochilado algum tempo...

... Quando, graças ao frio que já atravessava a manta, Meaulnes despertou, viu que a paisagem mudara. Já não se avistavam aqueles vastos horizontes, aquele imenso céu alvacentos onde o olhar se perdia, mas pequenos prados ainda verdes, separados por altas cercas; à direita e à esquerda a água nos fossos corria sob o gelo. Tudo fazia pressentir a proximidade de um rio. E por entre as sebes a estrada era agora um caminho estreito e escalavrado.

Já havia algum tempo que a égua deixara de trotar. Com uma chicotada, Meaulnes tentou que retomasse um ritmo mais rápido, mas ela continuava a passo, com extrema lentidão, e o jovem estudante, apoiando as mãos na frente do carro e espiando pelo lado, reparou que a égua mancava. Saltou imediatamente para o chão, muito inquieto.

— Assim não vamos chegar a Vierzon a tempo de pegar o trem — disse para si próprio a meia voz.

E não ousava confessar o pensamento que mais o inquietava: talvez se tivesse enganado no caminho e aquela não fosse a estrada para Vierzon.

Examinou longamente a pata do animal e não descobriu nenhum vestígio de ferimento. Medrosa, a égua levantava a pata assim que Meaulnes queria tocá-la e raspava o solo com o casco pesado e desajeitado. Percebeu por fim que tinha apenas uma pedra presa no casco. Acostumado a lidar com o gado, agachou-se e tentou segurar a pata direita com a mão esquerda e colocá-la entre os joelhos, mas o carro dificultava essa manobra. Por duas vezes a égua se furtou e avançou alguns metros. O estribo da carroça bateu-lhe na cabeça e a roda machucou-lhe o joelho. Obstinado, acabou por triunfar sobre o animal assustadíssimo; mas a pedra estava tão encravada que Meaulnes teve de usar a faca para tirá-la.

Quando terminou aquela tarefa e, por fim, levantou a cabeça meio entontecido e de olhos turvados, viu com espanto que a noite começava a cair...

Qualquer outro que não Meaulnes teria imediatamente voltado para trás. Seria a única maneira de não se perder ainda mais. Mas ele achou que devia estar agora bem longe de La Motte; além do mais a égua podia ter tomado um caminho transversal enquanto ele cochilava. Enfim, aquele caminho certamente conduziria a algum povoado. . . Somado a todas essas razões, o rapaz, ao subir o estribo, enquanto o animal impaciente puxava as rédeas, sentia crescer dentro dele o exasperado desejo de chegar a qualquer coisa, desembocar em algum lugar, a despeito de todos os obstáculos!

Chicoteou a égua, que deu um salto, assustada, e recomeçou a trotar. A obscuridade aumentava. No caminho cheio de buracos havia agora apenas o espaço justo para o carro. Por vezes um galho ressequido da sebe prendia na roda e quebrava com um ruído seco. . . Quando a noite desceu completamente Meaulnes lembrou de repente, com um aperto no coração, a sala de jantar de Sainte-Agathe, onde àquela hora devíamos estar todos reunidos. Depois teve um assomo de cólera; mas logo a seguir o orgulho e a profunda alegria de se ter evadido assim, involuntariamente...

IX

Uma parada

De súbito a égua abrandou o passo, como se tivesse tropeçado na escuridão. Meaulnes viu que, por duas vezes, ela baixou e levantou a cabeça. Depois parou mesmo, de focinho baixo, como se estivesse cheirando algo. Perto dos pés do animal ouvira-se como que um murmúrio de água: um riacho cortava o caminho. No verão devia se poder passar a pé. Mas nesta época do ano a correnteza era tão forte que a água não gelara e seria perigoso avançar mais.

Meaulnes puxou suavemente as rédeas para recuar alguns passos, e bastante perplexo ergueu-se no carro. Foi então que avistou, por entre a folhagem, uma luz. Apenas dois ou talvez três desses campos rodeados de sebes a separavam do caminho...

O estudante desceu do carro e fez recuar a égua assustada, falando, para acalmá-la:

— Vamos, minha velha! Agora já não iremos mais longe. Vamos saber onde estamos!

E empurrando a cancela entreaberta de um pequeno prado que comunicava com a estrada, fez entrar por aí o carro. Os pés afundavam-se no pasto macio. O carro gingava silenciosamente. A cabeça de Meaulnes ia encostada à da égua e ele sentia seu calor e o sopro rijo do seu hálito... Meaulnes conduziu-a até o fim do prado e colocou-lhe a manta sobre o lombo; depois, afastando os galhos da cerca do fundo, avistou de novo a luz que provinha de uma casa isolada.

Teve entretanto que atravessar três prados, saltar um pequeno regato traiçoeiro, onde quase mergulhou os pés... Enfim, depois de transpor uma última rampa, Meaulnes encontrou-se no pátio de uma casa de campo. Na pocilga ouvia-se o grunhir de um porco. Ao ruído dos passos ressoando sobre a terra coberta de gelo um cão começou a latir com fúria.

O batente da porta estava aberto e a luz que Meaulnes tinha avistado era a de um fogo de lenha ardendo na chaminé. Além desta não havia nenhuma outra luz. Dentro da casa uma mulherzinha levantou-se e se aproximou da porta, sem parecer assustada. Nesse mesmo instante, um relógio de pesos deu a badalada das sete e meia.

— Queira desculpar, senhora — disse o rapaz —, creio que vim pisando os seus crisântemos.

Segurando na mão uma tigela ela o fitava:

— Também no pátio está tão escuro que não se enxerga nada — disse.

Caiu um silêncio durante o qual Meaulnes, de pé, olhou as paredes da sala, forradas de jornais ilustrados como numa hospedaria, e a mesa, sobre a qual estava um chapéu de homem.

— O patrão não está aqui? — perguntou sentando-se.

— Vai voltar logo — respondeu a mulher, já confiante. — Foi buscar uns toros de lenha.

— Não é que eu precise dele — prosseguiu o jovem, aproximando a cadeira do fogo. — Mas somos vários caçadores acampados aqui. Vim lhe pedir que nos cedesse um pouco de pão.

Meaulnes sabia que com gente do campo, principalmente em uma fazenda isolada, é preciso falar com muita discrição, muita habilidade mesmo, e acima de tudo nunca revelar que não se é da região.

— Pão? — perguntou ela. — Não podemos dar nenhum. O padeiro costuma passar todas as

terças-feiras, mas hoje não veio.

— O padeiro de onde? — perguntou Meaulnes.

— O padeiro de Vieux-Nançay, claro — respondeu a mulher com espanto.

— E a que distância, ao certo, fica Vieux-Nançay? — continuou Meaulnes muito inquieto.

— Pela estrada não sei lhe dizer ao certo; mas pelos atalhos fica a três léguas e meia.

E começou a contar que era lá que a filha trabalhava, que vinha visitá-la a pé todos os primeiros domingos do mês e que os patrões...

Mas Meaulnes, completamente confuso, interrompeu para dizer:

— Então Vieux-Nançay é o povoado mais próximo daqui?

— Não, o mais próximo é Les Landes, a cinco quilômetros. Mas lá não existe padaria nem comércio. Apenas se faz lá uma festa para São Martinho.

Meaulnes não ouvira nunca falar de Les Landes. Verificou que se tinha desviado de seu caminho a tal ponto que quase estava divertido por se ter perdido. Mas a mulher, ocupada em lavar a tigela, virou-se, também já curiosa, e disse devagar, olhando-o fixamente:

— Quer dizer que você não é desta região?...

Nessa altura apareceu à porta um camponês, já de certa idade, com um braçado de lenha que atirou ao chão. A mulher começou a lhe explicar aos gritos, como se ele fosse surdo, o que aquele moço tinha estado perguntando:

— Pois bem, é fácil — respondeu simplesmente. — Mas chegue-se para cá, moço. Tão longe não vai poder se aquecer.

Um instante mais tarde estavam os dois instalados junto da lareira: o velho partindo a lenha para botar no fogo, Meaulnes tomando uma tigela de leite com pão que lhe tinham oferecido. O nosso viajante, encantado por se encontrar naquela humilde casa depois de tanta inquietação, pensando que sua aventura já tinha terminado, tencionava voltar mais tarde, com os seus companheiros, para rever aquela boa gente. Não sabia que se tratava apenas de uma parada, que em breve iria retomar o seu caminho.

A seguir pediu que lhe ensinassem qual a estrada para La Motte. E chegando pouco a pouco à verdade, contou que o seu carro se tinha separado dos outros caçadores e ele se perdera por completo.

Então o casal insistiu tão longamente para que dormisse ali e partisse apenas quando fosse dia claro que Meaulnes acabou por aceitar e foi recolher a égua para a cocheira.

— Tome cuidado com os buracos do atalho — avisou o homem.

Meaulnes não ousou confessar que não tinha vindo pelo “atalho”. Esteve quase pedindo àquele bom homem que o acompanhasse. Hesitou um segundo no limiar da porta e tão grande era a sua indecisão que quase cambaleou. Depois saiu para a escuridão da noite.

X

O curral

Para fazer um reconhecimento do lugar subiu à rampa de onde tinha saltado.

Lentamente e com dificuldade, como à chegada, procurou orientar-se através das sebes de salgueiros e foi buscar a carroça no fundo do prado, onde a deixara. Mas o carro não estava mais lá... Imóvel, a cabeça latejando, Meaulnes se esforçou por escutar todos os barulhos da noite, julgando a cada instante ouvir soar junto dele os guizos do cabresto do animal. Nada... Deu a volta ao prado; a porteira estava meio aberta, meio caída, como se lhe tivesse passado por cima a roda de um carro. Certamente a égua tinha escapado sozinha por ali.

Voltando atrás pela estrada, os pés se enredaram na manta que, sem dúvida, escorregara da égua e caíra no chão. Concluiu que o animal fugira naquela direção. Começou a correr.

Sem outra idéia do que uma vontade firme e louca de agarrar o carro, o sangue subindo-lhe ao rosto, tomado de um sentimento que se assemelhava ao medo, ele corria... Por vezes os pés tropeçavam nas valas. Nas curvas, naquela densa escuridão, esbarrava de encontro às sebes e, já fatigado demais para poder parar a tempo, caía sobre o mato espinhoso, de braços para a frente, rasgando as mãos para proteger o rosto. Parava de tempos a tempos, escutava — e recomeçava a corrida. Por momentos julgou ouvir o ruído do carro; mas tratava-se de uma carroça aos solavancos, que passava ao longe, em uma estrada qualquer, à esquerda...

Houve um momento em que o joelho ferido no estribo lhe doía tanto que ele teve de parar com a perna hirta. Então refletiu que se a égua não tivesse fugido a galope ele já há muito a teria alcançado. Também considerou que um carro não se perde assim e que mais cedo ou mais tarde alguém o encontraria. Por fim regressou, esgotado, furioso, quase se arrastando.

Depois de algum tempo julgou estar de novo nas paragens que há pouco deixara e em breve avistou a luz da casa que procurava. Diante da sebe abria-se um caminho profundo:

— Aqui está o caminho de que falou o velho — disse Augustin com seus botões. E meteu-se por aí adiante, feliz por não ter mais rampas e sebes a transpor. Ao cabo de um instante, desviando o caminho para a esquerda, a luz pareceu deslizar para a direita, e chegando a uma encruzilhada Meaulnes, na pressa que tinha de voltar para aquela casa modesta de onde saíra, seguiu, sem refletir, um caminho que lhe pareceu ir dar diretamente lá. Mas mal tinha dado dez passos nessa direção, a luz desapareceu, quer porque fosse escondida pela sebe, quer porque os camponeses, cansados de esperar, tivessem fechado as janelas. Corajosamente o mocinho saltou através dos campos, encaminhando-se diretamente para a luz que, havia pouco, brilhava. Depois, transpondo ainda outra sebe, encontrou-se em um novo atalho...

Assim, aos poucos se embrulhava a pista do Grande Meaulnes e se quebrava o elo que o ligava àqueles que deixara.

Desanimado, quase sem forças, resolveu, em seu desespero, seguir aquele caminho até o fim. A cem passos dali Meaulnes desembocou em uma grande pradaria acinzentada, na qual, de longe em longe, se distinguíam umas sombras que deviam ser de zimbros e uma construção situada em uma depressão do terreno. Tratava-se de uma espécie de curral ou redil abandonado. A porta cedeu com um gemido. O luar, quando o vento escorraçava as nuvens, se infiltrava pelas fendas do tapume. O ar estava impregnado de um forte cheiro a mofo.

Sem procurar mais nada, Meaulnes estendeu-se sobre a palha úmida, de cotovelo em terra, cabeça apoiada na mão. Tendo retirado o cinto, embrulhou-se na blusa, os joelhos encostados à barriga. Lembrou-se então da manta que deixara no caminho e sentiu-se tão infeliz, tão aborrecido consigo mesmo, que uma grande vontade de chorar o dominou.

Mas esforçou-se por pensar em outra coisa. Gelado até a medula, recordou-se de um sonho — uma visão, talvez? — que tivera quando criança e de que nunca falara a ninguém: uma manhã, em vez de acordar no seu quarto, onde estavam penduradas suas calças e paletós, ele se encontrara em uma imensa sala verde, onde o forro da parede se assemelhava àquela folhagem. Aí a luz era tão suave que dava vontade de saboreá-la. Junto da primeira janela uma moça cosia, de costas voltadas, mas parecendo esperar que ele despertasse... Augustin não tivera forças para saltar da cama e caminhar por aquela casa encantada. Voltara a adormecer... Mas da próxima vez jurava a si mesmo que iria se levantar. Quem sabe, no dia seguinte?...

O sítio misterioso

Assim que amanheceu recomeçou a andar. Mas o joelho, inchado, lhe doía; tinha que parar e sentar-se a todo instante de tal modo a dor era aguda. O lugar em que se encontrava era, aliás, dos mais desolados de Sologne. Durante a manhã toda vira apenas uma pastora, lá no horizonte, vigiando o rebanho. Por mais que a chamasse e se esforçasse por correr, a pastora desapareceu sem ouvi-lo.

No entanto, continuou a caminhar na direção dela, mas com lentidão desoladora... Nem um teto nem vivalma. Nem mesmo o grito de um maçarico nos juncos dos pântanos. E sobre essa total solidão brilhava um sol de dezembro claro e glacial.

Deviam ser três horas da tarde quando por fim avistou sobre o pinhal a flecha de um torreão cinzento.

“Alguma velha mansão abandonada”, pensou, “algum pombal deserto.”

E sem apressar o passo continuou seu caminho. Em uma volta do pinhal desembocava, entre dois pilares brancos, uma aléia, para onde Meaulnes se dirigiu. Deu alguns passos e parou, surpreso, perturbado por uma emoção inexplicável. Todavia continuou caminhando com o mesmo passo fatigado, lábios gretados pelo vento gelado que, por vezes, o sufocava; e no entanto um contentamento extraordinário o alvoroçava, uma perfeita e quase embriagante tranqüilidade, a certeza de que seu objetivo tinha sido alcançado e de que no futuro tudo lhe seria felicidade. Meaulnes sentia-se desfalecer assim nas vésperas das grandes festas de verão, quando à noite se plantavam pinheiros nas ruas da povoação e a janela do seu quarto ficava obstruída pela folhagem.

“Tanta alegria”, murmurou, “só porque chego a este velho pombal, cheio de mochos e correntezas de ar!...”

E aborrecido parou, pensando se não seria melhor voltar para trás e procurar a povoação mais próxima. Cogitou uns instantes mas reparou que a aléia estava varrida de modo a formar grandes círculos regulares no solo, como faziam em sua própria região quando havia festa. Estava diante de um caminho exatamente igual à rua grande de La Ferté na manhã da festa da Assunção!... Se avistasse ali, na volta do caminho, um grupo de pessoas com ar festivo, levantando muita poeira como se estivessem no mês de junho, sua surpresa não seria maior.

“Haverá alguma festa, nesta solidão?”, perguntava a si próprio.

Avançando até a primeira curva, escutou um ruído de vozes que se aproximavam; Meaulnes escondeu-se no meio dos pinheiros novos e frondosos, agachou-se e pôs-se a escutar, retendo a respiração. Eram vozes infantis. Um grupo de crianças passou perto dele. Uma delas, talvez uma garotinha, falava em tom tão ajuizado e bem-comportado que Meaulnes, apesar de não ter compreendido o sentido das palavras, não pôde deixar de sorrir.

— Uma única coisa me inquieta — dizia ela; — é a questão dos cavalos. Ninguém vai poder impedir o Daniel, por exemplo, de montar o grande pônei baio.

— Ninguém vai me impedir nunca — respondeu uma voz trocista de menino. — Não é verdade que temos licença para fazer tudo o que quisermos? Podemos até nos machucar...

E as vozes se afastaram enquanto se aproximava já outro grupo de crianças.

— Se o gelo estiver derretido — dizia uma menininha —, amanhã pela manhã iremos passear de barco.

— Será que vão deixar? — perguntou outra.

— Você bem sabe que nós organizamos a festa como quisermos.

— E se Frantz viesse esta noite com a noiva?

— Ela também vai fazer o que nós quisermos!...

“Trata-se de um casamento, sem dúvida”, pensou Augustin. “Mas aqui são as crianças que ditam as leis?... Lugar estranho!”

E quis sair de seu esconderijo para perguntar onde poderia encontrar alguma coisa para comer e beber. Ergueu-se e viu que o último grupo se afastava. Eram três meninas, com vestidos que lhes chegavam aos joelhos. Usavam uns lindos chapéus atados com fitas. As três tinham plumas brancas que desciam dos chapéus até o pescoço. Uma delas, um pouco inclinada e voltada para sua companheira, escutava as explicações que esta lhe ia dando, de dedo levantado.

“Se elas me virem vão tomar um susto”, pensou Augustin olhando a blusa rasgada e o cinto extravagante do uniforme de aluno de Sainte-Agathe.

Temendo que as crianças o encontrassem regressando pela aléia, continuou o seu caminho através dos pinheiros, em direção ao “pombal”, sem sequer refletir no que iria perguntar. Mas logo, pouco depois, um muro baixo e musgoso o fez parar. Do outro lado, entre o muro e os anexos da mansão, existia um pátio comprido e estreito, repleto de carruagens como um pátio de hospedaria em dia de feira. Havia-as de todos os modelos e gêneros: elegantes carruagzinhas de quatro lugares, de varais erguidos; diligências; carruagens do tempo dos Bourbons, fora de moda, com painéis emoldurados, e até velhas berlindas de vidros corridos. Meaulnes, escondido entre os pinheiros com receio de ser visto, examinava a desordem do local quando notou, do outro lado do pátio, mesmo por cima do assento de cocheiro de uma alta diligência, que havia uma janela dos anexos meio aberta. Possivelmente noutros tempos, como era usual nas cavalariaças dessas velhas mansões, de postigos sempre cerrados, teriam existido ali duas barras de ferro fechando aquela abertura. Mas o tempo soltara-as.

“Vou entrar por ali”, murmurou o estudante consigo mesmo, “dormirei sobre o feno e partirei logo pela manhã cedo, sem ter assustado aquelas lindas mocinhas.”

Transpôs o muro penosamente por causa do joelho ferido, e, passando de carro em carro, do assento de uma diligência para o tejadilho de uma berlinda, chegou à altura da janela, que empurrou sem ruído, como se se tratasse de uma porta.

Encontrou-se não em um celeiro de feno, mas em uma vasta sala de teto baixo que devia ser um quarto de dormir. Distinguia-se na meia obscuridade da tarde de inverno que a mesa, a chaminé e mesmo as poltronas estavam cheias de grandes jarrões, objetos de valor e armas antigas. Ao fundo da sala viam-se umas cortinas que provavelmente escondiam uma alcova.

Meaulnes tinha fechado a janela não só por causa do frio mas também pelo temor de ser visto lá de fora. Foi levantar o cortinado do fundo e descobriu um grande leito baixo, coberto de velhos livros dourados, de alaúdes com as cordas rebentadas e candelabros, tudo isso ali empilhado. Empurrou tudo para o fundo da alcova e depois estendeu-se para repousar e meditar um pouco na estranha aventura em que se metera.

Um silêncio profundo reinava nessa mansão. Apenas se escutava, de vez em quando, o gemido do forte vento de dezembro.

E Meaulnes, ali estendido, começava a se perguntar se apesar desses encontros estranhos, apesar das vozes das crianças na aléia, apesar das carruagens acumuladas, aquilo não se tratava, como ele pensara a princípio, de um velho edifício abandonado na solidão do inverno.

De repente pareceu-lhe que o vento trazia o som de uma música perdida ao longe. Soava nele como uma lembrança agridoce — encanto e mágoa. Recordava-se do tempo em que a mãe, jovem ainda, se colocava ao piano, à tarde, no salão, e ele, sem pronunciar palavra, por detrás da porta do jardim, ficava a escutá-la até a noite...

“Estará alguém tocando em algum lugar?”, pensou.

Mas deixando a pergunta sem resposta, esgotado de fadiga, não tardou a adormecer...

XII

O quarto de Wellington

Era noite quando acordou. Transido de frio, deu voltas na cama, amarrotando e enrodilhando a blusa preta. Uma tênue claridade glauca banhava as cortinas da alcova.

Sentando-se na cama, espreitou pela fresta das cortinas. Alguém abrira a janela e prendera no vão duas luminárias verdes.

Nem bem Meaulnes dera uma olhada quando ouviu no patamar um barulho surdo de passos e uma conversa em voz baixa. Enfiou-se de novo na alcova e os sapatos ferrados fizeram tilintar um dos objetos de bronze que ele empurrara de encontro à parede. Por instantes, muito inquieto, quase não ousou respirar. Os passos aproximaram-se e duas sombras deslizaram para dentro do quarto.

— Não faça barulho — disse uma delas.

— Ah! — respondeu a outra — já são horas de ele acordar!

— Você preparou o quarto dele?

— Mas claro que preparei, como o dos outros!

O vento fez bater uma janela aberta.

— Olhe — disse o primeiro vulto —, você nem sequer fechou a janela. O vento já apagou uma das lanternas. Vamos ter que acendê-la de novo.

— Bah! — disse o outro, como que tomado de uma preguiça e desânimo repentinos. — Para que servem todas essas iluminações para o lado do campo, que é como quem diz para o lado do deserto? Não há ninguém que as veja.

— Ninguém? Mas vai chegar gente, ainda, durante uma parte da noite. Ficarão bem contentes quando, da estrada, nos seus carros, puderem avistar nossas luzes!

Meaulnes ouviu estalar um fósforo. Aquele que tinha falado primeiro e que parecia ser o chefe recomeçou, com voz arrastada, à maneira de um coveiro de Shakespeare:

— Você tem de colocar luminárias verdes no quarto de Wellington. Claro que você era bem capaz de botar luminárias vermelhas. Desse assunto não sabe mais do que eu!

Silêncio.

— ...Wellington era americano? Então o verde é uma cor americana? Você, o ator tão viajado, devia saber disso.

— Oh! — respondeu o “ator viajado” — eu? É certo que viajei! Mas não vi coisa nenhuma! Que é que você acha que se pode ver de dentro de um carro de saltimbancos?

Meaulnes, com precaução, espreitou por entre as cortinas.

Quem comandava a manobra era um homem forte, de cabeça descoberta, envolvido por um grande paletó. Segurava na mão uma vara longa, guarnecida de luminárias de várias cores, e de pernas cruzadas olhava tranqüilamente o companheiro trabalhando.

Quanto ao “ator”, tinha o aspecto mais lastimoso que se possa imaginar. Alto, magro, trêmulo de frio, os olhos vesgos e glaucos, bigode caindo sobre uma boca desdentada, fazia lembrar um afogado que ainda estivesse escorrendo água no lajedo. Estava em mangas de camisa e os dentes batiam. Demonstrava nas palavras e nos gestos o mais perfeito desprezo por si mesmo.

Depois de alguns momentos de meditação amarga e ao mesmo tempo ridícula, aproximou-se do companheiro e confidenciou-lhe, afastando os braços:

— Quer que eu te diga?... Não posso entender que tenham ido buscar uns pobres nojentos como nós para servir em uma festa destas! Isto é o que eu penso!

Mas sem fazer caso deste ímpeto de franqueza saído do coração, o homem gordo continuou a vê-lo trabalhar, de pernas cruzadas, depois bocejou, fungou tranqüilamente e, dando-lhe as costas, foi-se encaminhando para a saída, de vara ao ombro, dizendo:

— Vamos! Está na hora de nos vestirmos para o jantar.

O outro saltimbanco seguiu atrás dele, mas passando diante da alcova disse, fazendo reverências e dando à voz um tom de zombaria:

— Senhor adormecido, só lhe resta acordar e vestir-se de marquês, mesmo que seja um pedinte como eu, e entrar no baile de fantasias, já que este é o desejo desses meninos e meninas.

E acrescentou, em tom de artista de circo, com uma última reverência:

— Nosso camarada Maloyau, ajudante de cozinha, vai lhe apresentar a personagem de Arlequim, e aqui, este vosso criado, a do grande Pierrô.

XIII

A estranha festa

Assim que eles desapareceram Meaulnes saiu de seu esconderijo. Tinha os pés gelados, as articulações enrijecidas, mas estava descansado e o joelho parecia curado.

“Descer para jantar”, pensou, “não deixarei de fazê-lo. Serei apenas um convidado cujo nome ninguém lembra. Aliás não sou um intruso aqui. Não parece haver dúvidas de que o Sr. Maloyau e o companheiro me esperavam...”

Ao sair da obscuridade da alcova, pôde enxergar distintamente o quarto iluminado pelas lanternas verdes.

O saltimbanco tinha feito ali algumas arrumações. Capas estavam penduradas nos cabides. Em uma pesada mesa de toalete cujo mármore estava quebrado alguém colocara o necessário para transformar em dândi mesmo um rapaz que tivesse passado a noite da véspera em qualquer redil abandonado. Na chaminé havia fósforos, junto de um archote grande. Mas tinham-se esquecido de encerar o chão e Meaulnes sentia sob seus sapatos o ranger de areia e calíça. De novo o assaltou a sensação de se encontrar em uma casa há muito abandonada... E encaminhando-se para a chaminé quase tropeçou em uma pilha de grandes e pequenas caixas de papelão; estendeu o braço, acendeu a vela, depois abriu as caixas, investigando seu conteúdo.

Estavam cheias de roupas de homem bastante antigas, sobrecasacas com altos colarinhos de veludo, finos coletes muito decotados, grande quantidade de gravatas brancas e sapatos de verniz, como se usava no princípio do século. Não ousou tocá-los nem com a ponta do dedo, mas depois de se ter lavado, tremendo de frio, envergou por cima da blusa do uniforme um dos grandes casacões, levantando-lhe a gola plissada, substituiu os sapatos ferrados por finos escarpins de verniz e preparou-se para descer, a cabeça descoberta.

Chegou sem encontrar ninguém ao fim da escada, que era um canto escuro. O hálito gelado da noite veio soprar-lhe o rosto e levantou um pouco o capote.

Deu alguns passos e graças à claridade do céu pôde verificar imediatamente a configuração do local em que estava. Era um pequeno pátio formado pelo conjunto das dependências. Tudo parecia velho e arruinado. As janelas na parte de baixo das escadas estavam escancaradas pois os batentes tinham sido tirados, decerto já há muito tempo; ninguém tampouco substituíra os vidros das janelas, que pareciam buracos escuros nas paredes. E no entanto, de todos aqueles edificios desprendia-se um misterioso ar de festa. Uma espécie de reflexo colorido fluuava nos quartos de tetos baixos, onde certamente alguém também acendera luminárias do lado que dava para o campo. A terra estava varrida; as ervas daninhas tinham sido arrancadas. Enfim, apurando o ouvido, Meaulnes julgou escutar um coro de crianças e mocinhas lá embaixo, na direção de uns edificios confusos, onde o vento sacudia as árvores, em frente às aberturas das janelas cor-de-rosa, verdes e azuis.

Meaulnes parara ali como um caçador, meio inclinado, apurando o ouvido, quando um extraordinário rapazinho saiu do edificio vizinho, que lhe parecera deserto.

Usava um chapéu alto de copa grande que brilhava na noite como se fosse de prata; uma casaca cuja gola lhe subia até os cabelos, um colete muito aberto e calças de presilhas

embaixo.

Esse janota, que teria uns quinze anos, caminhava na ponta dos pés, com extraordinária rapidez, como se suspenso pelos elásticos das calças. Ao passar cumprimentou Meaulnes automaticamente, sem parar, e desapareceu na escuridão em direção ao edifício central, casa grande, castelo ou convento, cujo torreão havia guiado nosso estudante no começo da tarde.

Depois de um instante de hesitação Meaulnes resolveu acompanhar aquela curiosa personagem. Atravessaram uma espécie de pátio grande, ajardinado, passaram entre maciços de plantas, contornaram um viveiro fechado por paliçadas, um poço e, por fim, alcançaram a entrada do edifício central.

Uma pesada porta de madeira, arredondada em cima e cravejada de pregos, como uma porta de um presbitério, estava entreaberta. O elegante moço entrou e Meaulnes seguiu-o; logo que deu os primeiros passos no corredor, encontrou-se, sem ver ninguém, cercado de risos, gritos e correrias.

Ao fim desse corredor havia um outro transversal. Meaulnes hesitava se continuaria até o fundo ou abriria uma daquelas portas, atrás das quais ouvia barulho de vozes, quando viu passar, ao fundo do corredor, duas mocinhas correndo uma atrás da outra. Correu também para espia-las e alcançá-las, mas pé ante pé, os escarpins lhe permitindo andar sem ruído. Um barulho de portas que se abrem, dois rostos de quinze anos, que o frio da noite e a corrida tornaram rosados, sob vastos chapéus de abas e fitas, e tudo desaparece num brusco clarão.

Durante um segundo elas giram sobre si próprias, como piões, de brincadeira; as saias, amplas e leves, levantam-se inchando como balões, avistam-se rendas que enfeitam as compridas e graciosas calcinhas; depois desta pirueta, elas saltaram juntas para o outro quarto e fecharam a porta.

Meaulnes ficou deslumbrado e titubeante naquele corredor escuro. Agora temia ser surpreendido. Seu ar hesitante e pouco à vontade talvez fizesse com que o tomassem por ladrão. Deliberadamente dirige-se para a saída quando, de novo, escuta no fundo do corredor um ruído de passos e vozes de crianças. São dois rapazinhos que se aproximam, conversando.

— Será que vamos jantar em breve? — pergunta Meaulnes com ousadia.

— Venha conosco — falou o mais velho —, vamos levá-lo para jantar.

E com aquela confiança e necessidade de amizade que as crianças têm, sobretudo na véspera de uma grande festa, cada um deles lhe deu a mão.

Decerto eram filhos de camponeses. Vestiam lindas roupas: pequenos calções justos até o meio da perna, deixando à mostra as meias de lã grossa e as galochas, um colete de veludo azul, um gorro da mesma cor e, no colarinho, um laço branco.

— Você a conhece? — perguntou uma das crianças.

— Eu... — diz o mais moço, que tem a cabeça redonda e olhos ingênuos — a minha mãe me disse que ela estava de vestido negro e tinha uma bola de babados e que parecia um lindo Pierrô...

— De quem vocês estão falando? — perguntou Meaulnes.

— Estamos falando da noiva que Frantz foi buscar...

Antes que Meaulnes tivesse podido pronunciar palavra, já os três tinham chegado à porta de uma grande sala onde ardia um belo fogo de lenha. Tábuas pousadas sobre cavaletes de pau formavam uma mesa; por cima tinham estendido grandes toalhas brancas e gente muito variada jantava cerimoniosamente.

XIV

A estranha festa

(continuação)

Era uma sala de teto baixo, e a refeição era a que se costumava oferecer na província, nas vésperas das bodas, aos parentes vindos de longe.

Os dois mocinhos tinham largado a mão de Meaulnes e se precipitado para um quarto pegado, de onde provinham vozes infantis e barulho de Colheres batendo nos pratos. Meaulnes, com audácia e sem se perturbar, passou as pernas por cima de um banco e sentou-se junto de duas velhas camponesas. Começou a comer com apetite feroz, e foi só depois de algum tempo que levantou a cabeça para olhar os convivas e escutar o que diziam.

Falavam pouco, aliás. Aquela gente parecia que mal se conhecia. Alguns teriam vindo, quem sabe, dos campos mais longínquos, e outros de povoações distantes. Havia ao longo dessas mesas alguns velhotes usando costeletas e outros de cara raspada, que podiam ser antigos marinheiros. Junto destes estavam outros que se lhes assemelhavam: tinham os mesmos rostos tismados, os mesmos olhos vivos sob sobrolhos hirsutos, as mesmas gravatas estreitas como cadarços de sapatos...

Mas era fácil ver que estes nunca tinham navegado mais longe do que os limites do cantão, e, se se tinham balançado mil vezes à chuva e ao vento, tinha sido apenas naquela viagem sem perigo que consiste em empurrar a charrua até as extremidades de seus campos... Havia poucas mulheres, algumas velhas camponesas de rostos enrugados como maçãs, emoldurados pelas coifas encanudadas.

Não havia um único entre aqueles convivas com quem Meaulnes pudesse deixar de sentir-se à vontade e confiante. Ele explicava assim, mais tarde, essa impressão: quando, dizia ele, alguém comete uma falta imperdoável, deve pensar amargamente: “No entanto existem no mundo pessoas que me perdoariam”. Imaginamos então pessoas velhas, avós cheios de indulgência que sempre estão persuadidos de que tudo que você faz está bem feito. Certamente teria sido entre gente assim que os convivas dessa sala tinham sido escolhidos. Quanto aos outros, eram adolescentes e crianças...

Entretanto, junto de Meaulnes, as duas velhotas conversavam:

— Mesmo que tudo corra pelo melhor — dizia a mais idosa com uma voz pitoresca, muito aguda, que ela, em vão, tentava adoçar —, os noivos não estarão aqui amanhã antes das três horas.

— Cale-se. Você por pouco me fazia zangar — respondia a outra em tom mais tranqüilo.

Esta usava uma capelina de tricô.

— Vamos fazer as contas! — recomeçou a outra sem se importar. — Uma hora e meia de trem de Bourges a Vierzon e sete léguas de carro de Vierzon até aqui...

A discussão continuou e Meaulnes não perdia palavra. Graças a esta pacífica desavença a situação se ia esclarecendo: Frantz de Galais, o filho da casa — que era estudante, ou marinheiro, ou talvez aspirante de Marinha, não se sabia ao certo... —, tinha ido a Bourges buscar uma moça com quem ia casar. Coisa estranha, esse rapaz, que devia ser muito jovem e

caprichoso, era quem punha e dispunha na fazenda. Tinha querido que a casa onde sua noiva entrasse parecesse um palácio em festa e tinha sido ele próprio quem convidara estas crianças e estes velhos bonacheirões. Foram estes os pontos obscuros que a discussão entre as duas mulheres resolvera. Todo o resto ficara ainda misterioso e retomavam sem cessar o grande assunto que era a chegada dos noivos. Uma tinha certeza que seria na manhã seguinte, a outra que seria de tarde.

— Pobre Moinelle, você continua maluca — dizia a mais moça calmamente.

— E tu, Adèle, sempre teimosa. Há quatro anos que eu não a via, mas olhe que você não mudou — respondia a outra encolhendo os ombros, mas num tom de voz mais tranqüilo.

E assim continuavam discutindo, sem o menor mau humor. Meaulnes interveio, na esperança de saber algo mais:

— A noiva de Frantz é tão bonita quanto dizem?

As velhas olharam-no surpreendidas. Ninguém a não ser Frantz tinha visto a moça. Frantz tinha-a encontrado uma tarde, caminhando desolada, num dos jardins de Bourges, o Les Marais. O pai, tecelão, tinha-a escorraçado de casa. A moça era muito bonita e Frantz decidira imediatamente casar com ela. Era uma história estranha; mas o pai, o Sr. de Galais, e a irmã, Yvonne, não cediam sempre aos seus caprichos ?...

Meaulnes, com precaução, ia fazer outras perguntas quando, na porta, apareceu um par encantador: uma mocinha de dezesseis anos, de corpete de veludo e saia de grandes babados; um rapaz de casaca e calças de presilhas. Atravessaram a sala esboçando um *pas-de-deux*; outros pares se seguiram; depois outros passaram correndo, aos gritinhos, perseguidos por um grande Pierrô enfarinhado, com as mangas demasiado compridas, gorro preto, exibindo às risadas a boca desdentada. Corria com largas passadas desajeitadas, como se, a cada passo, devesse antes dar um salto, e agitava as longas mangas vazias. As mocinhas tinham medo dele; os rapazes apertavam-lhe a mão e parecia que ele fazia a alegria das crianças, que o perseguiam com gritos estridentes. À passagem, olhou Meaulnes com seus olhos um pouco vítreos e o estudante julgou reconhecer, já completamente barbeado, o companheiro do Sr. Maloyau, o saltimbanco que há pouco pendurava as lanternas.

A refeição terminara. Todo mundo se levantava.

Nos corredores organizavam-se danças de roda e farândolas. Em algum outro lugar tocava-se um minuete... Meaulnes, a cabeça um pouco escondida pela gola encanudada do capote, sentia-se outra personagem. Também ele, contagiado pela alegria geral, começou a perseguir o grande Pierrô através dos corredores e da mansão, como se fossem bastidores de um grande teatro onde a pantomima, saindo do palco, se tivesse espalhado um pouco por toda a parte. Assim, até o fim da noite ele se encontrou misturado com uma multidão alegre, vestida extravagantemente. Às vezes abrindo uma porta se encontrava em um quarto em que eram feitas projeções de lanterna mágica. Crianças aplaudiam ruidosamente. . . Por vezes, a um canto do salão onde se dançava, iniciava uma conversa com algum dândi, procurando informar-se das roupas que iriam usar nos dias seguintes...

Um pouco sufocado, afinal, por todos aqueles prazeres que lhe eram oferecidos, temendo a cada instante que o seu capote entreaberto deixasse ver a blusa do uniforme do colégio, ele foi se refugiar na parte mais tranqüila e escura da mansão. Lá apenas se ouvia, em surdina, um piano.

Entrou em um aposento silencioso que era uma sala de jantar iluminada por um lustre. Ali

também havia festa, mas era para as crianças mais jovens.

Uns sentados em pufes folheavam álbuns abertos sobre os joelhos; outros, de cócoras no chão, diante de uma cadeira, com ar grave, faziam sobre o assento da cadeira exposições de gravuras... Outros, ainda, junto à lareira, não diziam nada, escutavam o rumor da festa que lhes chegava de longe, naquela mansão imensa.

Uma das portas da sala de jantar estava aberta. Na sala contígua ouvia-se tocar piano. Meaulnes avançou a cabeça com curiosidade.

Era uma espécie de pequeno *hall*; uma mulher ou uma moça, de costas, uma comprida capa marrom sobre os ombros, tocava suavemente músicas de dança ou canções. No sofá ao lado seis ou sete meninos e meninas, em fila, como num retrato, escutavam. Só de vez em quando um deles, fazendo força nos pulsos, se levantava, escorregava para o chão e passava para a sala de jantar; um dos que já haviam terminado de ver as gravuras vinha tomar o lugar vago... Desde que entrara nessa festa, onde tudo era encantador mas febril e louco, onde até ele próprio tinha perseguido freneticamente o Pierrô, Meaulnes encontrava-se mergulhado na mais tranqüila felicidade do mundo.

Sem ruído, enquanto a moça continuava tocando, ele voltou a sentar-se na sala de jantar, e abrindo um dos grandes livros vermelhos espalhados sobre a mesa começou a ler distraidamente.

Quase imediatamente um dos pequenos que estavam no chão se aproximou e se pendurou no braço dele, subindo para os seus joelhos para olhar o livro ao mesmo tempo; um outro fez o mesmo do outro lado. Então começou um sonho, como o sonho de antigamente. Meaulnes pôde imaginar, demoradamente, que estava em sua própria casa, numa noite, e que aquele ser encantador e desconhecido que tocava piano era sua mulher...

O encontro

Na manhã seguinte, Meaulnes foi um dos primeiros a se aprontar. Como lhe tinha sido aconselhado, vestiu uma roupa preta simples e fora de moda: uma jaqueta justa na cintura, de mangas tufadas nos ombros, um colete assertoado, calças tão largas embaixo que escondiam os sapatos, e chapéu alto. O pátio ainda estava deserto quando ele desceu. Deu alguns passos e achou-se transportado a um dia de primavera. Com efeito, a manhã era certamente a mais suave desse inverno. Havia sol como nos primeiros dias de abril. A geada derretia e a grama molhada luzia como se estivesse úmida de orvalho. Nas árvores vários pássaros cantavam e de vez em quando uma brisa morna afagava o rosto do passeante.

Meaulnes fez como os convidados que se levantam antes do dono da casa. Saiu para o pátio, imaginando a cada instante que uma voz cordial e alegre gritaria atrás dele:

— Já de pé, Augustin?...

Mas passeou muito tempo sozinho pelo jardim e pelo pátio. No edifício principal não havia o menor movimento, nem nas janelas, nem no torreão. No entanto já tinham sido abertos os dois batentes da porta de madeira. E numa das janelas mais altas o sol entrava, como no verão, às primeiras horas da manhã.

Pela primeira vez Meaulnes observava em pleno dia o interior da propriedade. Os vestígios de um muro separavam do pátio o jardim, onde, certamente pouco tempo antes, tinham espalhado areia, que alisavam com o ancinho. Na extremidade das dependências onde ele ficara estavam as cavalariças, construídas em divertida desordem que multiplicava os recantos cheios de arbustos. Um denso pinhal rodeava a mansão escondendo-a de todos os lados, exceto do lado leste, onde se viam colinas azuladas cobertas de rochas e, ainda, de pinheiros.

No jardim, Meaulnes debruçou-se sobre a oscilante paliçada de madeira que cercava o tanque; nos canteiros subsistia ainda um pouco de gelo, fino e pregueado como espuma. Pôde ver-se a si próprio refletido na água, como se estivesse debruçado sobre o céu, na sua roupa de estudante romântico. E julgou ver um outro Meaulnes: não mais o aluno que tinha fugido em uma carroça de camponeses, mas um ser encantador e romanesco, saído de uma imagem de um livro de luxo...

Apressou-se em dirigir-se ao edifício principal, pois tinha fome. Na sala grande, onde jantara na véspera, uma camponesa arrumava as mesas. Logo que Meaulnes sentou-se diante de uma das tigelas alinhadas sobre a toalha, ela serviu-lhe café dizendo:

— É o primeiro, senhor.

Não quis responder nada, tanto ele temia ser, de repente, reconhecido como intruso. Apenas perguntou a que horas partiria o barco para o passeio matinal que tinha sido anunciado.

— Nunca antes de meia hora, senhor; ainda ninguém desceu — foi a resposta.

Continuou então a vaguear, procurando o local do embarque, em redor da mansão de partes laterais desiguais como uma igreja. Quando contornou a ala sul avistou de súbito os canaviais, a perder de vista, que formavam toda a paisagem. A água dos lagos, desse lado, vinha molhar os muros e havia, diante de várias portas, pequenas varandas de madeira debruçadas sobre as

águas sussurrantes.

Sem ter o que fazer, continuou errando longamente pela margem arenosa semelhante a um caminho de barqueiros. Examinava curiosamente as grandes portas, suas vidraças cobertas de poeira que davam para quartos abandonados ou arruinados, atulhados de carrinhos de mão, ferramentas enferrujadas, vasos quebrados, quando, de repente, no outro extremo do edifício, escutou passos rangendo na areia.

Eram duas mulheres, uma velha e a outra moça, loura, esguia, cuja fantasia, depois das que vira na véspera, pareceu a Meaulnes, à primeira vista, extraordinária.

Pararam um momento olhando a paisagem, enquanto Meaulnes dizia consigo mesmo, com um espanto que mais tarde lhe pareceu grosseiro:

“Aqui está, sem dúvida, o que se chama uma moça excêntrica; talvez seja uma atriz que contrataram para a festa”.

Entretanto, as duas mulheres passavam perto dele e Meaulnes, imóvel, olhou a moça. Muitas vezes, mais tarde, ao adormecer, depois de, desesperadamente, tentar recordar o lindo rosto que se desvanecera, ele via em sonhos passarem moças em fila, parecidas com esta. Uma tinha um chapéu como o dela; a outra o mesmo olhar puro; a outra, ainda, sua cintura fina, e a outra também tinha os olhos azuis; mas nenhuma dessas mulheres, nunca, era a tal mocinha

Meaulnes teve tempo de avistar, sob os espessos cabelos louros, um rosto de feições um pouco miúdas, mas desenhadas com uma finura quase dolorosa. E como ela tivesse já passado por ele, olhou melhor a toailete que era, afinal, das mais simples e discretas...

Perplexo, hesitava se devia segui-las quando a moça, voltando-se imperceptivelmente para ele, disse à companheira:

— O barco não vai demorar, agora, creio?...

Então Meaulnes acompanhou-as. A senhora, curvada, trêmula, não parava de conversar alegremente e de rir. A moça respondia com doçura. E quando desceram para o local de embarque, olhou-o com aquele mesmo olhar inocente e grave que parecia perguntar: “Quem é você? Que faz aqui? Não o conheço. E, no entanto, parece-me que conheço”.

Outros convidados estavam agora espalhados por entre as árvores, esperando. E três barcos de recreio acostavam, prontos para receber os passeantes. Um a um, à passagem das senhoras que, segundo parecia, eram a dona da casa e a filha, os jovens cumprimentavam solenemente e as moças inclinavam-se.

Estranha manhã! Estranhos jogos! Fazia frio apesar do sol de inverno e as mulheres enrolavam ao pescoço esses boás de plumas que estavam então na moda...

A senhora ficou na margem e, sem saber como, Meaulnes encontrou-se no mesmo barco que a moça dona da mansão. Debruçou-se na ponte, segurando com a mão o chapéu batido pelo vento, e pôde olhar à vontade a moça que se sentara ao abrigo do vento. Ela também o olhava. Respondia às companheiras, sorria, depois pousava nele docemente os olhos azuis, mordendo ligeiramente o lábio superior.

Reinava grande silêncio nas margens próximas. O barco deslizava no calmo ruído do motor e da água. Podia-se imaginar que se estava em pleno verão. Iam ancorar, parecia, num belo jardim de qualquer casa de campo. A moça passearia sob uma sombrinha branca. Até a noite se escutaria o gemer das rolas... Mas freqüentemente uma rajada de vento glacial vinha lembrar aos convidados dessa estranha festa que estavam em dezembro.

O barco atracou em frente a um pinhal. No cais os passageiros tiveram de esperar um instante, apertados uns contra os outros, que um dos barqueiros abrisse os cadeados da cancela... Com que emoção Meaulnes recordaria, depois, aquele instante em que, à beira do lago, ele tivera bem perto do seu o rosto da moça! Como ele olhara avidamente aquele perfil tão puro, até seus olhos quase se encherem de lágrimas. Lembrava-se de ter visto, como se fosse um delicado segredo que ela lhe tivesse confiado, um pouco do pó-de-arroz da sua face...

Em terra, tudo se processou como num sonho. Enquanto as crianças corriam soltando gritos de alegria e grupos se formavam e espalhavam pela mata, Meaulnes avançou por uma aléia, onde, dez passos à frente, caminhava aquela moça. Correu para ela antes de poder refletir:

— Como você é linda! — disse simplesmente.

Mas ela apressou o passo e, sem responder, tomou uma aléia transversal.

Outros convidados corriam, brincavam através das alamedas, cada qual vagueando à vontade, conduzido apenas pela fantasia de momento. O jovem arrependeu-se prontamente do que chamava sua boçalidade, grosseira ou estupidez. Errava ao acaso, persuadido de que não voltaria a ver aquela graciosa criatura, quando subitamente a avistou vindo ao seu encontro e forçada a passar perto dele, naquele caminho estreito. Ela afastava com as mãos as pregas de sua grande capa. Usava uns sapatos pretos muito decotados. Os tornozelos eram tão finos que a todo instante poder-se-ia recear que se fossem quebrar...

Desta vez o rapaz cumprimentou e perguntou baixinho:

— Quer me perdoar?

—Eu perdôo — respondeu gravemente. — Mas tenho que ir ter com as crianças, já que hoje são elas que mandam. Adeus.

Augustin suplicou-lhe que ficasse um momento mais. Falava com acanhamento, mas em um tom tão perturbado, tão cheio de confusão que ela começou a caminhar mais lentamente e o escutou.

— Eu nem mesmo sei quem você é — disse por fim.

A moça pronunciava cada palavra num tom uniforme, acentuando da mesma maneira cada uma delas, mas com mais doçura a última palavra... Depois a fisionomia retomava a mesma imobilidade, mordendo um pouco o lábio e os olhos azuis olhando fixamente para longe.

— Eu também não sei seu nome — respondeu Meaulnes.

Seguiam agora por um caminho descoberto e, a distância, os convidados se agrupavam junto de uma casa isolada em pleno campo.

— Eis aqui a “casa de Frantz” — disse a moça; — vou ter que deixar você...

Hesitou, olhou-o um momento e, sorrindo, disse:

— Meu nome?... Eu sou Yvonne de Galais...

E fugiu.

A “casa de Frantz” estava desabitada. Mas Meaulnes encontrou-a invadida até o sótão pela multidão dos convidados. Não teve a menor ocasião de examinar o local em que se encontrava: almoçou-se às pressas uma refeição fria, trazida nos barcos, o que não era nada próprio para aquela estação, mas sem dúvida assim o tinham decidido as crianças, e partiram de novo. Meaulnes aproximou-se de Yvonne de Galais logo que a viu sorrir, e respondendo ao que ela tinha dito há pouco:

— O nome que eu lhe dava era mais bonito — disse.

— Como? Que nome era? — perguntou Yvonne, sempre com a mesma seriedade. Mas Meaulnes teve medo de ter dito uma bobagem e não respondeu nada.

— Meu nome é Augustin Meaulnes — continuou ele —, e sou estudante.

— Oh! Você estuda? — perguntou a moça. E conversaram ainda algum tempo, vagarosamente, felizes, amigavelmente. Depois a atitude da moça se modificou. Menos altiva, menos grave agora, parecia, por outro lado, mais inquieta. Dir-se-ia temer o que Meaulnes ia dizer e, de antemão, se intimidava. Continuava junto dele, como uma andorinha, pousada um instante e já fremente do desejo de retomar o vôo.

— Mas para quê? Para quê? — respondia docemente aos projetos que Meaulnes fazia.

Mas quando, enfim, ele ousou pedir-lhe licença para voltar um dia àquela bela propriedade, respondeu apenas:

— Esperarei por você.

Chegavam perto do cais. Yvonne parou de súbito e disse pensativamente:

— Somos duas crianças; fizemos uma loucura. Não devemos, desta vez, subir no mesmo barco. Adeus, não me siga.

Meaulnes ficou parado, por instantes, olhando-a partir. Depois começou a andar. E então a jovem, lá longe, ao perder-se de novo na multidão dos convidados, voltando-se para ele, pela primeira vez olhou-o demoradamente. Seria um último adeus? Seria para lhe proibir que a acompanhasse? Ou talvez tivesse ainda algo para lhe dizer?...

Quando todo mundo estava de regresso à mansão, teve início atrás da fazenda, em uma pradaria inclinada, a corrida dos pôneis. Era a última parte da festa. Segundo todas as previsões, os noivos deviam chegar a tempo de assistir a esta corrida e seria Frantz quem dirigiria tudo.

Entretanto, a corrida teve que começar sem ele. Os rapazes vestidos de jóqueis, as mocinhas de amazonas, traziam, eles, fogosos pôneis enfeitados com fitas, elas, velhos e dóceis cavalos. No meio de gritaria, risadas infantis, apostas e badalar de sinos, parecia que fôramos transportados ao gramado viçoso e bem-aparado de qualquer campo de corridas miniatural.

Meaulnes reconheceu Daniel e as meninas de chapéus de plumas que, na véspera, escutara no pinhal...

O resto do espetáculo lhe escapou, tão ansioso estava por encontrar no meio de toda aquela gente o gracioso chapéu florido e a grande capa marrom. Mas Yvonne de Galais não apareceu. Ele ainda a procurava quando um repicar de sinos e gritos de alegria anunciaram o fim da corrida. Uma menina em cima de uma velha égua branca tinha alcançado a vitória. Passou em triunfo, na sua montada, com a pluma do chapéu flutuando aos ventos.

Mas de repente tudo se calou. Os jogos tinham acabado e Frantz não regressara ainda. Houve uma curta hesitação, conciliábulos embaraçados; por fim, dispersos os grupos, todos voltaram a seus aposentos para esperar, na inquietação e no silêncio, a chegada dos noivos.

XVI

Frantz de Galais

A corrida acabara cedo demais. Eram quatro e meia e ainda havia luz do dia quando Meaulnes se encontrou de novo em seu quarto, a cabeça fervilhando dos acontecimentos daquele dia extraordinário. Sentou-se diante da mesa, desocupado, esperando o jantar e a festa que se seguiria. E, de novo, a ventania da primeira noite. Ora rugia como a torrente de um rio ora ribombava como uma queda-d'água. A tampa de ferro da lareira batia de quando em quando.

Pela primeira vez Meaulnes sentiu aquela leve angústia que sempre nos toma no final de um dia demasiado belo. Por instantes pensou em acender o fogo, mas em vão tentou levantar a tampa enferrujada da lareira. Então começou a arrumar o quarto, pendurou suas lindas roupas nos cabides, encostou nas paredes as cadeiras desarrumadas, como se estivesse se preparando para uma estadia demorada.

Pensava entretanto que deveria estar sempre pronto para partir, e por isso dobrou cuidadosamente, como se fosse roupa de viagem, a blusa e seus outros trajes de estudante, que colocou em cima de uma cadeira e sob a qual pôs também os sapatos ferrados, ainda cheios de terra.

Depois voltou a sentar-se e olhou em redor, mais tranqüilo, o quarto que tinha acabado de pôr em ordem.

De vez em quando uma gota de chuva vinha riscar a janela que dava para o pátio das carruagens e sobre o pinhal. Calmo desde que arrumara o quarto, o rapaz sentiu-se perfeitamente feliz. Ali estava ele, misterioso desconhecido, no meio desse mundo estranho, no quarto que ele escolhera. O que tinha alcançado ultrapassava todas as suas esperanças. E bastava-lhe agora, para ser feliz, recordar o rosto ao vento da jovem, voltando-se para ele...

Durante esse devaneio a noite descera sem que ele sequer se tivesse lembrado de acender os archotes. Uma rajada de vento fez bater a porta da antecâmara que comunicava com o quarto e cuja janela também dava para o pátio das carruagens. Meaulnes ia fechá-la quando avistou nesse aposento um clarão, como o de uma vela acesa. Espiou pela porta entreaberta. Alguém entrara ali, talvez pela janela, e passeava de um lado para outro, silenciosamente. Tanto quanto se podia ver, era um homem muito jovem. De cabeça descoberta, capa de viagem pelos ombros, caminhava sem parar, como se tomado de uma dor insuportável.

O vento entrando pela janela que ele deixara aberta de par em par fazia-lhe esvoaçar a capa, e de cada vez que o jovem passava perto da luz viam-se brilhar os botões dourados de sua elegante sobrecasaca.

Assoviava qualquer coisa entre dentes, uma espécie de canção de marinheiros, como cantam nos cabarés dos portos os marujos e as prostitutas, para aliviar o coração...

No meio do agitado passeio parou um instante, inclinou-se para a mesa e, procurando numa caixa, dela tirou várias folhas de papel... Meaulnes podia distinguir, à luz da vela, um rosto muito fino e sem bigode, um perfil aquilino, a cabeleira abundante que a risca de lado separava. Parara de assoviar. Muito pálido, lábios entreabertos, parecia extenuado, como se o coração acabasse de receber um violento golpe.

Meaulnes não sabia se, por discrição, devia se retirar, ou se, ao contrário, devia avançar, colocar docemente a mão sobre o ombro dele e falar-lhe como a um camarada. Mas o outro levantou a cabeça e o viu. Olhou-o um segundo e depois, sem espanto, aproximou-se e disse com voz firme:

— Não o conheço. Mas estou contente de vê-lo. Já que está aqui vou explicar-lhe...

Parecia completamente desamparado. Quando disse “vou explicar-lhe” pegou Meaulnes pela aba do paletó, como se estivesse refletindo no que ia dizer, piscando os olhos — e Meaulnes compreendeu então que ele tinha vontade de chorar.

O outro, porém, dominou de repente toda essa dor infantil e, olhando sempre fixamente a janela, continuou, a voz alterada:

— Bem, está tudo acabado, a festa acabou. Pode descer e comunicar isto a todo mundo. Afinal, voltei sozinho. Minha noiva, essa não virá nunca mais. Por escrúpulo, temor, falta de fé... Aliás, senhor, eu vou lhe explicar...

Mas todo o rosto se contraiu e ele não pôde continuar. Voltando-lhe subitamente as costas, caminhou para a parte mais sombria do quarto e começou a abrir e fechar gavetas que estavam cheias de roupas e de livros.

— Vou preparar-me para partir — disse. — Não quero que ninguém se incomode.

Colocou em cima da mesa vários objetos, entre estes um estojo de toalete, uma pistola...

E Meaulnes, perplexo, saiu sem ousar dizer uma só palavra nem lhe apertar a mão.

Embaixo todo mundo já parecia ter pressentido alguma coisa. Quase todas as moças tinham trocado de vestido. No bloco principal o jantar já começara, mas apressada e desordenadamente, como se todos estivessem desejosos de partir.

Havia um contínuo vaivém desde a grande cozinha até a sala de jantar, os quartos e as cavalariças. Os que já tinham jantado formavam pequenos grupos, e outros despediam-se.

— Que se passa? — perguntou Meaulnes a um moço do campo que terminava apressadamente sua refeição, chapéu de feltro na cabeça e guardanapo entalado no colete.

— Vamos embora — respondeu. — Decidiram isto de repente. Às cinco horas nós, os convidados, ficamos de repente sozinhos uns com os outros. Esperamos até o último limite. Os noivos já não iam mais chegar. Alguém disse: “Se fôssemos embora...” E todo mundo se aprontou para a partida.

Meaulnes não respondeu. Agora era-lhe indiferente ir-se ou não embora. Não era certo que tinha vivido sua aventura até o fim?... Não tinha obtido, dessa vez, tudo o que desejava? Quase não tivera tempo de recordar à vontade toda a maravilhosa conversa daquela manhã. Por agora tratava-se apenas de partir. E em breve voltaria, mas dessa vez sem subterfúgios.

— Se você quer vir no nosso carro — continuou o outro, que era um rapaz da idade de Meaulnes —, apresse-se. Vamos partir dentro de instantes.

Meaulnes partiu correndo, deixando a refeição por terminar e esquecendo de comunicar aos outros convidados o que sabia. O parque, o jardim e o pátio estavam mergulhados em profunda escuridão. Nessa noite não havia lanternas nas janelas. Mas como, apesar de tudo, esse jantar se assemelhava à última refeição de uma festa de bodas, os convidados menos educados ou, quem sabe, por terem bebido demais, começaram a cantar. À medida que se ia afastando, Meaulnes escutava as canções de cabaré enchendo esse parque que, durante dois dias, abrigara tanta graça e maravilha. Era o começo da confusão e da devastação. Passou junto ao tanque onde, nessa mesma manhã, se mirara na água. Como tudo parecia ter mudado

já... com aquela canção retomada em coro e que lhe chegava aos pedaços:

“De onde vens, pequena libertina?

Tua coifa está rasgada

Como tu vens desgrenhada...”

e ainda outra:

“Meus sapatos são vermelhos...

Adeus, meus amores...

Meus sapatos são vermelhos...

Adeus para sempre!”

Quando Meaulnes chegou junto ao início da escada do seu isolado aposento, alguém que descia esbarrou com ele no escuro e disse:

— Adeus!

E embrulhando-se na capa, como se sentisse muito frio, desapareceu. Era Frantz de Galais.

A vela que Frantz deixara no quarto estava ainda acesa. Nada tinha sido mudado. Apenas em uma folha de papel de carta colocada em evidência podiam ler-se estas palavras:

“Minha noiva desapareceu, mandando-me dizer que não podia ser minha mulher; que era uma costureira e não uma princesa. Não sei o que vai ser de mim. Vou embora. Não tenho mais vontade de viver. Que Yvonne me perdoe não lhe dizer adeus, mas ela não pode fazer nada por mim...”

A vela estava se acabando; a chama vacilou um segundo e extinguiu-se. Meaulnes entrou no quarto e fechou a porta. Apesar da obscuridade, pôde distinguir as coisas que tinha arrumado em pleno dia, em plena felicidade, algumas horas antes. Peça a peça, fielmente, juntou toda a sua pobre roupa, desde as grossas botas ferradas até o cinto de fivela de cobre. Trocou de roupa rapidamente, mas, por distração, ao colocar na cadeira a roupa emprestada se enganou de colete.

Sob as janelas, no pátio das carruagens, começara o rebuliço. Gente chamava, empurrava, puxava, cada qual querendo tirar seu carro da inextrincável confusão em que todos se encontravam. De tempos a tempos um homem subia para o assento de uma carroça ou para o tejadilho de um fiacre e chamava a atenção fazendo sinais com a lanterna. O clarão batia na janela: por momentos, ao redor de Meaulnes, o quarto, agora familiar, onde tudo lhe fora carinhoso, palpitava, revivia... E foi assim que ele deixou, fechando cuidadosamente a porta, esse lugar misterioso que, sem dúvida, não voltaria mais a ver.

XVII

A estranha festa

(fim)

Já noite, uma fila de carros rodava vagorosamente em direção ao portão do bosque. À frente, um homem envolvido em uma pele de cabra, de lanterna na mão, conduzia, puxando pelas rédeas, o cavalo da primeira carruagem.

Meaulnes procurava apressadamente alguém que se encarregasse dele. Tinha pressa de partir. No fundo do seu coração, temia ficar de súbito sozinho naquele sítio e que alguém descobrisse o seu embuste.

Quando alcançou o edificio principal, estava equilibrando a carga dos últimos carros. Todo mundo se levantava para aproximar ou recuar os assentos, e as moças, embrulhadas em xales, levantavam-se com dificuldade, as mantas caindo a seus pés, e enxergavam-se os rostos inquietos daquelas que se aproximavam da luz dos lampiões.

Meaulnes reconheceu um dos homens; era o jovem camponês que há pouco lhe oferecera lugar no carro.

— Posso subir? — gritou.

— Para onde vai você, moço? — respondeu o outro, que já não se lembrava dele.

— Para os lados de Sainte-Agathe.

— Então peça um lugar ao Maritain.

E eis o nosso estudante procurando, entre os viajantes, esse Maritain desconhecido. Alguém lho indicou entre os homens que jantavam na cozinha.

— É um farrista — disseram-lhe. — Vai ficar aí até as três da manhã!

Meaulnes pensou nessa moça inquieta, febril, infeliz, que iria ouvir cantar até de madrugada esses camponeses embriagados. Em que quarto estaria ela? Qual seria sua janela, nesses misteriosos edificios? Mas não servia para nada demorar-se ali. Era preciso partir. De volta a Sainte-Agathe tudo se tornaria mais claro; ele deixaria de ser um estudante fugitivo; poderia de novo sonhar com a moça da mansão.

Um a um, os carros iam partindo; as rodas rangiam no saibro da grande aléia, e viam-se desaparecer na noite, carregados de mulheres agasalhadas, de crianças envoltas em xales cochilando. Passou ainda uma grande caleche; depois uma diligência onde as mulheres se apinhavam, ombro contra ombro; e Meaulnes, impedido, continuava à entrada da casa. Não restava mais do que uma velha carruagem conduzida por um camponês de blusão.

— Você pode subir — respondeu ele às explicações de Augustin —, nós vamos mesmo nessa direção.

Penosamente, Meaulnes abriu a portinhola, fazendo tremer o vidro e guinchar os gonzos. No banco, a um canto da viatura, dormiam duas criancinhas pequenas e uma moça. Acordaram com o ruído e o frio, espreguiçaram-se olhando-o vagamente e depois, com um arrepio, voltaram a se aconchegar e adormeceram de novo...

A velha carruagem pôs-se em marcha. Meaulnes fechou a porta cuidadosamente e instalou-se no outro canto, com precaução; depois, avidamente, esforçou-se por distinguir através do

vidro os locais que ele ia deixar e a estrada por onde tinha vindo: adivinhou, apesar da noite, que a carruagem atravessava o pátio e o jardim, transpunha a grade e saía da fazenda para penetrar no pinhal. Fugindo ao longo do vidro, viam-se vagamente os troncos dos velhos pinheiros.

“Talvez encontremos Frantz de Galais”, pensava Meaulnes com o coração alvoroçado.

Bruscamente, no caminho estreito, o carro fez um desvio para não bater em um obstáculo. Era, tanto quanto se podia adivinhar no escuro, pelas formas maciças, um carro de saltimbancos parado quase no meio do caminho e que devia ter ficado ali, próximo do local da festa, durante os últimos dias.

Transposto este obstáculo, os cavalos esforçaram-se em vão por penetrar a escuridão que os envolvia, quando subitamente, na profundidade do bosque, surgiu um clarão seguido de uma detonação. Os cavalos lançaram-se a galope e Meaulnes não soube a princípio se o cocheiro se esforçava por retê-los ou se, ao contrário, os excitava para que fugissem. Quis abrir a portinhola. Como o fecho se achava no exterior, ele tentou em vão baixar o vidro, sacudindo-o... As crianças, acordadas com o susto, abraçavam-se uma à outra, sem pronunciar palavra. E enquanto ele sacudia o vidro, de rosto encostado à janela, divisou, graças a uma curva do caminho, um vulto branco que corria. Era, desvairado, aflito, o grande Pierrô da festa, o saltimbanco, o palhaço de feira ainda fantasiado, que carregava nos braços um corpo humano que apertava de encontro ao peito. Depois tudo desapareceu.

Na carruagem que fugia a galope através da noite, as duas crianças tinham de novo adormecido. Meaulnes não tinha com quem falar dos acontecimentos misteriosos desses dois dias. Depois de ter recordado mentalmente tudo o que tinha visto e ouvido, fatigado, o coração ansioso, também ele se abandonou ao sono, como uma criança...

Não amanhecera ainda quando a carruagem parou no meio do caminho e Augustin foi acordado por alguém que batia no vidro. O condutor abriu com dificuldade a portinhola e gritou, enquanto o vento frio da noite gelava o estudante até os ossos:

— Vai ter que descer aqui. É quase dia. Nós vamos apanhar o caminho transversal. Você está pertinho de Sainte-Agathe.

Meio encolhido, Meaulnes obedeceu, procurou vagamente o gorro que tinha rolado para debaixo dos pés das crianças adormecidas, no canto mais escuro da carruagem; depois, baixando-se, saiu.

— Adeus — disse o homem, voltando a subir para o assento da carruagem. — Você não tem mais do que seis quilômetros para andar. Olhe aqui o marco à beira do caminho.

Meaulnes, ainda sonolento, começou a caminhar, curvado, o passo pesado, e sentou-se no marco da estrada, braços cruzados e cabeça baixa, como se tivesse vontade de continuar dormindo.

— Não — exclamou o condutor da carruagem. — Não pode adormecer aí. Está muito frio. Vamos, de pé, caminhe um pouco...

Cambaleante como um homem embriagado, o rapaz, de mãos nas algibeiras, ombros curvados, começou a caminhar lentamente em direção de Sainte-Agathe enquanto o último vestígio da festa encantada, a velha berlinda, deixava o cascalho da estrada e se afastava, gingando em silêncio sobre a grama do atalho. Já se não via mais do que o chapéu do condutor dançando por cima das sebes...

Segunda parte

I

O grande jogo

A ventania e o frio, a chuva ou a neve, a impossibilidade de empreender longas buscas não permitiam, nem a Meaulnes nem a mim, voltarmos a falar do país perdido antes do fim do inverno. Não podíamos começar nada sério durante os breves dias de fevereiro, nesses dias feriados de quinta-feira, sulcados de borrascas que acabavam regularmente perto das cinco da tarde em uma chuva miúda e glacial.

Nada nos fazia lembrar a aventura de Meaulnes além do fato estranho de desde o regresso dele não termos mais amigos. Nos recreios organizavam-se os mesmos jogos de antigamente, mas Jasmin não falava nunca ao Grande Meaulnes. Às tardes, depois de varrida a sala de aulas, o pátio se esvaziava, como no tempo em que eu estava sozinho, e via o meu companheiro vaguear do jardim para o galpão e do pátio para a sala de jantar.

Às quintas-feiras de manhã, instalados na escrivaninha de uma das salas de aula, líamos Rousseau e Paul-Louis Courier, que tínhamos desencavado nas prateleiras, entre os manuais de inglês e cadernos de música, muito bem copiados. À tarde, era qualquer visita que nos fazia fugir de casa e voltar de novo para a escola... Às vezes ouvíamos grupos de estudantes já crescidos que paravam um instante, como por acaso, diante do portão, onde batiam, brincando de incompreensíveis jogos militares, e depois iam embora... Essa vida triste prosseguiu até o fim de fevereiro. Começava a acreditar que Meaulnes se esquecera, quando uma aventura mais estranha do que as outras veio provar-me que estava enganado e que, à superfície baça e triste dessa vida de inverno, se preparava uma crise violenta.

Foi justamente uma quinta-feira à tarde, próximo do fim do mês, que a primeira notícia da estranha mansão, a primeira onda dessa aventura de que não falávamos mais nos envolveu. Estávamos no serão. Meus avós já tinham partido e estávamos apenas nós, Millie e meu pai, que não tinha a menor idéia da surda briga que dividira toda a sala em dois clãs.

Eram oito horas quando Millie, que tinha aberto a porta para jogar fora as migalhas deixadas pela refeição, exclamou: — Ah! — numa voz tão clara que nos aproximamos para olhar. Sobre o limiar havia uma camada de neve... Como estava muito escuro, avancei alguns passos no pátio para ver se a camada de neve era espessa. Senti leves flocos me escorregando pelo rosto e logo se derretendo. Millie mandou-me entrar e voltou a fechar a porta, friorenta.

Às nove horas, já nos dispúnhamos a subir para deitar-nos. Minha mãe segurava a lamparina, quando ouvimos duas pancadas fortes no porão, do outro lado do pátio. Ela tornou a colocar a lamparina em cima da mesa e ficamos de pé, à escuta, de ouvido apurado.

Não podíamos sequer pensar em ir ver o que era. Antes de ter atravessado metade do pátio, a lamparina se teria extinguido e o vidro estalado. Houve um curto silêncio e meu pai começava a dizer que “era, sem dúvida...” quando, mesmo sob a janela da sala de jantar, que dava, como já disse, para a estrada de La Gare, souu um assobio estridente e muito prolongado, que deve ter sido ouvido até da rua da igreja. E imediatamente, atrás da janela, apenas velada pela vidraça, avistou-se gente que deve ter subido à força dos pulsos sobre o apoio exterior e que gritava:

— Tragam-no! Tragam-no!

Na outra extremidade do edifício, gritos idênticos responderam. Essa gente certamente tinha passado pelos campos do Tio Martin e subido pelo muro baixo que separava o campo do nosso pátio.

Depois, produzidos de cada lado por oito ou dez desconhecidos, de vozes disfarçadas, os gritos de “tragam-no!” foram explodindo sucessivamente — desde o telhado do celeiro, que eles devem ter escalado subindo a um molho de lenha encostado à parede do lado de fora, até o muro gradeado da estrada de La Gare, por onde era fácil subir... Enfim, atrás, também no jardim, chegou um grupo retardatário, que fez a mesma algazarra, gritando desta vez:

— À abordagem!

E nós ouvíamos o eco desses gritos ressoar nas salas de aula, vazias, cujas janelas eles tinham aberto.

Nós conhecíamos tão bem, Meaulnes e eu, as voltas e passagens dessa grande casa que víamos nitidamente, como se fosse num mapa, todos os pontos em que esses desconhecidos nos iam atacando.

Para dizer a verdade, foi só nos primeiros momentos que tivemos medo. O assobio nos fez pensar, a nós quatro, em um assalto de vagabundos ou de ciganos. Havia quinze dias que andavam pela praça, tendo acampado atrás da igreja, um desconhecido alto e um rapaz com a cabeça envolvida em ataduras. E *havia* também entre os carpinteiros que fabricavam as rodas dos carros e os ferradores gente que não era da região.

Entretanto, logo que ouvimos os assaltantes gritarem ficamos persuadidos de que se tratava de gente do povoado — e provavelmente gente moça. Alguns seriam ainda muito jovens — suas vozes agudas sobressaíam — nessa tropa que se preparava para assaltar nossa casa como se fizessem a abordagem de um navio.

— Ah! Esta agora!... — exclamou meu pai.

E Millie perguntou em voz baixa:

— Mas o que isto quer dizer?

De repente as vozes do portão e do muro gradeado — depois as da janela — se calaram. Dois assobios agudos soaram para lá da encruzilhada. Os gritos dos garotos que estavam no telhado do celeiro e os dos assaltantes do jardim decresceram progressivamente e depois cessaram; escutamos, ao longo da parede da sala de jantar, o roçar do grupo todo que se retirava às pressas e cujos passos a neve amortecia. Evidentemente alguém os incomodara. Àquela hora em que todo mundo dormia, eles deviam ter pensado poder perpetrar em sossego o assalto àquela casa isolada, já na saída da povoação. Mas eis que alguém perturbara o plano de campanha.

Ainda mal tínhamos tido tempo de cair em nós — pois o assalto fora súbito, como uma abordagem bem comandada — e dispúnhamo-nos a sair quando ouvimos uma voz conhecida chamar à cancela:

— Sr. Seurel! Sr. Seurel!

Era o Sr. Pasquier, o açougueiro. O homem, baixo e gordo, raspou os sapatos à entrada da porta, sacudiu a blusa salpicada de neve e entrou. Tinha no rosto a expressão finória e espantada de alguém que acaba de surpreender um segredo misterioso:

— Eu estava no meu pátio, que dá para a Place des Quatre-Routes. Tinha ido fechar o curral dos cabritos. De repente que é que vejo? Dois rapazes crescidos, que pareciam sentinelas ou à espreita de qualquer coisa. Estavam perto da encruzilhada. Avancei: dou dois passos, e ei-los

que partem em correria para o lado de sua casa... Ah! Não hesitei, peguei meu lampião e disse para comigo: “Vou contar ao Sr. Seurel...”

E ia recomeçar de novo a sua história:

— Estava no pátio, atrás de minha casa... — Entretanto, oferecemos-lhe um licor, que ele aceitou, e pedimos-lhe pormenores que não soube dar.

Quando chegou perto de nossa casa não tinha visto nada. A turma fora alertada pelas duas sentinelas que ele perturbara e logo se tinha eclipsado. Quanto a dizer quem eram estas duas sentinelas...

— Podiam ser ciganos — disse. — Faz mais de um mês que eles estão aí na praça, esperando que o tempo fique bom para darem suas representações... Podem muito bem ter organizado qualquer maroteira.

Nada disto nos adiantava e continuávamos de pé, perplexos, enquanto o homem bebericava o licor e de novo repetia a sua história, quando Meaulnes, que até aí escutara muito atentamente, pegou a lâmpada que estava no chão e se decidiu:

— Precisamos ir espiar!

Abriu a porta e nós o seguimos, o Sr. Seurel, o Sr. Pasquier e eu. Millie, já sossegada, visto que os assaltantes tinham partido e, como todas as pessoas ordenadas e meticulosas, de natural pouco curiosa, declarou:

— Vão lá, se quiserem. Mas fechem a porta e levem a chave. Eu vou me deitar. Deixo a lamparina acesa.

II

Caímos em uma emboscada

Partimos, sob a neve, em um silêncio absoluto. Meaulnes caminhava à frente, projetando em leque a luz de sua lanterna... Mal tínhamos saído do portão grande quando, detrás da balança municipal, que ficava encostada à parede do nosso pátio coberto, surgiram de chofre, como perdizes assustadas, dois indivíduos embuçados. Fosse por troça, pelo prazer causado por aquela brincadeira estranha dessa noite, ou por excitação nervosa ou medo de serem apanhados, eles disseram, ao correr, duas ou três palavras entrecortadas de risos.

Meaulnes deixou cair a lanterna na neve e gritou para mim:

— Siga-me, François!...

E abandonando os dois homens mais velhos, incapazes de agüentar tal corrida, lançamo-nos em perseguição dos dois vultos que, depois de terem contornado o fim do povoado, seguindo o caminho de Vieille-Planche, seguiram deliberadamente para a igreja. Corriam em passo regular, sem demasiada pressa, e tínhamos dificuldade em segui-los. Atravessaram a rua da igreja, onde todo mundo dormia e tudo estava silencioso, e se embrenharam por detrás do cemitério, em um dédalo de vielas e becos.

Era um bairro de trabalhadores rurais, costureiras e tecelões, chamado Petits-Coins. Conhecíamos mal esse bairro, onde nunca tínhamos vindo de noite. De dia aquele local estava sempre deserto: os diaristas ausentes, os tecelões fechados em casa; e, durante aquela noite tão silenciosa, parecia ainda mais abandonado do que os outros bairros do povoado. Não havia, pois, a menor possibilidade de que alguém chegasse inesperadamente e nos prestasse auxílio.

Eu só conhecia um caminho entre essas pequenas casas, construídas ao acaso, como se fossem caixas de papelão: era o que levava à casa da costureira de Millie, a quem chamavam de “Muda”. Descia-se primeiro uma encosta bastante íngreme, com lajes de longe em longe, depois dava-se três ou quatro voltas por entre pequenos pátios de tecelões ou cavaliças vazias e chegava-se a um beco largo, fechado ao fundo por um pátio de uma fazenda há muito abandonada. Em casa da Muda, enquanto ela iniciava com minha mãe uma conversa silenciosa, seus dedos frementes, cortada apenas por gritinhos que era tudo o que a aleijada podia articular, eu via, pela sacada, o grande muro da propriedade, que era a última casa daquele lado do povoado, e a barreira, sempre fechada, do pátio deserto, sem palha, onde nunca nada acontecia...

Foi exatamente esse o caminho que os dois desconhecidos seguiram. A cada esquina temíamos perdê-los, mas, para surpresa minha, sempre chegávamos à esquina da rua próxima antes que eles a tivessem dobrado. Pensei, surpreso, que não teria sido realmente possível segui-los, tão curtas eram essas vielas, se, de cada vez que os perdíamos de vista, eles não tivessem abrandado o ritmo da corrida.

Por fim, sem hesitar, eles entraram na rua que conduzia à casa da Muda e eu gritei a Meaulnes:

— Já os apanhamos! Isto aqui é um beco!

Na realidade eles é que nos tinham apanhado... Tinham-nos conduzido para onde queriam.

Chegados junto do muro, eles enfrentaram-nos resolutamente e um soltou aquele mesmo assobio que nessa noite já ouvíramos por duas vezes. Imediatamente uma dúzia de rapazes saiu do pátio da fazenda onde parecia estarem a postos à nossa espera. Todos estavam embaçados, os rostos escondidos em cachecóis...

Quem eles eram bem sabíamos nós, mas estávamos resolvidos a não dizer nada ao Sr. Seurel, que não tinha nada a ver com aquele assunto. Eram Delouche, Denis, Giraudat e os outros todos. Durante a briga nós os reconhecemos, pela maneira de lutar e pelas vozes entrecortadas. Mas havia um ponto inquietante e que parecia assustar Meaulnes: havia ali alguém que não conhecíamos e que parecia ser o chefe.

Ele não tocava em Meaulnes: olhava seus soldados manobram e estes tinham muito o que fazer, arrastados na neve, rotos de cima a baixo, encarniçando-se contra o rapagão já quase sem fôlego. Dois deles se tinham ocupado de mim, imobilizando-me, mas com dificuldade, pois me debatia como um demônio. Eu estava no chão, os joelhos dobrados, sentado nos calcanhares; eles seguravam-me os braços juntos atrás das costas e eu olhava a cena com um misto de medo e intensa curiosidade.

Meaulnes tinha-se desembaraçado de quatro rapazes do curso que se haviam agarrado à sua blusa e, rodando rapidamente sobre si próprio, jogara-os violentamente na neve... Direita, pernas afastadas, a personagem desconhecida seguia com interesse, mas muito calma, a briga, repetindo de vez em quando com voz nítida:

— Vamos... Coragem... Voltem a ele... *Go on, my boys...*

Evidentemente, era ele quem comandava... Mas de onde vinha? Onde e como os tinha treinado para a luta? Eis o que continuava um mistério para nós. Trazia, como todos os outros, o rosto envolto em um cachecol, mas quando Meaulnes, desembaraçado de seus adversários, avançou para ele, ameaçador, o movimento que ele fez para ver melhor e enfrentar a situação descobriu um pedaço de pano branco envolvendo-lhe a cabeça, à maneira de uma atadura.

Foi nessa altura que gritei a Meaulnes:

— Tome cuidado! Atrás de você tem outro!

Ele nem sequer teve tempo de se virar, porque da barreira a que ele voltava as costas surgiu um diabo grande que, passando habilmente o seu cachecol em torno do pescoço do meu amigo, o fez cair para trás. Logo os quatro adversários a quem Meaulnes mergulhara o nariz na neve voltavam à carga para lhe imobilizarem braços e pernas. Ligaram-lhe os braços com uma corda, as pernas com um cachecol e a personagem de cabeça enfaixada revistou-lhe as algibeiras... O último a chegar, o homem que derrubara Meaulnes, acendera uma vela, que protegia com a mão, e de cada vez que descobria um papel dava-o ao chefe, que o examinava à luz da vela. Descobriu por fim aquela espécie de mapa, coberto de inscrições, em que Meaulnes trabalhava desde seu regresso, e exclamou com alegria:

— Desta vez nós conseguimos! Eis aqui o plano! Eis aqui o guia! Vamos ver se este senhor foi realmente aonde eu imagino...

O acólito apagou a vela. Cada qual recuperou o gorro ou o cinto que tinha largado durante a briga. E todos desapareceram, silenciosamente como tinham surgido, deixando-me livre para desatar às pressas as cordas que amarravam meu companheiro.

— Com aquele mapa ele não vai longe — disse Meaulnes levantando-se. E começamos lentamente o regresso, porque Augustin mancava um pouco. No caminho da igreja encontramos o Sr. Seurel e o Sr. Pasquier:

— Vocês não viram nada? — perguntaram. — Nós também não!

Graças à escuridão da noite, não se aperceberam de nada. O açougueiro deixou-nos e o Sr. Seurel foi depressa dormir.

Nós dois, em nosso quarto, lá em cima, à luz da lamparina que Millie nos tinha deixado, ficamos por muito tempo ainda tentando remendar nossas blusas descosidas, discutindo em voz baixa o que nos tinha acontecido, como dois companheiros de armas na noite de uma batalha perdida...

III

O saltimbanco na escola

O despertar na manhã seguinte foi penoso. Às oito e meia, no instante em que o Sr. Seurel ia dar o sinal de entrada, chegamos esbaforidos para nos metermos na fila. Como estávamos atrasados, esgueiramo-nos onde foi possível, mas habitualmente o Grande Meaulnes era o primeiro da longa fila de alunos carregados de livros, cadernos e estojos de lápis e canetas, que o Sr. Seurel inspecionava.

Fiquei surpreso com o zelo silencioso que puseram em nos dar lugar na fila, e enquanto o Sr. Seurel, atrasando alguns segundos o início da aula, inspecionava o Grande Meaulnes, avancei a cabeça com curiosidade, olhando à direita e à esquerda para ver os rostos dos nossos inimigos da véspera.

O primeiro que avistei era aquele mesmo em quem não tinha deixado de pensar, mas o último, afinal, que esperava ver ali. Estava no lugar habitual de Meaulnes, o primeiro de todos, um pé no degrau de pedra, um ombro e o canto da sacola que trazia às costas apoiados no umbral da porta. Seu rosto fino, muito pálido, um pouco sardento, estava inclinado e voltado para nós com uma espécie de curiosidade desdenhosa e divertida. Tinha a cabeça e um lado do rosto envoltos em ataduras brancas. Reconheci o chefe do bando, o jovem saltimbanco que na véspera à noite nos tinha roubado.

Entretanto, já entrávamos na aula e cada qual tomava o respectivo lugar. O novo aluno sentou-se junto ao pilar, à esquerda do banco onde Meaulnes ocupava, à direita, o primeiro lugar. Giraudat, Delouche e os três outros do primeiro banco tinham-se apertado uns contra os outros para lhe darem esse lugar, como se tudo estivesse combinado de antemão...

Muitas vezes, durante o inverno, passavam assim, entre nós, alunos de acaso, marinheiros presos pelos gelos do canal, aprendizes, viajantes imobilizados pela neve... Assistiam às aulas dois dias, um mês, raramente mais do que isso...

Alvos da nossa curiosidade durante os primeiros instantes, eram logo abandonados e depressa se misturavam com a multidão dos alunos habituais.

Mas aquele não ia ser esquecido assim tão depressa. Lembro-me ainda daquele moço singular e de todos os tesouros escondidos na bolsa que ele pendurava às costas. Foram, primeiro, as canetas “com vistas” que ele usou para escrever o ditado. No cabo, através de pequenos orifícios, fechando um olho se via aparecer, pouco nítida e aumentada, a Basílica de Lourdes, ou qualquer outro monumento desconhecido. Ele escolheu uma caneta entre as que possuía e os outros imediatamente fizeram-na passar de mão em mão. Depois foi um estojo chinês cheio de compassos e instrumentos divertidos que se espalharam pelo banco da esquerda, escorregando silenciosamente, manhosamente, de mão em mão, sob os cadernos, para que o Sr. Seurel não descobrisse.

E assim passaram também livros novinhos, cujos títulos eu tinha lido, com cobiça, na capa dos raros livros da nossa biblioteca: *A planície dos melros*, *O rochedo das gaiivotas*, *Meu amigo Benoist*... Uns folheavam sobre os joelhos, com uma mão, esses volumes vindos sabe-se lá de onde, roubados talvez, e faziam o ditado com a outra mão. Outros giravam o compasso no fundo da gaveta das carteiras. Outros, bruscamente, enquanto o Sr. Seurel virava

as costas e continuava o ditado, caminhando da escrivaninha até a janela, fechavam um olho e colavam o outro à imagem glauca e esburacada da Catedral de Notre-Dame de Paris... E o estranho aluno, de caneta na mão, o fino perfil se destacando contra o pilar cinzento, piscava os olhos, contente com todo aquele jogo furtivo que se organizava em seu redor.

Pouco a pouco, no entanto, toda a sala se alvoroçou: os objetos que “fazíamos passar” aos poucos chegavam um após o outro às mãos de Meaulnes, que, negligentemente, sem sequer olhá-los, os colocava junto dele. Em breve se acumulou um monte, de várias cores, como aos pés da mulher que representa a Ciência nas composições alegóricas. Fatalmente o Sr. Seurel iria descobrir essa exposição insólita e se aperceberia da manobra. Talvez pensasse, aliás, em fazer um inquérito sobre os acontecimentos da noite anterior. A presença do saltimbanco facilitaria a tarefa...

Com efeito, logo parou, surpreso, diante do Grande Meaulnes.

— A quem pertence tudo isso? — perguntou designando “tudo isso” como a lombada do livro que segurava na mão, fechado sobre o dedo indicador.

— Não sei de nada — respondeu Meaulnes em tom desabrido, sem levantar a cabeça.

Mas o aluno desconhecido interveio:

— É meu — disse.

E acrescentou imediatamente, com o gesto largo e elegante de um jovem senhor, ao qual o velho professor não soube resistir:

— Mas está tudo à sua disposição, se o senhor quiser ver.

Então, em alguns segundos, sem ruído, como que para não perturbar o novo estado de coisas que acabava de se criar, toda a turma se reuniu curiosa em torno do mestre, que se debruçava sobre esse tesouro, a cabeça meio calva meio frisada, e da jovem personagem pálida que, com ar de tranqüilo triunfo, dava as explicações necessárias. Entretanto, silencioso em seu banco, completamente abandonado, o Grande Meaulnes tinha aberto o seu caderno de rascunhos e, de sobrolho franzido, absorveu-se em um problema difícil.

O “quarto de hora” nos surpreendeu nessas ocupações. O ditado não se tinha acabado e reinava a desordem na sala. Para dizer a verdade, o recreio durava desde a manhã.

Às dez e meia, quando o pátio sombrio e lamacento foi invadido pelos alunos, logo nos demos conta de que um novo líder reinava entre nós. De todos os novos prazeres que o saltimbanco, desde a manhã, introduziu entre nós, não me recordo senão do mais sangrento: era uma espécie de torneio em que os cavalos eram os alunos mais crescidos, carregando os mais jovens aos ombros. Divididos em dois grupos, que partiam de cada uma das extremidades do pátio, eles caíam uns sobre os outros procurando derrubar o adversário com a força do choque, e os cavaleiros, usando os cachecóis como laço ou com os braços estendidos como lanças, esforçavam-se por desmontar os rivais. Muitos, ao se esquivarem do choque, perdiam o equilíbrio e rolavam na lama, rebolando o cavaleiro sob a montada. Outros, meio desequilibrados, eram agarrados pelos “cavalos”, que os seguravam pelas pernas, e de novo se encarniçavam na luta, voltando a subir aos ombros dos mais velhos. Montado em Delage, que era grande e tinha uns membros desmedidos, cabelo ruivo e orelhas deslocadas, o esguio cavaleiro de cabeça enfaixada excitava os dois grupos rivais e dirigia com malevolência a sua montada, rindo às gargalhadas.

Augustin, de pé, à entrada da sala de aula, olhava de mau humor organizarem-se esses jogos. E eu estava junto dele, indeciso.

— É um espertalhão — disse entre dentes, mãos nos bolsos. — Vir aqui hoje de manhã era o único meio de não se tornar suspeito. E o Sr. Seurel caiu na esparrela.

Continuou muito tempo, de cabeça ao vento, resmungando contra esse comediante que ia indisciplinar todos aqueles rapazes, dos quais, pouco tempo antes, era ele o capitão. E a criança pacífica que eu era não deixava de lhe dar razão.

Por todo lado, na ausência do professor, a luta prosseguia: os mais jovens tinham montado uns em cima dos outros; corriam e trambolhavam antes mesmo de terem recebido o choque dos adversários.. Em breve não restava de pé, no meio do pátio, senão um grupo aguerrido rodopiando, onde emergia, por vezes, a atadura branca do novo chefe.

Então o Grande Meaulnes não pôde resistir mais. Curvou a cabeça, colocou as mãos nas coxas e gritou para mim:

— Vamos, François!

Embora surpreso por aquela decisão súbita, saltei sem hesitar para os ombros dele e em segundos estávamos no meio dos lutadores, enquanto a maioria dos combatentes, desvairados, fugia gritando:

— O Meaulnes! O Grande Meaulnes vem aí!

Meaulnes começou a rodopiar por entre os que restavam e disse-me:

— Estenda os braços. Agarre-os como eu fiz a noite passada!

E eu, embriagado pela luta, certo do triunfo, agarrava à passagem os meninos que se debatiam, oscilavam um instante nos ombros dos maiores e tombavam na lama. Dentro em pouco não restava de pé senão o recém-chegado, montado em Delage; mas este, pouco desejoso de iniciar uma luta com Augustin, deu um violento golpe de rins para trás, ergueu-se e fez desmontar o cavaleiro branco.

Com a mão no ombro de sua montada, como um comandante segurando o freio do seu cavalo, o moço, de pé, já no chão, olhou o Grande Meaulnes com um pouco de espanto e uma imensa admiração:

— Até que enfim! — disse.

Mas logo a seguir tocou a sineta, dispersando os alunos que se tinham aglomerado em volta de nós na expectativa de presenciar alguma cena curiosa. E Meaulnes, despeitado por não ter conseguido derrubar o inimigo, voltou-nos as costas dizendo mal-humorado:

— Fica para outra vez!

Até o meio-dia a aula continuou como nas proximidades das férias, misturada de intervalos divertidos e conversas das quais o aluno-comediante era o fulcro.

Ele explicou que, imobilizados pelo frio, na praça, não podendo sequer sonhar em organizar representações noturnas, às quais não iria ninguém, tinham decidido que ele iria às aulas para se distrair durante o dia, enquanto o companheiro cuidaria dos pássaros das ilhas e da cabra sábia. Depois contava as viagens nos arredores, quando a chuva caía no velho tejadilho de zinco do carro, e como nas encostas era preciso descer e empurrá-lo. Os alunos do fundo da sala deixavam os lugares para vir escutar de mais perto. Os menos românticos aproveitavam a ocasião para se esquentarem junto ao fogão. Mas em breve a curiosidade os tomava também e se aproximavam do grupo tagarela, ouvido à escuta, deixando uma das mãos pousada na tampa do fogão para marcar lugar.

— E de que é que vocês vivem? — perguntou o Sr. Seurel, que acompanhava tudo isto com sua curiosidade um tanto pueril de mestre-escola, crivando-o de perguntas.

O rapaz hesitou um momento, como se esse pormenor nunca o tivesse inquietado.

— Ora — respondeu —, do que ganhamos no outono, penso eu. É Ganache quem cuida das contas.

Ninguém perguntou quem era Ganache. Mas eu pensei naquele diabo grande que, traiçoeiramente, na véspera à noite, atacara Meaulnes pelas costas e o jogara no chão.

IV

Onde se trata da mansão misteriosa

A tarde trouxe os mesmos divertimentos e, durante a aula, a mesma desordem e as mesmas fraudes. O saltimbanco trouxera outros objetos preciosos, conchas, jogos, canções e até um minúsculo macaquinho que arranhava surdamente o interior do saco... A cada instante era preciso que o Sr. Seurel se interrompesse para examinar o que o ardiloso moço tirava da sacola... Chegaram as quatro horas e Meaulnes era o único que havia terminado os problemas.

Todo mundo saiu sem pressa. Parecia já não existir mais, entre as horas de aula e o recreio, aquela dura separação que tornava a vida escolar simples e regrada como a sucessão dos dias e das noites. Esquecemos até de designar ao Sr. Seurel, como habitualmente às dez para as quatro, os dois alunos que deviam ficar para varrer a sala. Ora, nunca deixávamos de fazê-lo, pois era uma maneira de avançar e apressar a saída da aula.

Quis o acaso que nesse dia fosse a vez do Grande Meaulnes; e, desde a manhã, conversando com o saltimbanco, eu o advertira de que os mais recentes eram sempre designados para serem os segundos varredores no dia da chegada.

Meaulnes voltou para a aula logo que foi buscar o pão de sua merenda. Quanto ao saltimbanco, fêz-se esperar muito tempo e chegou em último lugar, correndo, quando já começava a anoitecer...

— Você vai ficar na sala — tinha-me dito meu companheiro —, e enquanto eu o seguro você lhe toma o mapa que ele me roubou.

Tinha-me sentado em uma mesa pequena, junto da janela, aproveitando a última claridade do dia para ler, e vi-os, ambos, deslocarem os bancos da escola — o Grande Meaulnes taciturno e de expressão dura, o blusão negro abotoado atrás com três botões e apertado por um cinto; o outro, delicado, nervoso, de cabeça atada como um ferido. Vestia um paletó em mau estado, com rasgões que eu não notara durante o dia. Com um ardor quase selvagem, ele levantava e empurrava as mesas com uma precipitação louca, sorrindo levemente. Dir-se-ia que brincava um jogo extraordinário do qual ignorávamos o segredo.

Assim, chegaram ambos ao canto mais escuro da sala para deslocar a última mesa. Aí Meaulnes podia facilmente derrubar o adversário sem que ninguém de fora tivesse oportunidade de os ver ou ouvir através das janelas. Eu não entendia como ele deixava escapar uma ocasião dessas. O outro, que voltava para junto da porta, fugiria de um momento para outro, pretextando ter terminado a tarefa. E nunca mais o veríamos... O mapa e todas as informações que Meaulnes demorara tanto tempo para recolher ficariam perdidos para nós...

A cada instante esperava de meu camarada um sinal, um movimento que me comunicasse o início da batalha, mas Augustin continuava impassível. Só às vezes olhava com fixidez estranha e ar interrogativo a atadura do saltimbanco, que, na penumbra do anoitecer, parecia largamente manchada de negro.

Deslocaram a última mesa sem que nada acontecesse.

Mas no momento em que, dirigindo-se ambos para o fim da sala, eles iam dar, no limiar da porta, a última varredela, Meaulnes, curvando a cabeça e sem olhar o inimigo, disse a meia voz:

— A sua atadura está empapada de sangue e sua roupa está rasgada.

O outro olhou-o um instante, não parecendo surpreso com o que Meaulnes dizia, mas profundamente comovido.

— Eles quiseram roubar-me seu mapa, há pouco, na praça. Quando souberam que eu queria voltar para varrer a sala de aula, perceberam que eu faria as pazes com você e se revoltaram contra mim. Mas eu consegui salvar o mapa — acrescentou com orgulho, estendendo a Meaulnes o precioso papel dobrado.

Meaulnes lentamente virou-se para mim:

— Você está ouvindo? — disse. — Acaba de brigar e de ficar ferido por nossa causa, e enquanto isso nós lhe preparávamos uma armadilha!

Então, voltando-se para o saltimbanco, disse-lhe familiarmente:

— Você é um camarada leal — e estendeu-lhe a mão.

O saltimbanco segurou a mão de Meaulnes e ficou sem palavras, perturbado, a voz embargada. Mas logo a seguir, com uma curiosidade ardente, prosseguiu:

— Com que então vocês me preparavam uma armadilha? Eu já tinha adivinhado e dizia com os meus botões: vão ficar bem admirados quando recuperarem o mapa e verificarem que eu o completei...

— Completou?

— Oh! Espere um pouco! Não inteiramente...

E deixando o tom brincalhão, acrescentou grave e lentamente, aproximando-se de nós:

— Meaulnes, é hora de lhe dizer: eu também fui lá onde você esteve. Assisti àquela festa extraordinária. Pensei logo, quando os rapazes do curso me falaram da sua aventura misteriosa, que se tratava da velha mansão perdida. Para ter certeza roubei seu mapa... Mas estou com você: ignoro o nome da propriedade; não saberia voltar lá; não conheço inteiramente o caminho que para lá conduz.

Com que entusiasmo, com que intensa curiosidade, com que amizade nos aproximamos mais dele! Avidamente, Meaulnes fazia-lhe perguntas... Parecia-nos que insistindo ardentemente junto do nosso novo amigo nós o faríamos revelar aquilo mesmo que ele dizia também ignorar.

— Vocês verão, vocês verão — respondia o rapaz com um pouco de embaraço e aborrecimento —, eu pus no plano algumas indicações que vocês não tinham. . . Foi tudo o que pude fazer.

Depois, vendo-nos cheios de admiração e entusiasmo:

— Oh! — disse, de maneira triste mas com muita dignidade — prefiro adverti-los. Eu não sou uma pessoa como as outras. Há três meses meti uma bala na cabeça e é por isso que ando com esta atadura, como um soldado da guerra de 1870...

— E esta noite, quando você brigou, a ferida voltou a sangrar — disse Meaulnes com amizade.

Mas o outro, sem fazer caso, continuou num tom ligeiramente enfático:

— Queria morrer. E como não consegui, continuarei a viver só para me divertir, como uma criança, como um cigano. Abandonei tudo. Não tenho mais pai, nem irmã, nem casa, nem amor... Nada mais do que meus companheiros de divertimentos...

— Esses companheiros já estão te traindo — disse eu.

— Sim — respondeu animadamente. — A culpa é de um tal de Delouche. Adivinhou que ia me ligar com vocês. Desmoralizou minha turma, que eu tinha tão bem treinada... Vocês viram

aquela abordagem, ontem à noite, como foi conduzida, como correu bem! Desde menino que não organizava nada com tanto êxito.

Calou-se por instantes e acrescentou para nos esclarecer completamente a seu respeito:

— Se fiz as pazes com vocês, esta noite, foi porque esta manhã reparei que é mais divertido estar do lado de vocês do que com todos os outros. Delouche, principalmente, me desagrada. Que idéia de querer fingir-se homem aos dezessete anos. Não há nada que me aborreça mais... Vocês acham que nós poderemos agarrá-lo?

— Certamente — disse Meaulnes. — Mas você vai ficar muito tempo entre nós?

— Não sei. Bem gostaria. Sinto-me terrivelmente só, tendo apenas Ganache por companheiro...

De repente, toda a sua alegria febril, todo o seu bom humor se tinham desvanecido. Mergulhou subitamente naquele desespero em que, sem dúvida, um dia, a idéia de se matar o assaltara.

— Sejam meus amigos, mesmo no dia em que eu estiver a dois passos do inferno, como já estive uma vez... Jurem que me responderão quando chamar, quando chamar vocês assim... — (e soltou uma espécie de grito estranho: hu-uh...) — Jure você primeiro, Meaulnes.

E nós juramos, pois éramos crianças e tudo quanto fosse mais solene e sério do que o costume nos seduzia.

— Em troca — disse —, eis aqui o que posso fazer por vocês: vou-lhes indicar a casa de Paris onde a mocinha da mansão costuma passar as férias de Páscoa e Pentecostes, o mês de junho e, às vezes, uma parte do inverno.

Nesse momento, na noite, uma voz desconhecida, vinda dos lados do portão grande, chamou várias vezes. Adivinhamos que se tratava de Ganache, o saltimbanco que não ousava ou não sabia atravessar o pátio. Com uma voz premente, ansiosa, ele continuava chamando, umas vezes muito alto, outras baixo:

— Hu-uh! Hu-uh!

— Diga! Diga depressa! — gritou Meaulnes ao moço, que estremeceu e se preparava para partir.

Ele deu rapidamente um endereço em Paris que repetimos em voz baixa. Depois correu no meio da escuridão, indo juntar-se a seu companheiro na cancela e nos deixando com uma perturbação inexprimível.

V

O homem das alpercatas

Nessa noite, por volta das três horas da manhã, a viúva Delouche, a dona da hospedaria, que morava no centro do povoado, levantou-se para acender o fogo. Dumas, o cunhado que morava com ela, devia se pôr a caminho às quatro horas e a pobre mulher, cuja mão direita tinha uma enorme cicatriz de uma antiga queimadura, apressava-se, na cozinha escura, a preparar o café. Fazia frio. Ela vestiu por cima da camisola um xale velho e depois, segurando com uma das mãos a vela acesa e abrigando a chama com a mão afetada, de avental arregaçado, atravessou o pátio cheio de garrafas vazias e caixas de sabão, abriu a porta de uma cabana que servia de capoeira para pegar lenha... Entretanto, mal ela empurrara a porta, um indivíduo surgido da escuridão apagou-lhe a vela dando-lhe com o gorro um golpe tão violento que zuniu no ar e, derrubando a pobre velha, fugiu a toda, enquanto as galinhas e os galos, espantados, faziam um barulho infernal.

O homem levava em um saco — como a viúva Delouche verificou um pouco mais tarde, quando recuperou a calma — uma dúzia dos seus mais belos frangos.

Aos gritos da cunhada Dumas correu. Reparou que o vagabundo, para entrar, tivera que abrir com chave falsa a porta do pequeno pátio e que, ao fugir, tomara o mesmo caminho. Imediatamente, habituado como estava aos caçadores furtivos e aos ladrões de galinhas, acendeu a lanterna da sua carroça e tomando o fuzil de caça empenhou-se em seguir a pista do gatuno, pista muito imprecisa — o indivíduo devia estar calçando alpercatas — que o conduziu à estrada de La Gare e depois se perdeu diante da barreira de um Prado. Forçado a suspender aí a sua busca, Dumas levantou a cabeça e parou... escutando ao longe, na mesma estrada, o rumor de um carro lançado a galope que fugia...

Por seu lado, Jasmin Delouche, o filho da viúva, levantara-se e, pondo apressadamente um capote sobre os ombros, saíra de chinelos para inspecionar o povoado. Tudo dormia, tudo estava mergulhado na obscuridade e no silêncio profundo que precedem os primeiros clarões do dia. Chegado à Place des Quatre-Routes, ele apenas ouviu — tal como o tio — muito ao longe, para os lados da colina de Riaudes, o ruído de um carro, cujo cavalo devia galopar com as quatro patas no ar...

Astuto e fanfarrão, Jasmin pensou então, como nos repetiu depois com o insuportável sotaque dos arredores de Montluçon:

— Eles partiram para as bandas de La Gare, mas não quer dizer que não “apanhem” outros do outro lado do povoado.

E tomou caminho em direção à igreja, no silêncio noturno.

Na praça, no carro dos saltimbancos, havia luz. Alguém doente, sem dúvida. Ele ia aproximar-se para perguntar o que acontecera quando um vulto silencioso, uma sombra calçando alpercatas, desembocou de Petits-Coins e correu, sem olhar para parte alguma, para o estribo do carro...

Jasmin, que reconhecera Ganache, avançou repentinamente para a luz e perguntou a meia voz:

— Que aconteceu?

Desvairado, desgrenhado, sem dentes, o outro o olhou com um trejeito de infelicidade, causado pelo medo e pelo espanto, a respiração entrecortada:

— É o companheiro que está doente... Brigou ontem à noite e a ferida abriu de novo... Acabo de chamar uma irmã de caridade.

Com efeito, quando Jasmin Delouche, muito intrigado, regressava a casa para voltar a deitar-se, encontrou, no meio do povoado, uma religiosa apressada.

De manhã, vários habitantes de Sainte-Agathe saíram de suas casas com os mesmos olhos inchados e pisados por uma noite sem dormir. Estavam todos possuídos de uma indignação que se espalhou pelo povoado como um rastilho.

Em casa de Giraudat tinham escutado, por volta das duas horas da manhã, uma carroça que parava e na qual carregavam apressadamente embrulhos que caíam com um barulho surdo. Na casa havia apenas duas mulheres que não tinham tido coragem de fazer qualquer coisa. De dia compreenderam, ao abrirem a porta da capoeira, que os ditos embrulhos eram os coelhos e frangos... Millie, durante o primeiro recreio, encontrou diante da porta da lavanderia vários fósforos queimados. Concluiu-se que os gatunos estavam mal informados a respeito de nossa casa e não puderam entrar... Em casa de Perreux, de Boujardon e também de Clément, julgaram, a princípio, que eles também tinham roubado os porcos, mas estes foram encontrados, durante a manhã, ocupados em arrancar alfaces em diversos jardins. Toda a vara de porcos tinha aproveitado a ocasião e as portas abertas para dar um passeiozinho noturno... Tinham levado as galinhas de quase todas as casas; mas não ficaram por aí. A Sra. Pignot, a padeira, que não criava galinhas, gritou toda a manhã que lhe tinham roubado uma pá de bater a roupa e quase uma libra de anil, mas esse fato nunca foi provado nem inscrito no processo...

Essa aflição, esse temor, essa tagarelice duraram toda a manhã. Na aula, Jasmin contou a sua aventura noturna:

— Ah! Eles foram muito espertos — dizia. — Mas se meu tio tivesse encontrado algum deles, ele bem disse: “Fuzilava-os como se fossem coelhos!”

E acrescentava, olhando para nós:

— Ainda bem que ele não encontrou Ganache; era bem capaz de atirar nele. São todos da mesma raça, diz ele, e Dessaigne também diz o mesmo.

Ninguém, no entanto, sequer sonhou em inquietar nossos novos amigos. Foi na noite seguinte que Jasmin fez notar ao tio que Ganache, tal como o ladrão, calçava alpercatas. Estiveram de acordo em que isto valia a pena ser comunicado à delegacia. Decidiram pois, em grande segredo, irem, logo que tivessem ocasião, prevenir o policial de serviço.

Durante os dias que se seguiram o jovem saltimbanco doente, com a ferida ligeiramente reaberta, nem apareceu.

À noite íamos para o adro da igreja, apenas para ver a lamparina acesa por trás da cortina vermelha do carro. Cheios de angústia e febris, ali ficávamos sem ousar nos aproximar da humilde carroça, que nos parecia ser a misteriosa passagem e a antecâmara do país de que perdêramos o caminho.

VI

Uma briga nos bastidores

Tamanha ansiedade e tantas e tão diversas perturbações durante esses dias nos tinham impedido de notar que março já chegara e que o vento abrandara. Mas no terceiro dia depois da nossa aventura, descendo pela manhã ao pátio, percebi de repente que estávamos na primavera. Uma brisa deliciosa como água morna perpassava sobre o muro, uma chuva silenciosa molhara durante a noite as folhas das peônias; a terra do jardim recém-cavado exalava um forte aroma e eu escutava, na árvore vizinha à janela, um pássaro que ensaiava sua música...

Meaulnes, no primeiro recreio, falou em experimentar imediatamente o itinerário indicado pelo estudante-cigano. A custo o persuadei a esperar que revíssemos o nosso amigo, que o bom tempo se consolidasse, que todas as ameixeiras de Sainte-Agathe estivessem floridas. Encostados ao muro da viela, mãos nos bolsos e cabeça descoberta, conversávamos, e o vento ora nos fazia estremecer de frio ora, com suas lufadas mornas, acordava em nós não sei que antigo e profundo entusiasmo. Ah! Irmão, companheiro, viajante, como estávamos persuadidos, ambos, de que a felicidade estava próxima e de que bastaria nos lançarmos a caminho para alcançá-la!...

Ao meio-dia e meia, durante o almoço, escutamos um rufar de tambor na Place des Quatre-Routes. Num abrir e fechar de olhos estávamos na cancela, de guardanapo na mão... Era Ganache que anunciava para essa noite, às oito horas, dado o “bom tempo”, uma grande representação no adro da igreja. Na dúvida, “para estarmos prevenidos contra a chuva”, ergueriam uma grande tenda. Seguia-se um vasto programa de atrações, que o vento levou, mas ainda pudemos distinguir vagamente “pantomimas... canções... fantasias eqüestres...”, tudo isto ritmado por novos rufos de tambor.

Durante o jantar, o tambor, para anunciar a sessão, soou sob nossas janelas a ponto de fazer estremecer os vidros. Em breve, com um zumbido de conversas, começou a passar, em pequenos grupos, a gente do povoado, que se encaminhava para o adro da igreja. E nós ali, os dois forçados a ficar à mesa, tremendo de impaciência!

Perto das nove horas, enfim, escutamos um raspar de pés e risinhos abafados junto da nossa cancela: nossas professoras vinham nos buscar. Na mais completa escuridão, partimos em bando para o local do espetáculo. Avistamos de longe a parede da igreja, como que iluminada por um grande incêndio. Duas lanternas acesas em frente à porta da barraca ondulavam ao vento...

Dentro haviam-se improvisado bancadas como num circo. O Sr. Seurel, as professoras, Meaulnes e eu instalamo-nos nos bancos mais baixos. Revejo o local, que devia ser bem pequeno, como se fosse um verdadeiro circo, com grandes manchas de sombra, de onde emergiam a Sra. Pignot, a padeira, Fernand, a merceeira, as mocinhas do povoado, os ferradores, as senhoras, os camponeses e outros ainda.

A representação já ia em mais de metade. Via-se na pista uma cabrinha amestrada que docilmente colocava as patas em cima de quatro copos, depois em dois, e por fim em um único copo. Era Ganache quem a comandava docemente, tocando-a com uma vara, enquanto

nos olhava com ar inquieto, boca aberta e olhos mortiços.

Sentado em um tambor, junto de duas outras lamparinas, no lugar em que a pista comunicava com o carro dos saltimbancos, avistamos, envergando um fino maiô de malha preta, cabeça atada, quem comandava a recita, o nosso amigo.

Mal nos tínhamos sentado quando saltou para a pista um pônei muito bem ajaezado, que o jovem ferido fez dar várias voltas e ia parando diante de um e de outro à medida que lhe pediam para designar a pessoa mais amável ou mais importante daquela sociedade; mas parava sempre diante da Sra. Pignot quando se tratava de apontar a pessoa mais mentirosa, mais avarenta ou mais “apaixonada”... E havia em torno dela risos, gritos, cotoveladas, como se fosse um bando de gansos perseguidos por um perdigueiro!...

No intervalo o diretor da festa veio conversar um instante com o Sr. Seurel, que não teria ficado mais orgulhoso se tivesse falado com Talma ou com Léotard. E nós escutávamos tudo o que ele dizia com um interesse apaixonado: do ferimento — já fechado; do espetáculo; da partida deles — que não seria antes do fim do mês, pois pensavam dar até lá outras representações variadas e inéditas.

O espetáculo terminaria com uma grande pantomima.

Perto do fim do intervalo o nosso amigo deixou-nos e, para chegar à entrada do carro, foi obrigado a passar entre um grupo que invadira a pista e no meio do qual avistamos, de súbito, Jasmin Delouche. As mulheres e as moças afastaram-se. Aquele maiô negro, o ferimento, aquele ar estranho e corajoso tinham-nas seduzido a todas. Quanto a Jasmin, que parecia ter, naquele instante, acabado de regressar de uma viagem, e conversava em voz baixa e animada com a Sra. Pignot, quanto a ele, era evidente que um cordão à cintura, um colarinho baixo e umas calças largas tê-lo-iam conquistado com mais segurança... Jasmin metera os polegares nas cavas do colete com um ar ao mesmo tempo enfatuado e pouco à vontade. À passagem do saltimbanco, disse em voz alta e em tom despeitado para a Sra. Pignot qualquer coisa que eu não ouvi, mas que era, certamente, uma injúria, algo de provocante em relação ao nosso amigo. Deve ter sido uma ameaça grave e inesperada, pois o moço não se pôde conter, voltou-se e fitou Jasmin, que para não parecer atemorizado acotovelava os vizinhos como que para pô-los do seu lado... Tudo isto, aliás, se passou em breves segundos. Fui provavelmente a única pessoa, no meu banco, que se deu conta do que se estava passando.

O diretor do circo juntou-se ao seu companheiro, atrás da cortina que tapava a entrada do carro; todos regressavam aos seus lugares na platéia, crendo que a segunda parte começaria em breve, e fez-se um profundo silêncio. Então, atrás da cortina, enquanto cessavam as últimas conversas em voz baixa, subiu um rumor de discussão. Não ouvíamos o que diziam mas reconhecemos as duas vozes, a do homem grande e a do moço — a primeira que explicava, se justificava, a do outro que ralhava, com indignação e tristeza ao mesmo tempo.

— Mas, infeliz — dizia o moço —, por que você não falou comigo...

E não ouvimos mais nada em seguida, apesar de todo mundo apurar o ouvido. Depois, de súbito, tudo se calou. A altercação prosseguiu em voz baixa e os garotos da parte alta da platéia começaram a gritar, pateando:

— As luzes! A cortina!

VII

O saltimbanco tira a atadura

Por fim apareceu lentamente, por entre as cortinas, o rosto — sulcado de rugas, encarquilhado, umas vezes pela alegria outras pela desgraça, e semeado de confete — de um pierrô alto, feito de três peças articuladas, encolhido sobre a barriga como se estivesse sofrendo uma cólica, caminhando na ponta dos pés como por excesso de prudência e temor, mãos embaraçadas pelas mangas demasiado longas que se arrastavam na pista.

Não saberia hoje reconstituir o assunto da pantomima. Recordo apenas que desde a sua chegada ao circo, depois de em vão e desesperadamente ter tentado segurar-se em pé, ele tombou. Bem queria se levantar; era mais forte do que ele: tornava a cair. Não parou de cair. Tropeçou em quatro cadeiras ao mesmo tempo. Na queda arrastou uma enorme mesa que tinha trazido para a pista. Acabou por se instalar além da barreira do circo, junto dos espectadores. Dois ajudantes, saídos de entre o público, com grande dificuldade puxavam-no pelos pés e conseguiam levantá-lo, ao cabo de inconcebíveis esforços. E de cada vez que tombava ele soltava um gritinho, sempre diferente, um insuportável gritinho em que a aflição e a alegria se misturavam em doses iguais. No desfecho, tendo escalado uma pilha de cadeiras colocadas umas em cima das outras, deu uma queda enorme e muito lenta, ululando de triunfo, um grito estridente e infeliz, que durou tanto quanto a queda, acompanhado por outros gritos de susto das mulheres.

Durante a segunda parte da pantomima revejo, sem que me recorde por quê, “o pobre pierrozinho que cai”, fazendo sair de uma das mangas uma pequena boneca recheada de farelo e mimando com ela uma cena tragicômica. No final, fazia-lhe sair pela boca todo o farelo que a boneca tinha dentro da barriga. Depois, sempre dando gritinhos de lástima, ele tornou a enchê-la com uma papa e, no momento culminante, enquanto os espectadores, boquiabertos, os beiços caídos, tinham os olhos fixos na boneca viscosa e semi-arrebentada do pobre Pierrô, ele a tomou de súbito por um braço e lançou-a com toda a força por cima dos espectadores, à cara de Jasmin Delouche, ao qual apenas molhou a orelha, indo depois achatar-se contra o estômago da Sra. Pignot, bem por baixo do queixo. A padeira deu tamanho grito, de tal modo se encostou para trás no banco, e as vizinhas tão bem a imitaram, que o banco quebrou, e a padeira, Fernande, a triste viúva Delouche e vinte pessoas mais se estatelaram no chão, entre gargalhadas, gritos e aplausos, enquanto o palhaço, de rosto curvado, se levantava para cumprimentar dizendo:

— Senhoras e senhores, temos a honra de lhes agradecer!

Mas nesse momento e no meio de imenso alarido, o Grande Meaulnes, silencioso desde o começo da peça, e que parecia mais absorto de minuto a minuto, levantou-se bruscamente, agarrou-me o braço, incapaz de se conter, e gritou:

— Olhe bem o saltimbanco! Olhe! Por fim o reconheci!

Antes mesmo de o ter olhado, como se há muito tempo, inconscientemente, esse pensamento estivesse germinando dentro de mim, não esperando senão o momento de eclodir, eu tinha adivinhado! De pé, junto a uma lâmpada, à entrada do carro, o moço cigano desfizera a atadura e colocara uma capa sobre os ombros. Podia-se entrever, naquela luz esfumaçada,

como da outra vez à luz da vela, no quarto da mansão, um rosto muito fino, um perfil aquilino, sem bigode. Pálido, lábios entreabertos, ele folheava apressadamente uma espécie de pequeno álbum vermelho, que parecia ser um mapa de bolso. Salvo uma cicatriz que lhe riscava a testa e desaparecia sob a massa dos cabelos, ele era, tal como o Grande Meaulnes me descrevera minuciosamente, o noivo da mansão desconhecida.

Tornava-se evidente que desfizera a atadura para que o pudéssemos reconhecer. Entretanto, mal o Grande Meaulnes fizera aquele movimento e soltara aquele grito, o moço entrara para o carro, depois de nos ter lançado um olhar de cumplicidade e de nos ter sorrido com vaga tristeza, como muitas vezes sorria.

— E o outro! — dizia Meaulnes febrilmente. — Como é que não o reconheci logo! É o Pierrô da festa, de lá...

E desceu as bancadas da platéia para se dirigir a ele. Mas Ganache já tinha cortado todas as comunicações com a pista; uma a uma, ia apagando as lamparinas do circo e éramos obrigados a seguir com impaciência a multidão que se escoava lentamente, canalizada entre os bancos paralelos, na obscuridade.

Quando por fim se viu fora do circo, o Grande Meaulnes precipitou-se para o carro, escalou o estribo, bateu à porta, mas tudo já estava fechado. Decerto também no carro das cortinas, assim como no do pônei, da cabra e dos pássaros amestrados, todo mundo estava recolhido e começava a adormecer.

VIII

A polícia!

Tivemos que nos juntar ao grupo de senhoras e senhores que regressavam à escola pelas ruas escuras. Agora entendíamos tudo. Aquela silhueta branca que Meaulnes entrevira, na última noite da festa, correndo por entre as árvores era Ganache, que recolhera o desesperado noivo e fugira com ele. O outro aceitara aquela existência selvagem, cheia de riscos, jogos e aventuras. Parecia-lhe talvez retornar à infância...

Frantz de Galais até então escondera-nos seu nome e fingira ignorar o caminho da mansão, talvez receando ser forçado a voltar para casa; mas por que razão nessa noite lhe aprouvera, subitamente, dar-se a conhecer e deixar-nos adivinhar toda a verdade?...

Quantos projetos não fez Meaulnes enquanto o grupo dos espectadores passava lentamente pelas ruas do povoado! Decidiu que logo na manhã do dia seguinte, quinta-feira, procuraria Frantz. E ambos partiriam para a mansão! Que viagem, pela estrada molhada! Frantz explicaria tudo; tudo iria se compor e a aventura maravilhosa recomeçaria onde tinha sido interrompida...

Quanto a mim, caminhava no escuro com uma indefinível sensação de alegria no coração. Tudo contribuía para o meu júbilo, desde o ténue prazer que era esperar a quinta-feira até a descoberta tão grande que acabávamos de fazer, a sorte que nos coubera. E recordo que, com o coração subitamente cheio de generosidade, me aproximei da mais feia das filhas do notário e me impus a mim mesmo o suplício de lhe oferecer o braço e de, espontaneamente, lhe dar a mão.

Amargas recordações! Vãs esperanças esmagadas!

No dia seguinte, logo às oito horas da manhã, quando desembocávamos ambos no adro da igreja, os sapatos bem engraxados, fivelas dos cintos areadas, gorros novos, Meaulnes, que até aí nem sequer sorrisa, deu um grito e correu pela praça vazia... No local da barraca e dos carros não havia mais do que um vaso quebrado e alguns trapos... Os saltimbancos tinham partido.

Soprava um ventinho que nos pareceu gelado. A cada passo tropeçávamos no chão mal empedrado e duro da praça e pouco faltou para cairmos. Meaulnes, desorientado, aflito, por duas vezes fez menção de correr, primeiro pela estrada de Vieux-Nançay, depois pela estrada de Saint-Loup des Bois. Colocou a mão sobre os olhos, esperando ainda que eles tivessem acabado de partir. Mas que fazer? Dez trilhas de carros se misturavam no chão da praça, depois se esbatiam e apagavam na estrada dura. Ali ficamos, inertes.

E quando por fim regressamos, atravessando o povoado, onde começava a azáfama das manhãs de quinta-feira, quatro guardas a cavalo, avisados por Delouche na véspera à noite, desembocavam a galope no adro e se dispersavam pelas ruas para guardar todas as saídas, como se estivessem procedendo ao reconhecimento de um povoado... Mas era tarde demais. Ganache, o ladrão de galinhas, fugira com o companheiro. Os guardas não encontraram ninguém, nem Ganache nem aqueles que carregaram para as carroças os capões que ele ia estrangulando.

Prevenido a tempo pelo imprudente Jasmin, Frantz deve ter compreendido afinal de que

profissão viviam, ele e o seu amigo, quando o cofre estava vazio; cheio de vergonha e raiva, traçara imediatamente um itinerário e decidira fugir antes da chegada da polícia.

Já não temendo porém que o levassem de volta para a mansão de seu pai, tinha querido que o vissemos sem ataduras antes de desaparecer.

Um só ponto ficou para sempre obscuro: como é que Ganache tinha podido, ao mesmo tempo, esvaziar as capoeiras e ir buscar a freira para cuidar do amigo? Mas não era essa mesmo a história do pobre-diabo? Ladrão e vagabundo por um lado, por outro, boa criatura...

À procura do caminho perdido

Quando voltávamos para casa, o sol dissipava a fina cerração da manhã, e as donas-de-casa, às portas, sacudiam os tapetes ou conversavam; e nos campos e bosques, às portas do povoado, começava a mais radiosa manhã de primavera de que tenho memória.

Todos os alunos maiores do curso deviam chegar às oito horas nessa quinta-feira para prepararem, durante a manhã, uns, certificados de estudos superiores, outros, o concurso para a escola normal. Quando chegamos, ambos, Meaulnes com um desgosto e uma agitação que não lhe permitiam ficar sossegado e eu muito abatido, a escola estava vazia... Um fresco raio de sol fazia brilhar a poeira de um banco carunchoso e o verniz estalado de um planisfério.

Como poderíamos ficar ali diante de um livro, ruminando nossa decepção, quando tudo nos chamava para o exterior: os pássaros que se perseguiam nos galhos junto das janelas, a fuga dos outros alunos para os prados e bosques e, principalmente, o desejo febril de tentar, o mais depressa possível, o itinerário incompleto corrigido pelo saltimbanco — último recurso do nosso saco, quase vazio, última chave do molho, depois de havermos tentado todas as outras... Era mais forte do que nós!

Meaulnes caminhava de um lado para o outro, ia até junto das janelas, olhava o jardim, depois voltava e olhava a povoação, como se esperasse alguém que, certamente, não chegaria nunca.

— Tenho o palpite — disse por fim —, tenho o palpite de que não é tão longe, talvez, como nós imaginamos... Frantz suprimiu no meu mapa um trecho enorme da estrada que eu indicara. Isso talvez queira dizer que a égua fez, durante o meu sono, um longo e inútil desvio...

Eu estava sentado no canto da mesa grande, cabisbaixo e com um dos pés no chão, o outro balançando desencorajado, sem nada em que me ocupar.

— No entanto — respondi —, no regresso, na berlinda, a viagem demorou a noite toda...

— Nós partimos à meia-noite — respondeu Meaulnes vivamente. — Deixaram-me às quatro horas da manhã, aproximadamente, a seis quilômetros a oeste de Sainte-Agathe, enquanto eu partira pela estrada de La Gare, a leste. Precisamos pois descontar seis quilômetros entre Sainte-Agathe e a região perdida. Na verdade, parece-me que saindo do bosque de Communaux não deveremos estar a mais de duas léguas da região que procuramos.

— São precisamente essas duas léguas que faltam no seu mapa.

— É verdade. E a saída do bosque fica bem a uma légua e meia daqui, mas para alguém acostumado a andar, isso pode ser feito em uma manhã...

Nesse instante chegou Moucheboeuf. Tinha uma tendência irritante para querer passar por bom aluno, não trabalhando afinal mais do que os outros, mas fazendo-se notar em circunstâncias como aquela.

— Bem sabia que só iria encontrar vocês dois. Todos os outros foram para a mata de Communaux. E à cabeça Jasmin Delouche, que é quem conhece onde estão os ninhos.

E querendo passar por bom menino, começou a contar tudo o que os outros rapazes tinham dito, troçando da aula, do Sr. Seurel e de nós, ao decidirem essa expedição.

— Se eles estão no bosque eu certamente os verei ao passar — disse Meaulnes —, porque

eu também vou partir. Estarei de volta ao meio-dia e meia.

Moucheboeuf ficou boquiaberto.

— Você não vem? — perguntou Augustin, parando um instante no limiar da porta entreaberta, o que deixou entrar na sala triste uma lufada de ar morno do sol, um rumor de gritos, chamados, chilreios, o ruído de um balde de água na margem do poço e o estalo de um chicote ao longe.

— Não — respondi. — Apesar de a tentação ser muito forte, não posso, por causa do Sr. Seurel. Mas apresse-se. Fico impaciente a sua espera.

Ele esboçou um gesto vago e partiu rapidamente, cheio de esperança.

Quando o Sr. Seurel chegou, perto das dez horas, vi que despira a roupa de alpaca preta e envergara um paletó de pescador, de vastos bolsos abotoados, um chapéu de palha, polainas envernizadas, curtas, para segurar a parte de baixo das calças. Creio que não ficou surpreso por não encontrar ninguém. Não quis dar ouvidos a Moucheboeuf, que três vezes repetiu o que os meninos tinham dito: “Se ele precisar de nós que nos venha buscar!”

E ordenou:

— Arrumem as suas coisas, peguem os gorros e vamos descobrir onde eles estão... Pode caminhar até lá, François?

Afirmei que sim, e partimos.

Estava combinado que Moucheboeuf guiaria o Sr. Seurel e serviria de isca... Quer dizer que, conhecendo bem a mata onde se encontravam os caçadores de ninhos, devia de vez em quando gritar bem alto:

— Op! Olá! Giraudat! Delouche! Onde é que vocês estão?... Há ninhos?... Encontraram alguns?...

Quanto a mim, fui encarregado, com grande prazer meu, de seguir pela orla leste do bosque, para o caso de alguns moços, fugindo, tentarem escapar-se por esse lado.

Ora, no plano corrigido pelo saltimbanco e que tantas vezes estudara com Meaulnes, parecia que um caminho, um atalho de terra batida, partia dessa orla da mata em direção à mansão. E se eu o descobrisse naquela manhã?... Começava a ficar persuadido de que antes do meio dia encontraria o caminho da mansão perdida.

Que passeio maravilhoso!... Logo que passamos o talude e contornamos o moinho, abandonei meus companheiros, o Sr. Seurel, que mais parecia partir para a guerra — creio até que enfiara na algibeira uma velha pistola —, e aquele traidor do Moucheboeuf.

Tomando um caminho transversal, logo cheguei ao limite do bosque — sozinho através dos campos pela primeira vez na minha vida, como uma patrulha que o capitão tivesse perdido.

E eis-me, imagino, por minha vez, perto daquela felicidade que Meaulnes um dia entrevira. Tinha a manhã toda por minha conta, para explorar a orla do bosque, o lugar mais fresco e recôndito da região, enquanto o meu irmão maior também partira à aventura. O terreno era como o antigo leito de um riacho. Passo sob os galhos baixos de árvores cujo nome não sei, mas que suponho serem amieiros. Há pouco saltei uma cerca, ao fundo do atalho, e encontrei-me nessa grande vereda de grama verde, correndo sob a folhagem, pisando urtigas e esmagando as altas valerianas.

Às vezes meus pés assentam, durante alguns passos, sobre uma camada de areia fina. E no silêncio escuto um pássaro — imagino que é um rouxinol, mas sem dúvida estou enganado, já que eles só cantam ao anoitecer — um pássaro que repete obstinadamente a mesma frase: voz

da manhã, palavra dita sob a sombra das copas, delicioso convite à viagem entre os álamos. Invisível, teimoso, parece acompanhar-me sob a folhagem.

Também pela primeira vez estou no caminho da aventura. Já não são as conchas abandonadas pelas águas que procuro, debaixo da vigilância do Sr. Seurel, nem as orquídeas bravas que o mestre-escola não conhece, nem mesmo, como acontecia muitas vezes no campo do Tio Martin, aquela fonte profunda e já esgotada, coberta por uma grade, escondida debaixo de tanta erva daninha que cada vez levava mais tempo a descobrir... Procuro algo ainda mais misterioso. É a passagem de que falam os livros, o antigo caminho obstruído, aquele de que o príncipe, morrendo de fadiga, não conseguiu encontrar a entrada. Esse caminho se descobre à hora mais perdida da manhã, quando há muito tempo já esquecemos que vão ser onze horas, meio-dia. . .

E subitamente, ao afastarmos os galhos, por entre a densa folhagem, com um gesto hesitante das mãos desigualmente afastadas à altura do rosto, descobrimos como que uma longa avenida, cuja saída é um minúsculo círculo de luz.

Mas enquanto eu assim me embriago e alimento esta esperança, eis que bruscamente desemboco em uma espécie de clareira que é apenas um prado. Cheguei, sem dar por isso, ao extremo da área comunal que sempre imaginara infinitamente longe. E à minha direita, entre pilhas de madeira, cheia de sussurros na sombra, a casa do guarda. Dois pares de meias secam na janela. Nos anos passados, quando chegávamos à entrada da mata, sempre dizíamos, mostrando um ponto luminoso, lá no fim da aléia escura: — Ali embaixo fica a casa de Baladier. — Mas nunca tínhamos ido até lá. Às vezes ouvíamos dizer, como se se tratasse de uma expedição extraordinária: — Ele foi até a casa do guarda!...

Desta vez eu tinha ido até a casa de Baladier e não encontrara nada.

Começava a sentir dores na minha perna cansada e também calor, que não sentira até aí; receava fazer sozinho todo o percurso do regresso, quando escutei perto de mim a “isca” do Sr. Seurel, a voz de Moucheboeuf e depois outras vozes que me chamavam...

Encontrei uma turma de seis rapazes grandes, onde apenas o traidor Moucheboeuf exibia um ar de triunfo: Giraudat, Auberger, Delage e outros ainda... Graças à “isca” tinham sido apanhados, uns subindo em uma cerejeira brava, isolada no meio de uma clareira; outros desaninhando picanços; Giraudat, o boboca, de olhos inchados, blusa suja, escondera os passarinhos junto ao estômago, entre a camisa e a pele. Dois dos companheiros tinham fugido à chegada do Sr. Seurel: deviam ser Delouche e o pequeno Coffin. Moucheboeuf tinha-os ouvido gracejar, chamando-o de Mouchevache¹, e, enganado pelos ecos da floresta e estupidamente julgando tê-los apanhado, respondera vexado:

¹ Trocadilho: “Moucheboeuf” quer dizer “Moscaboi”; “Mouchevache”, “Moscavaca”. (N. do T.)

— Acho melhor vocês descerem, sabem! O Sr. Seurel está aí...

Então subitamente tudo se calara e a fuga silenciosa tinha começado através do bosque. E como eles o conheciam a fundo, nem era bom pensar em alcançá-los. Ninguém sabia onde o Grande Meaulnes se metera. Ninguém ouvira a voz dele; e tivemos que renunciar a procurá-lo.

Passava do meio-dia quando retomamos a estrada para Sainte-Agathe, lentamente, cabisbaixos, cansados, sujos de terra. À saída da mata, depois de termos esfregado e sacudido a lama dos nossos sapatos na estrada seca, o sol começou a aquecer duramente. Já não era a

manhã de primavera, tão fresca e brilhante. Começávamos a ouvir os rumores da tarde. De longe em longe cantava um galo, desolado grito, nos sítios desertos das proximidades da estrada. Descido o talude, paramos um instante para conversar com uns trabalhadores do campo que haviam retomado o trabalho depois do almoço. Estavam encostados à barreira e o Sr. Seurel dizia-lhes:

— São uns vagabundos! Vejam só o Giraudat: meteu os pássaros recém-nascidos dentro da camisa. Também, fizeram lá dentro o que quiseram... Que porcaria!...

A mim parecia-me que os trabalhadores riam também da minha derrota. Eles riam, meneando a cabeça, mas não desaprovavam completamente os rapazes, a quem, aliás, conheciam muito bem. Até nos confidenciaram quando o Sr. Seurel retomou o seu lugar, à frente da coluna:

— Houve outro que passou por aqui, um rapaz grande, sabem... Deve ter encontrado, no retorno, a carroça da Granges, que lhe deu carona. Desceu cheio de terra, roto, aqui mesmo, à entrada do caminho da Granges. Nós até lhe dissemos que tínhamos visto vocês passarem, esta manhã, mas que ainda não estavam de volta. E ele continuou a caminhar devagarinho para Sainte-Agathe.

Com efeito, sentado em um pilar da ponte de Glacis, o Grande Meaulnes nos esperava com ar extremamente fatigado. Às perguntas do Sr. Seurel respondeu que tinha partido em busca dos alunos que faltaram. E à pergunta que eu lhe fiz, baixinho, disse apenas, abanando a cabeça com desalento:

— Não! Nada! Nada que se pareça com isso.

Depois do almoço, na sala de aula fechada, escura e vazia, no meio daqueles campos radiosos, ele sentou-se em uma das mesas grandes e então, a cabeça deitada nos braços, dormiu muito tempo, um sono triste e pesado. Perto da noite, depois de longos momentos de meditação, como se acabasse de tomar uma decisão importante, escreveu uma carta à mãe. E é tudo o que recordo desse fim baço de um dia de grande derrota.

X

O dia de lavar a roupa

Acreditáramos cedo demais na chegada da primavera. Segunda-feira à tarde quisemos fazer nossos deveres logo depois das quatro horas, como no verão, e, para termos mais luz, colocamos duas das mesas grandes no pátio. Mas o tempo ficou encoberto logo em seguida. Uma gota de chuva caiu em um dos cadernos. Voltamos apressadamente para dentro de casa. E na grande sala obscurecida olhávamos silenciosamente pelas janelas o céu cinzento, o destroçar das nuvens.

Então Meaulnes, que, como todos nós, também estava olhando, a mão no balaústre da sacada, não pôde deixar de dizer, como que aborrecido por se sentir tão triste:

— Ah! As nuvens corriam de maneira bem diferente quando eu estava no carro da Belle-Étoile!

— Em que estrada? — perguntou Jasmin.

Mas Meaulnes não respondeu.

— Eu — exclamei para mudar de assunto — gostaria de viajar assim, de carroça, no meio de um temporal, abrigado por um guarda-chuva.

— E poder ir lendo, durante o caminho todo, como se estivéssemos em casa — acrescentou outro.

— Não chovia e eu não tinha vontade de ler — respondeu Meaulnes; — não pensava senão em olhar aquela região.

Mas quando Giraudat, por seu turno, perguntou de que região falava, Meaulnes de novo ficou mudo. E Jasmin disse:

— Eu sei... Sempre a famosa aventura...

Disse isto em tom conciliador — e importante, como se também ele estivesse por dentro do segredo. Foi em vão; suas insinuações ficaram sem resposta. E como a noite caía, cada qual partiu correndo, de blusa na cabeça, sob a chuvarada fria.

Continuou chovendo até a quinta-feira seguinte. E essa quinta-feira foi ainda mais triste do que a anterior. Todo o campo estava envolto em uma espécie de bruma gelada, como nos piores dias de inverno.

Millie, enganada pelo belo sol da outra semana, tinha feito a barrela, a grande lavagem da roupa, mas não pôde sequer sonhar em pôr a roupa para secar nas cercas do jardim, nem mesmo nas cordas do celeiro, de tal modo o ar estava úmido e frio.

Conversando com o Sr. Seurel, teve a idéia de estender a roupa na sala de aula, já que era quinta-feira, dia de esquentar a lareira até o rubro. Para economizar o fogo da cozinha e da sala de jantar, a comida seria feita nesse fogão, e ficaríamos o dia todo na grande sala de aula.

No primeiro instante — tão jovem eu era ainda! — considerei esta novidade como uma festa.

Triste festa!... Todo o calor do fogão era absorvido pela roupa molhada e o frio era intenso. No pátio caía interminável e molemente uma chuvinha de inverno. Foi lá, no entanto, que às nove horas da manhã encontrei o Grande Meaulnes, roído de tédio. Pelas grades do portão em que apoiávamos, em silêncio, as cabeças, olhávamos no alto do povoado, na Quatre-Routes, o

cortejo de um enterro vindo dos confins dos campos. O caixão, trazido por um carro de bois, foi descarregado e colocado em uma laje, ao pé da grande cruz onde o açougueiro surpreendera as sentinelas do saltimbanco! Onde estaria agora o jovem capitão que tão bem comandara a abordagem?... O cura e os cantores do coro vieram, como de costume, para junto do caixão, e os cantos tristes chegavam até nós. Esse seria, bem o sabíamos, o único espetáculo do dia, que se escoaria inteiramente como a água amarelada de um bueiro.

— E agora — disse Meaulnes de repente —, vou preparar minha bagagem. Fique sabendo, François: escrevi a minha mãe na quinta-feira passada pedindo-lhe para terminar meus estudos em Paris. Parto hoje mesmo.

Continuei olhando o povoado, as mãos apoiadas às grades, à altura da cabeça. Inútil perguntar se sua mãe, que era rica e lhe fazia todas as vontades, lhe satisfizera também aquele capricho. Inútil perguntar também por que razão ele desejara tão subitamente partir para Paris!...

Mas havia no seu íntimo, certamente, o pesar e o temor de deixar a querida terra de Sainte-Agathe, de onde partira para a sua grande aventura. Quanto a mim, notava que me invadia uma desolação violenta, que a princípio não sentira.

— A Páscoa está próxima! — disse Meaulnes suspirando.

— Logo que a encontrar me escreve, não? — perguntei.

— Claro. Está prometido. Você não é o meu companheiro, o meu irmão?...

E colocou a mão no meu ombro.

Pouco a pouco compreendi que tudo estava terminado, já que ele queria continuar os estudos em Paris. Nunca mais teria comigo o meu grande companheiro.

Não havia esperança de nos reunirmos senão, talvez, nessa casa em Paris, onde devia encontrar-se a pista da aventura perdida... Mas ao ver Meaulnes também tão triste que esperança eu podia ter?

Meus pais foram avisados: o Sr. Seurel mostrou-se muito admirado, mas cedo se rendeu às razões de Augustin; Millie, como dona-de-casa, ficou desolada principalmente com a idéia de que a mãe de Meaulnes iria ver a nossa casa naquela desordem desusada... A mala, infelizmente, bem depressa ficou feita. Procuramos debaixo da escada os sapatos de domingo, no armário a roupa de baixo, depois os papéis e os livros de estudo — tudo o que um rapaz de dezoito anos possui no mundo.

Ao meio-dia chegou a Sra. Meaulnes, com o seu carro. Almoçou no café do Daniel em companhia de Augustin e o levou quase sem dar nenhuma explicação, logo que o cavalo foi atrelado. À porta, nós lhe dissemos adeus. E o carro desapareceu na curva da Quatre-Routes.

Millie esfregou os sapatos diante da porta e entrou na fria sala de jantar para pôr em ordem o que ficara desarrumado. Quanto a mim, encontrei-me sozinho pela primeira vez após longos meses, enfrentando uma longa tarde de quinta-feira — com a impressão de que minha adolescência partira para sempre naquele velho carro.

XI

Minha traição

Que fazer?

O tempo parecia querer abrir. Dir-se-ia que o sol ia aparecer.

Na imensa casa uma porta bateu. Depois o silêncio caiu de novo. De tempos a tempos meu pai atravessava o pátio para encher um balde de carvão para a lareira da sala. Eu via a roupa branca pendurada nas cordas e não tinha nenhuma vontade de entrar no triste local transformado em enxugadouro para me encontrar face ao exame de fim de ano, esse concurso para a escola normal que iria ser, daí em diante, a minha única preocupação.

Coisa estranha: a esse tédio desolador se misturava como que uma sensação de liberdade. Depois da partida de Meaulnes, de toda essa aventura terminada e fracassada, parecia-me que pelo menos eu estava liberto daquela estranha inquietação, daquela ocupação misteriosa que não me permitia agir como todo mundo. Desde que Meaulnes partira eu já não era mais o seu companheiro de aventuras, o irmão daquele caçador de pistas; eu voltara a ser um garoto do povoado, igual aos outros. E isto era fácil e para isto me bastava seguir minha inclinação natural.

O caçula dos Roy passou na rua lamacenta, fazendo rodopiar um pedaço de barbante e atirando em seguida ao ar três castanhas, que caíram no nosso pátio. Minha ociosidade era tão grande que tive prazer em lhe atirar de novo, por duas ou três vezes, as castanhas para o outro lado do muro.

De repente vi que ele abandonava esse jogo pueril e corria para uma carroça que chegava pelo caminho de Vielle-Planche. Rapidamente subiu para a parte de trás sem que a carroça parasse. Reconheci a pequena carroça de Delouche e o seu cavalo. Jasmin dirigia; o gordo Boujardon ia em pé. Vóltavam do prado.

— Venha também, François! — gritou Jasmin, que devia saber que Meaulnes já partira.

Meu Deus! Sem mesmo ter avisado ninguém, escalei a carroça que seguia aos solavancos e fiquei de pé, como os outros, agarrado a um varão da carroça. Seguimos para a casa da viúva Delouche...

Agora estamos nos fundos da loja, em casa daquela mulherzinha que é ao mesmo tempo dona da hospedaria e merceira. Um raio de sol pálido infiltra-se pela janela baixa, indo bater nas caixas de lata e nas barricas de vinagre. O gordo Boujardon senta-se no parapeito da janela e, voltado para nós, com umas risadas pastosas, de homem pesadão, come biscoitos. Ao alcance da mão, em cima de uma das barricas, está uma caixa de biscoitos aberta. O pequeno Roy solta gritos de satisfação. Uma espécie de intimidade de mau quilate se estabeleceu entre nós. Percebo que Jasmin e Boujardon serão, a partir de agora, os meus companheiros. O curso da minha vida mudou repentinamente. E a mim parece-me que Meaulnes já partiu há muito tempo e que sua aventura é uma história antiga, triste, mas terminada.

Roy descobriu debaixo de uma tábua uma garrafa de licor já aberta. Delouche oferece um gole a cada um de nós, mas temos apenas um copo e bebemos todos nele. Servem-me primeiro, com um pouco de condescendência. Como se eu não estivesse habituado a estes costumes de caçadores e camponeses! Isso me constrange um pouco. E como começássemos a

falar de Meaulnes, fui tomado do desejo, para dissipar esse constrangimento e recuperar o meu à-vontade, de mostrar que conhecia a história dele e de contá-la. E que mal haveria nisto, já que todas as suas aventuras ali tinham terminado?

Será que estou contando mal esta história? Não parece surtir o efeito que eu esperava.

Meus companheiros, como bons camponeses a quem nada causa espanto, não se surpreenderão com tão pouco.

— Era uma boda, claro! — exclama Boujardon.

Delouche também assistira a uma boda em Préveranges ainda mais curiosa.

O castelo? Certamente haveria, na região, gente que ouvira falar dele.

A moça? Meaulnes poderá casar com ela quando tiver cumprido o serviço militar.

— O que ele devia ter feito — acrescenta um deles —, era ter contado para nós toda a história e nos mostrado o mapa, em vez de ter confidenciado isto a um cigano!...

Embaraçado pelo meu insucesso, quero aproveitar a ocasião para excitar a curiosidade deles: resolvo explicar quem era aquele cigano, de onde vinha, seu estranho destino... Boujardon e Delouche não querem saber de nada:

— Foi ele quem fez o negócio todo. Ele é que tornou Meaulnes insociável — Meaulnes que era tão bom camarada! Ele é que organizou essas tolices de abordagens e ataques noturnos, depois de nos ter reunido como em um batalhão escolar...

— Você sabe — diz Jasmin olhando Boujardon e abanando a cabeça devagarinho —, fiz muito bem em denunciá-lo à polícia. Ele só fez mal aqui por estes lados e seria bem capaz de tornar a fazê-lo.

Eis-me quase compartilhando a opinião deles. Tudo se teria, sem dúvida, passado de modo diferente se nós não tivéssemos considerado o assunto de maneira tão séria e trágica. Fora a influência de Frantz que pusera tudo a perder...

Mas de repente, enquanto eu estava absorvido por estas reflexões, ouviu-se um ruído na loja. Jasmin Delouche escondeu rapidamente a garrafa atrás de uma das barricadas; o gordo Boujardon saiu de escantilhão do alto da janela, colocou o pé em cima de uma garrafa vazia e poeirenta e por duas vezes quase caiu no chão. O caçula dos Roy empurra-os por trás, tamanha é sua pressa de sair, meio sufocado de riso.

Sem entender bem o que se estava passando, fujo com eles. Atravessamos o pátio e subimos por uma escada para um celeiro de feno. Escuto uma voz de mulher nos chamando de vagabundos!...

Só agora compreendo que estávamos ali fraudulentamente, roubando biscoitos e licor. Fico desiludido como um náufrago que acreditou estar falando com um homem e reconhece, repentinamente, que se trata, afinal, de um macaco. Já não penso senão em deixar aquele celeiro, tanto me desgosta esse gênero de aventuras. Aliás, a noite estava descendo... Fazem-me passar pelos fundos, atravessar dois jardins, contornar um terreno alagado; encontro-me na rua molhada, lamacenta, onde se reflete a luz do café do Daniel.

Não estou orgulhoso com a minha tarde! Eis-me na Place des Quatre-Routes. Sem querer, de repente, revejo, na curva da estrada, um rosto duro e fraternal que me sorri; um último gesto com a mão — e o carro desaparece...

Um vento frio faz estalar minha blusa, igual ao vento desse inverno, que foi tão trágico e belo. Tudo já começa a me parecer menos fácil. Na grande sala onde me esperam para jantar, brucas correntezas de ar trespassam o tênue calor espalhado pela lareira. Tremo de frio,

enquanto me censuram a tarde de vadiagem...

Nem sequer tenho, para reentrar na regular vida do passado, o consolo de tomar à mesa o lugar habitual. Não se pôs a mesa nessa noite; cada um jantou sobre os joelhos, como pôde, na sala de aula escura. Como em silêncio o biscoito assado na lareira que devia ser a recompensa por essa quinta-feira passada na escola, mas que está queimado pelos ferros incandescentes.

À noite, sozinho no meu quarto, deito-me depressa para abafar o remorso que sentia me invadir, do fundo de minha tristeza. Mas por duas vezes acordei, no meio da noite, julgando ouvir, da primeira vez, estalar a cama vizinha, onde Meaulnes tinha o costume de dar voltas bruscas e, da outra vez, seu passo leve de caçador, através dos celeiros do fundo...

XII

As três cartas de Meaulnes

Em toda a minha vida só recebi três cartas de Meaulnes. Ainda estão em minha casa, na gaveta da cômoda. Cada vez que as leio torno a sentir a mesma tristeza de outrora.

A primeira chegou dois dias depois da partida dele.

“Meu querido François,

Hoje, assim que cheguei a Paris, fui passear em frente da casa que me indicaram. Não vi nada. Não havia ninguém. Nunca haverá ninguém naquela casa.

A casa indicada por Frantz é uma pequena casa particular, um sobrado. O quarto da Srta. de Galais deve ficar no primeiro andar. As janelas de cima estão escondidas por árvores. Mas da calçada pode-se vê-las muito bem. Todas as cortinas estão fechadas, e seria preciso ser maluco para manter a esperança de que, um dia, entre essas cortinas, possa aparecer o rosto de Yvonne de Galais.

A casa fica em um bulevar... Chovia um pouco nas árvores já verdes. Ouviam-se os sinos claros dos bondes que passavam indefinidamente...

Durante quase duas horas passei de um lado para outro debaixo das janelas. Perto existe um botequim, onde parei para beber, de modo a não ser tomado por um bandido que estivesse preparando algum assalto. Depois retomei a vigilância, sem muita esperança.

Caiu a noite... As janelas se iluminaram, um pouco por toda a parte, mas não nessa casa. Certamente não há ninguém. E no entanto a Páscoa está próxima.

No momento em que ia partir, uma moça, ou uma jovem senhora, não sei, veio sentar-se em um dos bancos molhados de chuva. Estava vestida de negro, com uma pequena gola branca. Quando fui embora, ela continuava ali, imóvel, apesar do frio da noite, esperando também não sei o quê. Como vê, Paris está cheia de malucos como eu.

Augustin”

Passou tempo. Em vão esperei uma palavra de Augustin na segunda-feira de Páscoa e em todos os dias que se seguiram — dias em que parece tão calmos são depois da febril agitação da Páscoa, que nada mais resta senão esperar o verão. Junho trouxe o tempo dos exames e um calor terrível, exalando um vapor úmido e sufocante que pairava sobre os campos sem que um sopro de vento viesse dissipá-lo. A noite não trazia nenhuma frescura e, por conseqüência, nenhum alívio àquele suplício. Foi durante esse insuportável mês de junho que recebi a segunda carta do Grande Meaulnes.

“Junho de 189...

Meu querido amigo,

Desta vez toda a esperança está perdida. Sei desde ontem à noite. O desgosto que quase não senti no momento me invade desde então.

Todas as tardes eu ia sentar-me naquele banco, espreitando, refletindo, e esperando, apesar de tudo.

Ontem, depois do jantar, a noite estava escura e abafada. Na calçada havia gente conversando, sob as árvores. Sobre as copas escuras, esverdeadas pelas luzes, os apartamentos dos segundos e dos terceiros andares estavam todos iluminados. Aqui e ali uma

janela escancarada deixava entrar o verão... Distinguia-se o abajur aceso em cima da mesa, fazendo recuar em redor a quente obscuridade de junho; quase se via até o fundo da sala... Ah! Se a janela escura de Yvonne de Galais se iluminasse, eu teria ousado, acredito, subir a escada, bater à porta, entrar...

A moça de que te falei estava lá, de novo, esperando como eu. Pensei que talvez conhecesse a casa e interroguei-a: ‘Sei’, respondeu, ‘que antigamente uma moça e o irmão vinham para essa casa passar as férias. Mas também soube que o irmão fugiu da mansão dos pais sem que nunca tivessem podido encontrá-lo e a moça casou-se. Isto explica que a casa esteja fechada’.

Fui embora. Ao cabo de dez passos os pés tropeçavam na calçada e eu quase caía. De noite — foi a noite passada —, quando por fim as crianças e as mulheres, nos pátios, se calaram e eu podia dormir, comecei a ouvir rodar os carros na rua. Passavam de longe a longe. Mas quando um acabava de passar, eu, sem querer, ficava esperando o próximo: o guizo, o passo do cavalo que estava no asfalto... E parecia que todos aqueles ruídos me repetiam: ‘teu amor perdido, a noite infundável, o verão, a febre...’

François, meu amigo, estou em uma grande aflição.

Augustin”

Cartas com poucas confidências, afinal de contas! Meaulnes nem sequer me dizia por que estivera tanto tempo silencioso nem o que contava fazer daí por diante. Tive a impressão de que rompia comigo porque sua aventura tinha terminado, como rompera com o passado. Cansei-me de lhe escrever, e efetivamente nunca mais obtive resposta. Umas simples linhas de felicitações, apenas, quando obtive meu primeiro diploma. Em setembro soube por um colega de escola que ele fora passar férias na casa da mãe, em Ferté-d’Angillon. Mas fomos nesse mesmo ano convidados para passar nossas férias em casa de meu tio Florentin, em Vieux-Nançay. E Meaulnes regressou a Paris sem que eu tivesse podido vê-lo.

No reinício das aulas, exatamente em fins de novembro, eu tinha-me dedicado — com pouco ardor — à preparação do diploma superior, na esperança de ser nomeado professor no ano seguinte, sem passar pela escola normal de Bourges. Foi quando recebi a última das três cartas de Augustin:

“Passo ainda debaixo daquelas janelas. Ainda sonho, mas sem a menor esperança, é loucura. No fim destes frios domingos de outono, quando anoitece, não posso resolver-me a voltar para casa, a fechar as janelas do meu quarto, sem ter passado ali, naquela rua gelada.

Sou como aquela louca de Sainte-Agathe que de minuto a minuto aparecia à entrada da porta e olhava, abrigando os olhos com a mão, para os lados de La Gare, para ver se o filho morto não iria voltar.

Sentado no banco, tremendo de frio, infeliz, comprazo-me a imaginar que alguém virá e me tomará o braço, de mansinho... Eu voltaria a cabeça. Seria ela. ‘Demorei um pouco’, diria simplesmente. E toda a dor, toda a demência se desvaneceriam. Entraríamos em nossa casa. Seu mantô de peles estaria cheio de neve, o véu molhado; com ela vem o sabor da bruma lá de fora, e, enquanto se aproxima do fogo, contemplo seus cabelos louros, cobertos de geada, o belo perfil de desenho tão doce, inclinado para a chama...

Ai de mim, a vidraça continua velada pela cortina. E a moça da mansão perdida, será que iria abri-la, agora que não tenho mais nada para lhe dizer?

Nossa aventura terminou. O inverno este ano é triste como um túmulo. Talvez quando morrermos, talvez apenas a morte nos dê a chave, a continuação e o fim desta aventura

frustrada.

François, outro dia pedi-lhe que se lembrasse de mim. Agora, pelo contrário, acho melhor me esquecer. Será melhor esquecer tudo.”

.....

E aquele inverno prosseguiu, tão morto quanto o precedente fora animado de uma vida misteriosa: a praça da igreja sem saltimbancos; o pátio da escola abandonado pelos garotos às quatro horas... A sala de aulas onde eu estudava, sozinho e sem gosto... Em fevereiro, pela primeira vez nesse inverno, caiu neve, sepultando definitivamente nosso romance de aventuras do ano anterior, baralhando todas as pistas, apagando os últimos vestígios. E eu esforcei-me, tal como Meaulnes me pedira na carta, para esquecer tudo.

Terceira parte

I

O banho

Fumar um cigarro, jogar água açucarada nos cabelos para frisá-los, beijar as moças do curso complementar e irritar as freiras que passam dizendo-lhes gracejos por detrás das sebes eram as alegrias de todos os moços da região. Aos vinte anos, aliás, os malandros daquela espécie ainda podem muito bem se emendar e muitas vezes se tornam pessoas sensatas. O caso é mais grave quando o malandro já tem o rosto precocemente envelhecido e murcho, quando se preocupa com histórias equívocas a respeito das mulheres do povoado, quando conta de Gilberte Poquelin mil tolices para que os outros riam. Mas, enfim, não é ainda um caso perdido...

Era o que ocorria com Jasmin Delouche. Continuava, não sei por quê, mas certamente sem nenhuma ambição de passar nos exames, a frequentar o curso superior, que todo mundo desejava vê-lo abandonar. Entretanto, aprendia com o Tio Dumas o ofício de estucador. E em breve, Jasmin Delouche, Boujardon e um outro rapaz muito tranqüilo, o filho do professor adjunto, que se chamava Denis, foram os únicos alunos crescidos com quem eu gostava de conviver, porque eram gente do tempo de Meaulnes.

Havia aliás, em Delouche, um desejo muito sincero de se tornar meu amigo íntimo. Basta dizer que ele, outrora inimigo do Grande Meaulnes, gostaria de se ter tornado o Grande Meaulnes da escola: pelo menos lamentava, talvez, não ter sido o seu lugar-tenente. Menos rude que Boujardon, ele sentira, penso eu, tudo o que Meaulnes trouxera de extraordinário à nossa vida. E muitas vezes o ouvi repetir:

— O Grande Meaulnes bem dizia... —, ou ainda: — Ah! contava o Grande Meaulnes...

Além de Jasmin ser mais velho do que nós, aquele rapazinho velho dispunha de tesouros de distrações que consagravam sua superioridade sobre nós: um cachorro meio vira-lata, de longo pêlo branco, que atendia pelo irritante nome de Bécali e nos trazia de volta as pedras que lhe atirávamos para longe, sem que tivesse, no entanto, nenhuma aptidão nítida para qualquer outro esporte; uma velha bicicleta de segunda mão e na qual Jasmin, de vez em quando, nos deixava andar, à tarde, depois da aula, mas com a qual ele preferia namorar as moças da região; por fim e principalmente um burro branco e cego que podíamos atrelar a qualquer veículo.

Era o burro de Dumas, mas ele o emprestava a Jasmin quando íamos tomar banho no rio Cher, no verão. A mãe de Jasmin, nessa ocasião, dava-nos uma garrafa de limonada, que colocávamos sob o assento, entre os calções de banho secos. E partíamos, oito ou dez alunos dos mais velhos do curso, acompanhados pelo Sr. Seurel, uns a pé, outros empoleirados na carroça puxada pelo burro, que deixávamos à nossa espera na Fazenda de Grand'Fons, quando o caminho para o Cher se tornava demasiado íngreme.

Recordo com todos os pormenores um passeio desses, em que o burro de Jasmin conduziu ao Cher os nossos calções de banho, a limonada e o Sr. Seurel, enquanto nós seguíamos a pé, atrás. Era em agosto: acabávamos de fazer nossos exames. Livres dessa preocupação, pareciamos que todo o verão, toda a felicidade nos pertenciam, e caminhávamos pela estrada cantando, sem saber por quê, no princípio de uma bela tarde de quinta-feira.

Na ida não houve senão uma pequena sombra nesse quadro inocente. Avistamos, caminhando à nossa frente, Gilberte Poquelin. Ela tinha um corpo bem-feito, usava uma saia pelo meio da perna e sapatos de salto alto. Tinha o ar doce e atrevido de menina que se está tornando mocinha. Deixou a estrada e tomou um atalho, talvez para ir buscar leite. Coffin logo propôs a Jasmin que a seguissem.

— Não seria a primeira vez que eu lhe daria um beijo... — disse Jasmin.

E começou a contar a respeito dela e das amigas histórias marotas, enquanto todo o bando, por fanfarronice, seguia pelo atalho, deixando o Sr. Seurel continuar à frente, na carroça do burro. Mas no caminho o grupo começou a debandar. O próprio Delouche não parecia muito interessado em se meter com a moça, que fugia à frente, e não se aproximou dela mais do que uns cinqüenta metros. Houve alguns cacarejos de galos e galinhas, assobios galantes, e depois voltamos para trás, não muito à vontade, abandonando a perseguição. Já não cantávamos mais.

Despimo-nos e vestimo-nos nos salgueirais áridos que margeiam o Cher. Os salgueiros nos abrigavam dos olhares, mas não do sol. Pés na areia e no lodo ressequido, não pensávamos senão na garrafa de limonada da viúva Delouche, garrafa que ficara refrescando na fonte de Grand'Fons, uma fonte cavada na margem do Cher. Sempre havia, no fundo dessa fonte, algumas ervas descoradas e uns animaizinhos parecidos com bichos-de-conta; mas a água era tão clara e transparente que os pescadores não hesitavam em ajoelhar e, colocando as mãos nas bordas, beber ali mesmo.

Esse dia foi como todos os outros... Quando já vestidos fizemos um círculo, de pernas cruzadas, para partilharmos em dois copos grossos a limonada fresca, já não coube a cada um de nós (depois de termos deixado que o Sr. Seurel se servisse) senão um pouco de espuma que nos picava a garganta e ainda aumentava mais nossa sede. Então, um de cada vez, íamos à fonte que a princípio desprezáramos e, lentamente, aproximávamos o rosto da superfície da água pura. Mas nem todos estavam acostumados a estes costumes de gente do campo. Muitos, como eu, não chegavam a matar a sede; uns porque não gostavam muito de água, ou porque tinham a garganta apertada pelo receio de engolir um bicho-de-conta, outros porque, enganados pela transparência da água imóvel e não sabendo calcular bem a distância, mergulhavam todo o rosto junto com a boca e aspiravam pelo nariz uma água que parecia queimá-los; outros, ainda, por todas estas razões juntas... Que importa! A nós parecia-nos, nestas margens áridas do Cher, que toda a frescura terrestre estava ali concentrada. E ainda agora, quando ouço a palavra fonte pronunciada seja onde for, me recordo só daquela.

O regresso fez-se à noitinha, primeiro descuidadamente, como na ida. O caminho de Grand'Fons que subia até a estrada transformava-se em riacho no inverno e no verão era um barranco impraticável, cheio de buracos e grossas raízes, que subia entre grandes e sombrias filas de árvores. Uma parte dos banhistas, de brincadeira, tomou esse caminho. Mas eu segui com o Sr. Seurel, Jasmin e vários outros companheiros por um atalho suave e arenoso, paralelo ao outro, que margeava o povoado vizinho. Escutávamos os outros conversando e rindo perto de nós, abaixo de nós, invisíveis por entre a folhagem, enquanto Jasmin contava as suas histórias, bancando um homenzinho... No topo das árvores que formavam aquela cerca viva zumbiam os insetos da tarde, que se avistavam no céu ainda claro, esvoaçando em redor da renda feita pelas folhas. Por vezes um caía de repente e o seu zumbido se transformava em rangido... Bela e calma tarde de verão!... Regresso sem esperanças, mas sem desejos, de um simples passeio ao campo... Foi ainda Jasmin, sem querer, que perturbou aquela doce

quietude...

No momento em que chegávamos ao cimo da encosta, ao lugar onde existem duas grandes e antigas pedras, que dizem ser os vestígios de uma fortaleza, Jasmin começou a falar das propriedades que visitara e especialmente de uma, meio abandonada, nos arredores de Vieux-Nançay: a Fazenda de Sablonnières. Com aquele seu sotaque de Allier, que arredonda vaidosamente algumas palavras e abrevia com preciosismo outras, contava ele que tinha visto, alguns anos atrás, na capela arruinada dessa velha propriedade, uma pedra tumular na qual estavam gravadas estas palavras:

“Aqui jaz o Cavaleiro Galois
Fiel a Deus, ao rei e a sua dama”.

— Ah! Sim? — dizia o Sr. Seurel com um leve encolher de ombros, um pouco embaraçado com o rumo que a conversa tomava, mas desejando, no entanto, deixar que falássemos como homens.

Então Jasmin continuou descrevendo aquela mansão como se lá tivesse passado a vida.

Muitas vezes, regressando de Vieux-Nançay, ele e seu tio Dumas tinham ficado intrigados com o velho torreão cinzento que se avistava por cima dos pinheiros. Aí existia, no meio da mata, um verdadeiro dédalo de edifícios arruinados que se podia visitar na ausência dos donos. Um dia, o guarda do lugar, a quem tinham dado carona na carroça deles, os conduzira àquela estranha propriedade. Mas desde então tudo tinha sido arrasado; não restava mais, diziam, do que a fazenda e uma pequena casa. Os habitantes ainda eram os mesmos: um velho oficial de marinha reformado, meio arruinado, e a filha.

E ele falava... falava... Eu escutava atentamente, sentindo, sem dar por isso, que tudo o que ele contava me era muito familiar, quando de súbito, com toda a simplicidade, como sempre acontecem as coisas extraordinárias, Jasmin se virou para mim e, tocando meu braço, como que iluminado por um pensamento que nunca antes lhe tivesse ocorrido, disse:

— Estou pensando que deve ter sido aí que Meaulnes, você sabe, o Grande Meaulnes, esteve daquela vez. Com certeza — continuou, pois eu não respondera nada; — também me lembro de que o guarda falava do rapaz da casa, um excêntrico que tinha idéias extraordinárias...

Eu não escutava mais, persuadido desde o princípio de que Jasmin adivinhara e que diante de mim, longe de Meaulnes, longe de qualquer esperança, acabava de se abrir, nítido e fácil como uma estrada conhecida, o caminho da mansão sem nome.

II

Em casa de Florentin

Eu, que tinha sido uma criança infeliz, sonhadora e reservada, tornei-me resoluto e, como se diz para os nossos lados, “decidido” ao aperceber-me de que dependia de mim o desfecho daquela grave aventura.

Foi, acredito, a partir dessa mesma tarde que meu joelho deixou definitivamente de me incomodar.

Em Vieux-Nançay, que era da freguesia da Fazenda de Sablonnières, habitava toda a família do Sr. Seurel e especialmente meu tio Florentin, um comerciante em casa de quem passávamos por vezes o fim de setembro. Livre do meu exame, não quis esperar e obtive licença para ir imediatamente visitar meu tio. Mas decidi não contar nada a Meaulnes enquanto não estivesse certo de poder, enfim, lhe anunciar uma boa nova. Por que, com efeito, arrancá-lo ao seu desespero para, de novo, aí mergulhá-lo e, quem sabe, talvez mais profundamente?

Vieux-Nançay foi durante muito tempo o lugar do mundo que eu preferia, a terra ideal para o fim das férias, aonde só íamos raramente, quando havia um carro de aluguel que lá nos levasse. Deve ter havido outrora qualquer briga com o ramo da família que lá habitava e esta era, sem dúvida, a razão de Millie tanto se esquivar a ir lá. Mas eu queria lá saber desses amuos!...

E logo que ali chegava eu me soltava e divertia-me à grande com meus tios, primas e primos, uma existência feita de mil ocupações animadas e de prazeres que me enchiam de felicidade.

Ficávamos em casa do tio Florentin e da tia Julie, que tinham um rapaz da minha idade, o primo Firmin, e oito filhas, tendo as mais velhas, Marie-Louise e Charlotte, entre dezessete e quinze anos. Possuíam uma loja muito grande, numa das entradas desse povoado da Sologne, em frente à igreja — uma loja que vendia de tudo, e onde se abasteciam todos os proprietários e caçadores da região, isolados que estavam naquele lugar perdido, a trinta quilômetros de qualquer estação de trem.

Essa loja, com seus balcões de mercearia e de tecidos de algodão, tinha numerosas janelas e uma porta envidraçada dando para a estrada que passava na praça grande onde ficava a igreja. Mas, coisa estranha, embora bastante comum nessa região pobre, em lugar de soalho todo o chão da loja era de terra batida. Atrás havia seis quartos, cada qual repleto de uma única mercadoria: o quarto dos chapéus, o quarto dos utensílios de jardinagem, o quarto das lamparinas... Sei lá! A mim parecia-me, quando era pequeno e atravessava esse labirinto de objetos de bazar, que meu olhar não esgotaria nunca todas essas maravilhas. E ainda nessa época eu achava que não havia outras férias de verdade senão as que passava ali.

A família vivia o tempo todo em uma grande cozinha, cuja porta abria para a loja — cozinha onde brilhavam, em fins de setembro, grandes labaredas na chaminé, e onde os caçadores desportistas e os caçadores furtivos que vendiam caça a Florentin vinham, pela manhã cedo, beber um copo de vinho, enquanto as meninas, já de pé, corriam, gritavam e passavam umas às outras o perfume nos cabelos bem alisados. Nas paredes, velhas fotografias, grupos escolares amarelados mostravam meu pai — levava muito tempo para

reconhecê-lo, uniformizado no meio dos camaradas da escola normal... Era aí que se passavam as nossas manhãs, e também no pátio onde Florentin cultivava dalias e criava galinhas; onde torrávamos o café sentados em caixotes de sabão; onde desembalávamos as caixas repletas de objetos variados, preciosamente embrulhados, e dos quais não sabíamos o nome...

Todo dia a loja estava cheia de camponeses ou cocheiros das propriedades vizinhas. À porta envidraçada paravam e se enxugavam da neblina de setembro, as carroças chegadas dos confins daqueles campos. E da cozinha escutávamos ansiosamente as histórias que os camponeses contavam entre si...

Mas à noite, depois das oito horas, quando, iluminados por lanternas, levávamos o feno aos cavalos cuja pele fumegava, na cavalaria — era como se toda a carruagem nos pertencesse!

Marie-Louise, a mais velha das minhas primas, mas uma das mais baixas, acabava de arrumar uma pilha de panos na loja; convidava-nos então a irmos distraí-la. Então Firmin, eu e todas as moças entrávamos na grande loja, com as lamparinas da hospedaria, rodando os moinhos de café e fazendo habilidades em cima dos balcões; às vezes Firmin ia buscar nos sótãos, porque o chão de terra batida convidava à dança, algum trombone velho, cheio de azinhavre...

Coro ainda com a idéia de que nos anos anteriores Yvonne de Galais tivesse podido vir àquela hora surpreender-nos no meio de brincadeiras tão infantis!...

Mas foi um pouco antes do cair da noite, num dia de agosto, que a vi pela primeira vez...

Desde a minha chegada a Vieux-Nançay eu interrogara meu tio Florentin a respeito da mansão de Sablonnières.

— Já não é mais uma fazenda — dissera ele. — Venderam tudo e os compradores, os caçadores, derrubaram as construções velhas para aumentar os terrenos de caça; o pátio principal é hoje mato. Os antigos proprietários apenas conservaram uma pequena casa de um andar e um sítio. Você vai ter ocasião de ver aqui a Srta. de Galais; é sempre ela quem vem fazer as compras, umas vezes a cavalo, outras de carruagem, mas sempre com o mesmo cavalo, o velho Bélisaire... É uma carruagem esquisita...

Eu estava tão perturbado que não sabia que pergunta haveria de fazer para saber algo mais.

— Então eles eram ricos?

— Eram. O Sr. de Galais dava festas para divertir o filho, um rapaz estranho, cheio de idéias extraordinárias. Para distraí-lo o pai inventava tudo o que podia. Até mandava vir senhoras de Paris... Rapazes de Paris e de outros lugares... Já a propriedade inteira estava em ruínas, a Sra. de Galais estava bem perto do fim, e ainda procuravam diverti-lo e satisfazer todos os seus caprichos. Ainda no inverno passado — não, no outro inverno — eles deram o maior baile de fantasia... Metade dos convidados era de Paris, metade da província. Compraram ou alugaram roupas maravilhosas, jogos, cavalos, barcos. Tudo para divertir Frantz de Galais. Dizia-se que ele ia casar e que festejava o seu noivado. Mas era jovem demais. E de repente tudo se estragou; ele fugiu. Nunca mais o viram... A senhora morreu e a Srta. de Galais ficou sozinha com o pai, o velho capitão de navios.

— Ela não casou? — perguntei por fim.

— Não — respondeu —, não ouvi falar de nada. Será que você é pretendente à mão dela?

Desconcertado, confessei resumidamente, tão discretamente quanto possível, que meu melhor amigo, Augustin Meaulnes, ele sim, talvez o fosse...

— Ah! — disse Florentin sorrindo — se ele não fizer questão de fortuna, é um bom partido... Querem que eu fale ao Sr. de Galais? Ele às vezes vem aqui procurar chumbo para os cartuchos. Sempre lhe dou para provar a minha aguardente de cana.

Mas eu lhe pedi muito para não fazer nada, para esperar. E eu mesmo não me apressei em avisar Meaulnes. Tanta sorte junta me inquietava um pouco. E essa minha inquietação obrigava-me a não anunciar nada a Meaulnes antes de ter visto a moça.

Não esperei muito tempo. No dia seguinte, pouco antes do jantar, a noite começava a descer; uma bruma fresca, mais de setembro que de agosto, descia com a noite. Firmin e eu, pressentindo a loja vazia de fregueses, tínhamos vindo, um instante, ver Marie-Louise e Charlotte. Eu lhes confidenciara o segredo que me trouxera a Vieux-Nançay, em data assim prematura. Encostados ao balcão ou sentados em cima da madeira encerada, contávamos uns aos outros o que sabíamos da misteriosa moça — e que se reduzia a muito pouco — quando um rodar de carro nos fez virar a cabeça.

— Aí está ela — disseram em voz baixa.

Alguns segundos depois, diante da porta envidraçada, parava a estranha carruagem. Um velho carro de campo, de almofadas arredondadas e pequenos frisos moldados como nunca tínhamos visto naquela região; um cavalo velho, branco, que parecia estar sempre querendo pastar qualquer ervazinha da estrada, de tanto que baixava a cabeça quando andava; e no assento — afirmo isto com toda a simplicidade do meu coração, mas sabendo bem o que digo — a moça mais linda que jamais vi neste mundo.

Nunca vira tanta graciosidade combinada com tanta gravidade. Sua roupa mostrava uma cintura tão fina que parecia frágil. Trazia aos ombros uma capa que tirou ao entrar. Era a mais séria das moças e a mais frágil das mulheres. Uma abundante cabeleira loura caía-lhe sobre a testa e pelo rosto, delicadamente desenhado, finamente modelado. A pele era puríssima, e nela o sol de verão colocara duas manchas de sardas. Não achei senão um defeito em tanta beleza: nos momentos de tristeza, de desalento, ou apenas de reflexão profunda, esse rosto tão puro se tingia levemente de vermelho, como acontece com certos doentes gravemente atingidos, sem que o saibam. Então toda a admiração de quem a olhava dava lugar a uma espécie de compaixão tanto mais dolorosa quanto mais surpreendente.

Eis pelo menos o que pude observar enquanto ela descia lentamente da carruagem, e por fim Marie-Louise, apresentando-nos muito à vontade, me pediu para conversar com ela.

Ofereceram-lhe uma cadeira encostada ao balcão; ela sentou-se enquanto ficávamos de pé. Parecia conhecer bem aquela loja e gostar dela. Minha tia Julie, logo prevenida, chegou, e durante o tempo que falou, sensatamente, as mãos cruzadas sobre o ventre, abanando vagarosamente a cabeça de camponesa comerciante, de touca branca, atrasou o momento — que me causava algum receio — em que a conversa seria comigo...

Foi muito simples.

— Então — disse Yvonne de Galais —, você breve será professor?

Minha tia acendia, por cima de nossas cabeças, a lamparina de porcelana que iluminava fracamente a loja. Eu contemplava o doce rosto infantil da moça, os olhos azuis tão ingênuos, e mais me surpreendia com o tom de voz tão nítido, tão sério. Quando Yvonne parou de falar, seus olhos se fixaram em outro ponto e não se moveram mais, esperando a resposta e mordendo um pouco o lábio.

— Eu também gostaria de ensinar — disse —, se o Sr. de Galais consentisse! Gostaria de

ensinar crianças pequenas, como faz sua mãe. . .

E sorriu, mostrando assim que meus primos lhe tinham falado de mim.

— A gente do povoado é sempre amável comigo, boa e prestativa... E eu gosto muito de todos... Mas que mérito tenho em gostar deles?... Enquanto com a professora são mesquinhos e avarentos, não são? E há sempre histórias de lápis perdidos, cadernos caros demais, ou de crianças que não conseguem aprender... Pois bem, eu discutiria com eles e eles gostariam de mim do mesmo jeito. Seria muito mais difícil...

E sem sorrir, retomou a atitude sonhadora e pueril, o olhar azul e imóvel.

Estávamos os três um pouco embaraçados por aquele à-vontade ao falar das coisas delicadas, ou secretas e sutis, das quais apenas nos livros se pode falar bem. Houve um instante de silêncio e; lentamente, uma discussão nasceu...

Mas, com uma espécie de pesar e de animosidade contra não sei quê de misterioso na sua vida, a jovem prosseguiu:

— E também ensinaria os rapazes a serem ajuizados, de uma maneira que só eu sei. Não lhes inculcaria a ambição de correr mundo, como talvez faça, Sr. Seurel, quando for professor. Eu ensiná-los-ia a encontrar a felicidade que está bem junto deles, embora nem sempre dêem por isso...

Marie-Louise e Firmin estavam, como eu, confusos. Não dizíamos palavra. Yvonne sentiu nosso embaraço, parou, mordeu o lábio, baixou a cabeça e depois sorriu, como se tivesse estado brincando:

— Assim — continuou —, talvez exista algum moço louco me procurando nos confins do mundo, enquanto eu estou aqui, na loja da Sra. Florentin, debaixo desta lamparina, com meu velho cavalo me esperando à porta. Se esse moço me visse nem quereria acreditar, não é verdade?...

Vendo-a sorrir veio-me a ousadia de falar e senti que era o momento de lhe dizer, rindo também:

— E talvez eu conheça esse moço louco?...

Ela me olhou com vivacidade.

Nesse momento a campainha da porta soou e entraram duas mulherzinhas trazendo uns cestos:

— Venham para a sala de jantar. Lá estarão descansados — disse minha tia, empurrando a porta da cozinha.

E como Yvonne de Galais recusasse e se aprontasse para partir imediatamente, minha tia acrescentou:

— O Sr. de Galais está aqui, conversando com Florentin, junto da lareira.

Havia sempre na grande cozinha, mesmo no mês de agosto, um eterno feixe de lenha de pinho que flamejava e crepitava. Também havia sempre acesa uma lamparina de porcelana, e agora um velho de rosto cavado, afável, sem barba, quase sempre silencioso, sentava-se perto de Florentin, diante de dois copos de aguardente de cana. Florentin cumprimentou:

— François! — gritou com sua voz forte de mercador de feira, como se entre nós existisse um rio ou vários alqueires de terra — acabo de organizar um passeio nas margens do Cher para a próxima quinta-feira. Uns irão caçar, outros pescar, outros irão dançar, outros tomarão banho no rio! A menina virá a cavalo. Já está combinado com o Sr. de Galais. Já arranjei tudo...

— E, François — continuou como se tivesse acabado de se lembrar —, você poderá levar seu amigo, o Sr. Meaulnes... Não é mesmo Meaulnes o nome dele?

Yvonne de Galais levantara-se subitamente, muito pálida. E nesse exato momento recordei que daquela vez, na singular mansão, junto ao lago, Meaulnes lhe dissera seu nome...

Quando ela me estendeu a mão para se despedir existia entre nós, mais claramente do que se tivéssemos pronunciado uma quantidade de palavras, um entendimento secreto que só a morte viria quebrar, e uma amizade mais patética do que um grande amor.

... Às quatro horas da manhã seguinte, Firmin batia à porta do pequeno quarto onde dormia, no pátio das galinhas. Era ainda noite e tive grande dificuldade em encontrar minhas coisas na mesa onde se acumulavam castiçais de cobre, estátuas de santos milagrosos, novos em folha, escolhidos na loja para mobiliar meus aposentos na véspera de minha chegada. No pátio, escutei Firmin encher os pneus da minha bicicleta e, na cozinha, minha tia abanar o fogo. Mal nascia o sol quando parti. Minha jornada ia ser longa: primeiro almoçaria em Sainte-Agathe, para explicar a minha ausência prolongada, e Prosseguindo no meu caminho, deveria chegar pela tarde a Ferté-d'Angillon, onde ficava a casa do meu amigo Augustin Meaulnes.

III

Uma aparição

Nunca tinha feito um percurso de bicicleta tão longo. Esse era o primeiro. Mas havia muito tempo que, apesar de meu joelho doente, Jasmin me ensinara a pedalar. Se para qualquer jovem a bicicleta é um veículo divertido, o que não seria para um pobre rapaz como eu, que há não muito tempo arrastava miseravelmente a perna e se encharcava em suor ao fim de quatro quilômetros!...

Descer do alto das encostas e mergulhar no fundo das paisagens; descobrir, como que voando, a distância da estrada que se afasta e floresce à medida que nos aproximamos; atravessar um povoado no espaço de um instante e arrebatá-lo inteiro, em uma simples olhada... Só em sonhos eu conhecera uma corrida tão cheia de encanto, tão ligeira. Até mesmo as encostas não me faziam perder meu entusiasmo. Porque era, devo dizê-lo, o caminho da casa de Meaulnes que eu assim bebia com os olhos...

“Um pouco antes da entrada da povoação”, dizia Meaulnes, quando antigamente descrevia a sua terra, “vê-se uma grande roda de moinho que o vento faz girar...” Ele não sabia para que servia essa roda, ou fingia não saber, talvez para excitar ainda mais a minha curiosidade.

Foi só ao declinar desse dia de fins de agosto que avistei girando ao vento, em uma imensa pradaria, a grande roda que fazia subir a água para uma fazenda próxima. Por trás dos choupos do prado já se descortinavam as primeiras casas dos arredores do povoado. À medida que seguia o grande desvio que a estrada fazia para contornar o riacho a paisagem se entreabria, desabrochava... Chegando à ponte, avistei por fim a rua principal do povoado.

Vacas pastavam pelos canaviais da pradaria e eu ouvia o som dos seus chocalhos, enquanto, apeado da bicicleta, com as duas mãos apoiadas no guidão, contemplava a região para onde tinha vindo trazer uma notícia de tanta gravidade. As casas, onde se entrava passando por uma pequena ponte de madeira, estavam alinhadas na margem de um fosso que acompanhava a rua, como barcos de velas ferradas ancorados na tarde calma. Era a hora em que se acende o fogo nas cozinhas do campo. Então o temor e não sei que obscura tristeza de vir perturbar tanta paz começaram a me tirar toda a coragem. E como que para agravar minha súbita fraqueza, recordei-me que a tia Moinei morava ali, em uma pequena praça de Ferté-d’Angillon.

Era uma das minhas tias-avós. Todos os filhos lhe tinham morrido e eu apenas conhecera bem Ernest, o último de todos, um rapagão alto que ia ser professor. Meu tio-avô Moinei, o velho escrivão, morrera logo em seguida ao filho. E minha tia ficara sozinha na sua estranha casinha, onde os tapetes eram feitos de retalhos cosidos uns aos outros, as mesas cobertas de galos, galinhas e gatos de papel — mas as paredes se cobriam de diplomas antigos, retratos de defuntos e medalhões contendo cachos de cabelos mortos.

Com tantos desgostos e tantos lutos, ela era ainda assim a extravagância e o bom humor personificados. Quando encontrei a pequena praça onde ficava sua casa, chamei bem alto, pela porta entreaberta, e ouvi-a, no fundo dos três quartos contíguos, gritar em tom agudo:

— Eh lá! Meu Deus!

Entornou café no fogo — como é que podia estar fazendo café a essa hora? — e apareceu... Muito curvada, usava no alto da cabeça uma espécie de chapéu-touca-capeline sombreando-

lhe a fronte imensa e protuberante, onde havia traços de mulher mongol e de hotentote; e ria, em risadinhas curtas, mostrando uns restos de dentes muito pequenos.

Enquanto eu a beijava, tomou apressada e desajeitadamente uma das minhas mãos, que eu tinha atrás das costas. Em ar de mistério, perfeitamente inútil, já que estávamos sós, meteu-me na mão uma pequena moeda que nem ousei olhar e que devia ser de um franco... Depois, como eu fizesse menção de lhe pedir explicações ou de lhe agradecer, deu-me um empurrão, gritando:

— Vamos lá! Eu bem sei como as coisas são!

Sempre fora pobre, sempre pedira dinheiro emprestado, sempre gastara demais.

— Sempre fui estúpida e sempre fui infeliz — dizia sem amargura, na sua voz de falsete.

Persuadida de que o dinheiro me preocupava como a ela, a boa mulher não esperou que eu lhe fizesse essa confidência para me meter na mão as suas magras economias daquele dia. E foi sempre assim, daí em diante, que ela me acolheu.

O jantar foi tão estranho — triste e estranho, ao mesmo tempo — como a recepção que me fez. Tendo sempre uma vela ao alcance da mão, tão depressa a carregava para longe, deixando-me às escuras, como a colocava de novo na mesinha coberta de pratos e jarras rachados ou quebrados.

— Aquela jarra, foram os prussianos que lhe quebraram as asas, em 70, porque não puderam carregá-la com eles.

Então recordei, vendo aquela grande jarra de trágica história, que, outrora, havíamos jantado e dormido ali. Meu pai me levava a Yonne, a um especialista, por causa do meu joelho. Era necessário pegar um trem expresso que passava ao romper da madrugada... Lembro-me do triste jantar desse tempo, de todas as histórias que o velho escrivão contava, diante da garrafa de uma bebida de tom rosado.

E recordava também os meus terrores... Depois do jantar, sentados junto da lareira, minha tia-avó tomara meu pai de parte para lhe contar uma história de assombração: “Quando eu me virei... Ah! meu querido Louis, que é que vejo, uma mulher cinzenta...” Constava que minha tia vivia pensando nessas histórias aterradoras.

E nessa noite, acabado o jantar, quando, fatigado pela viagem de bicicleta, me deitei no quarto grande, vestindo uma camisola de quadrados que pertencera a meu tio Moinei, ela veio sentar-se aos pés da cama e começou, em um tom de voz ainda mais agudo e misterioso:

— Meu pobre François, tenho que contar a você o que nunca contei a ninguém..

Eu pensei:

“Que negócio este! Vou ficar apavorado a noite toda, como há dez anos!...”

E escutei. Minha tia sacudia a cabeça, olhando em frente, como se estivesse contando a história mais para si mesma:

— Regressava de uma festa com Moinei. Era o primeiro casamento a que íamos os dois, desde a morte do nosso pobre Ernest; encontrei lá minha irmã Adèle, que eu não via há quatro anos! Um velho amigo de Moinei, muito rico, tinha convidado Adèle para as bodas do filho dele, na Fazenda de Sablonnières. Nós tínhamos alugado uma carruagem. Custara muito dinheiro. Quando voltávamos pela estrada, eram sete horas da manhã, em pleno inverno, o sol nascendo, não havia absolutamente ninguém na estrada. De repente, que é que vejo, diante de nós? Um rapaz, um rapaz bem jovem, parado, belo como um príncipe, que não se mexia, olhando para nós. À medida que nos aproximávamos distinguíamos o seu lindo rosto, tão

branco e tão lindo que até assustava!...

“Peguei o braço de Moinei; tremia como vara verde; cheguei a acreditar que fosse Jesus Cristo!... Então falei:

“‘Olhe! É uma assombração!’

“Moinei respondeu em voz baixa, furioso:

“ ‘Pensa que eu não vi? Cale essa boca, velha tagarela...’

“Ele não sabia o que fazer; quando o cavalo parou... De perto, a figura tinha o rosto muito pálido, a testa coberta de suor, um gorro sujo e umas calças compridas. Ouvimos uma voz dizendo:

“‘Não sou homem, sou uma moça. Fugi e já não posso mais. O senhor e a senhora não se incomodariam de me levar na carruagem?’

“Dissemos logo que subisse. Assim que se sentou, a moça desmaiou. E você é capaz de adivinhar de quem se tratava? Era a noiva do rapaz de Sablonnières, Frantz de Galais, para cujas bodas tínhamos sido convidados.”

— Mas não deve ter havido boda — falei eu —, já que a noiva fugiu!

— Pois não — respondeu minha tia tristemente, olhando-me. — Não houve boda. Aquela pobre louca tinha a cabeça cheia de mil tolices que nos foi contando. Era filha de um tecelão. Começou a imaginar que tanta felicidade era impossível; que o moço era jovem demais para ela; que todas as maravilhas que ele lhe descrevia eram imaginárias, e quando por fim Frantz foi buscá-la, Valentine se apavorou. Frantz passeava com ela e a irmã no Jardin de l’Archevêché, em Bourges, apesar do frio e da ventania. O rapaz, certamente por delicadeza e porque gostava da caçula, era cheio de atenções para com a irmã mais velha. Então aquela louca imaginou não sei bem o quê; disse que ia buscar um xale em casa; e para ter certeza de que não seria seguida vestiu roupa de homem e fugiu a pé para Paris.

“Escreveu uma carta ao noivo dizendo que ia se juntar ao homem que amava. E era mentira...

“‘Estou mais feliz com o sacrifício que fiz do que se me tivesse tornado mulher dele’, dizia ela. Imagine que imbecil! Entretanto, a verdade é que Frantz nunca tinha pensado em casar com a irmã dela; ele deu um tiro na cabeça. Houve quem visse o sangue dele no pinhal, mas nunca encontraram o corpo.”

— E que aconteceu a essa infeliz menina?

— Primeiro demos-lhe de beber. Depois de comer, quando estávamos de volta, vimos que adormecera perto do fogo. Ficou em nossa casa uma boa parte do inverno. Todo dia, enquanto havia luz, ela cortava, talhava e cosia vestidos, arranjava chapéus e fazia a faxina da casa com energia. Foi ela que consertou a tapeçaria que aí está. E desde que ela aqui esteve as andorinhas fazem ninho lá fora. Mas à tarde, ao cair da noite, quando acabava o trabalho, sempre achava um pretexto para ir ao pátio, ao jardim, ou à entrada da porta. E íamos dar com ela de pé, chorando...

“‘Que é que você tem? Vamos lá!’

“‘Nada, Sra. Moinel!’

“E logo voltava para dentro.

“Os vizinhos diziam:

“‘Você arranjou uma empregada bem bonitinha, Sra. Moinel’.

“Apesar de nossos pedidos, quis continuar o seu caminho para Paris no mês de março; eu

lhe dei vestidos, que ela ajeitou, Moinei comprou-lhe a passagem do trem, na estação, e deu-lhe algum dinheiro.

“Mas não nos esqueceu; é costureira em Paris, perto de Notre-Dame. Ainda nos escreve, perguntando se sabemos alguma coisa de Sablonnières. Uma vez, para lhe tirar aquela idéia da cabeça, respondi que a propriedade tinha sido vendida, demolida, que o moço desaparecera para sempre e a moça se tinha casado. Tudo isso deve ser verdade, acredito... Desde então a minha Valentine escreve bem poucas vezes...”

Não, essa história que a tia Moinei contou, com sua vozinha estridente, não era de assombração. Eu estava, no entanto, perturbadíssimo. É que tínhamos jurado a Frantz, o saltimbanco, que o ajudaríamos como irmãos, e eis que surgia a ocasião de fazê-lo...

Mas seria este o momento de estragar a alegria que ia levar a Meaulnes, na manhã seguinte, contando-lhe o que acabava de saber? Para que lançá-lo em uma aventura mil vezes impossível? Tínhamos, efetivamente, o endereço da moça. Mas onde encontrar o saltimbanco que corria mundo?... Deixemos os doidos com os doidos, pensei. Delouche e Boujardon não deixavam de ter razão. Que mal nos fizera aquele Frantz romanesco! E resolvi não dizer nada enquanto não visse casados Meaulnes e Yvonne de Galais.

Tomada esta resolução, restava-me ainda a penosa impressão de um mau presságio — impressão absurda que depressa afastei.

A vela estava quase no fim, um mosquito zumbia, mas a tia Moinei, cabeça inclinada sob o toucado de veludo que só tirava para dormir, cotovelos apoiados nos joelhos, recomeçava a mesma história... De vez em quando, levantava bruscamente a cabeça e olhava-me para observar minhas impressões, ou talvez para ver se eu não estava adormecendo. Por fim, manhosamente, de cabeça no travesseiro, fechei os olhos, fingindo cochilar.

— Ora, você está dormindo... — disse em tom mais surdo e um pouco desanimado.

Tive pena dela e protestei:

— Mas não, tia, lhe asseguro...

— Está sim! — disse ela. — Compreendo muito bem, aliás, que nada disto lhe interesse. Estou falando de gente que você nem conhece...

Covardemente, desta vez não respondi nada.

IV

A grande notícia

Quando cheguei à rua principal, na manhã seguinte, fazia um tempo de verão tão lindo, havia uma calma tão grande e os doces ruídos do povoado eram tão tranquilos, tão familiares, que recuperei a alegre segurança de um portador de boas novas...

Augustin e a mãe moravam na antiga escola. Quando o pai morrera, aposentado havia muito tempo e enriquecido por uma herança, Meaulnes tinha querido comprar a escola onde o velho professor ensinara vinte anos e onde ele próprio aprendera a ler. Não que fosse uma casa bonita; era uma grande casa quadrada como uma prefeitura, o que aliás tinha sido. As janelas do térreo que davam para a rua eram tão altas que nunca ninguém lá se debruçava; o pátio atrás, onde não havia uma única árvore e cujo recreio coberto impedia a vista para o campo, era o pátio mais árido e desolado que eu jamais vira...

No corredor, muito complicado, para onde abriam quatro portas, encontrei a mãe de Meaulnes trazendo do jardim uma pilha de roupa que lá pusera a enxugar, decerto logo de manhãzinha; madeixas soltas batiam-lhe no rosto regular, sob o penteado fora de moda; tinha o rosto inchado e cansado como que por uma noite de insônia; caminhava de cabeça baixa, tristemente, com ar sonhador.

Mas ao me avistar inesperadamente, reconheceu-me e sorriu:

— Chega mesmo a tempo — disse. — Veja, fui recolher a roupa que pus a secar para a partida de Augustin. Passei a noite fazendo as contas dele e preparando suas coisas. O trem parte às cinco horas, mas teremos tudo pronto...

Demonstrava tanta firmeza que dir-se-ia ter ela mesma tomado essa decisão. Ora, certamente ignorava até para onde Meaulnes iria.

— Suba — falou ela —, vai encontrá-lo na sala da prefeitura, escrevendo.

Apressadamente subi as escadas, abri a porta da direita, onde tinham deixado o dístico “Prefeitura”, e encontrei-me em uma sala grande, de quatro janelas, duas que davam para a povoação, duas para o campo, com as paredes ornadas por retratos antigos e amarelados dos presidentes Grévy e Carnot. Sobre um estrado comprido que tomava todo o fundo da sala havia ainda, diante de uma mesa de pano verde, as cadeiras dos conselheiros municipais. Ao centro, sentado em uma velha poltrona que tinha sido do prefeito, Meaulnes escrevia, molhando a pena no fundo de um tinteiro fora de moda, em forma de coração. Era para esse lugar, que mais parecia feito para algum aposentado do povoado que vivesse de rendimentos, que Meaulnes se retirava quando não andava pelos campos, durante as férias grandes.

Levantou-se mal me reconheceu, mas não com a precipitação que eu imaginara:

— Seurel! — disse ele apenas, com o mais profundo espanto.

Era ainda o mesmo rapaz ossudo e grande, de cabelo raspado. Um bigode maltratado começava a cobrir-lhe o lábio. Sempre o mesmo olhar leal... Mas sobre o ardor dos anos passados dir-se-ia ter descido como que um véu de bruma que, por momentos, a grande paixão de antigamente dissipava...

Parecia muito perturbado por me ver. De um salto subi ao estrado. Mas, coisa estranha, ele nem mesmo se lembrou de me estender a mão. Estava virado para mim, de mãos nas costas,

encostado à mesa, inclinado para trás e com um ar profundamente confuso. E já, olhando-me sem me ver, estava absorvido pelo que ia me dizer em seguida. Como antigamente e sempre lento no falar, como todos os solitários, caçadores e homens aventureiros, ele tomara uma decisão sem se preocupar com as palavras que iria usar para explicá-la. E só agora, que me tinha perante si, começava a ruminar penosamente as palavras necessárias.

Entretanto, eu ia-lhe contando alegremente como tinha chegado ali e como tinha ficado surpreso ao ver a Sra. Meaulnes preparando a viagem do filho...

— Ah! Ela lhe contou?... — perguntou ele.

— Sim. Penso que não é uma viagem demorada, não?

— Sim, é uma viagem muito longa.

Desconcertado, sentindo que iria, com uma só palavra, reduzir a nada essa decisão que não entendia, eu não ousava dizer mais nada e não sabia por onde começar o desempenho de minha missão.

Mas foi ele próprio que, enfim, falou como alguém que quer se justificar:

— Seurel! — disse. — Sabe o que representava para mim a minha estranha aventura de Sainte-Agathe. Era minha esperança e minha razão de viver. Perdida essa esperança, que seria de mim?... Poderia eu viver como todo mundo?

“Bem que tentei viver lá em Paris, quando vi que tudo terminara e que não valia mais a pena procurar a mansão perdida... Mas um homem que um dia entrou no paraíso como poderá depois se acomodar com a vida de todo mundo? Aquilo que faz a felicidade dos outros me parece ridículo e sem valor. E quando, sinceramente, deliberadamente, um dia, decidi fazer como os outros, nesse dia me enchi de remorsos que vão durar uma vida inteira...”

Sentado em uma cadeira baixa, sobre o estrado, a cabeça baixa, escutando-o sem olhá-lo, eu não sabia o que pensar dessas explicações obscuras:

— Enfim — disse a Meaulnes —, explique-se melhor! Por que essa longa viagem? Tem algum erro a reparar? Uma promessa a cumprir?

— Pois bem, tenho — respondeu. — Você se lembra da promessa que fiz a Frantz?...

— Ah! — fiz eu, aliviado. — Trata-se apenas disso?...

— Isso mesmo. E talvez também de uma falta a reparar. As duas coisas ao mesmo tempo...

Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual decidi começar a falar, e preparei minhas palavras.

— Existe apenas uma explicação na qual acredito — disse ele ainda. — Certamente que gostaria de rever ainda uma vez Yvonne de Galais, rever apenas. . . Mas agora estou persuadido de que quando descobri a mansão sem nome eu estava em uma altura da vida, em um grau de perfeição e de pureza que não atingirei nunca mais. Talvez na morte, apenas, como lhe escrevi, eu recupere a beleza desse tempo...

Mudou de tom para recomeçar a falar com estranha animação, aproximando-se mais de mim:

— Mas, escute, Seurel! Essa nova intriga e essa grande viagem, esse erro que cometi e devo reparar, em certa medida, são ainda a minha antiga aventura que continua...

Uma pausa, durante a qual, penosamente, tentou abranger suas recordações. Eu havia perdido a ocasião precedente. Por nada deste mundo queria deixar passar agora essa. E desta vez falei — depressa demais, pois lamentei amargamente, mais tarde, não ter esperado por suas confidências.

Pronunciei portanto a minha frase, que preparara um instante atrás, mas que não vinha mais a propósito. Disse, sem um gesto, erguendo apenas um pouco a cabeça:

— E se eu viesse anunciar que nem toda a esperança está perdida?...

Meaulnes olhou-me, depois afastando bruscamente o olhar corou como eu nunca vira ninguém se ruborizar: uma onda de sangue lhe subira ao rosto e devia martelar-lhe as têmporas...

Então, de um só fôlego, contei tudo o que sabia, o que eu tinha feito e como as coisas se tinham modificado, quase parecendo que era Yvonne de Galais que me enviava a ele.

Meaulnes tornara-se terrivelmente pálido.

Durante todo o relato, que escutou em silêncio, de cabeça um pouco encolhida entre os ombros, na atitude de alguém que foi surpreendido e não sabe como se defender, se deve se esconder ou fugir, ele apenas me interrompeu, se bem me recordo, uma vez. Estava eu contando, de passagem, que todos os edifícios de Sablonnières tinham sido demolidos e que a antiga mansão não existia mais:

— Ah! — disse ele — você vê... — (como se estivesse esperando uma ocasião para justificar a sua conduta e o desespero em que havia soçobrado) — você vê, não existe mais nada...

Para terminar, persuadido de que, afinal, a certeza de tanta felicidade dissiparia o seu desgosto, contei que meu tio Florentin organizara um passeio ao campo, onde Yvonne de Galais iria a cavalo e para o qual ele, Meaulnes, estava convidado... Mas Meaulnes parecia completamente desamparado e continuava sem responder.

— Você precisa desistir imediatamente desta viagem — disse eu com impaciência. — Vamos avisar sua mãe...

— Esse passeio ao campo?... — perguntou com hesitação. — Então, na verdade eu devo ir?...

— Mas ora — repliquei —, isso nem se pergunta.

Meaulnes parecia estar sendo empurrado pelas costas.

No andar inferior, Augustin advertiu a Sra. Meaulnes de que eu ia almoçar com eles, jantar e dormir e que, no dia seguinte, ele alugaria uma bicicleta e me acompanharia a Vieux-Nançay.

— Ah! Muito bem — disse ela abanando a cabeça, como se essas notícias viessem confirmar todas as suas previsões.

Sentei-me na pequena sala de jantar, sob os calendários ilustrados, os punhais com incrustações e os odres sudaneses que um irmão do Sr. Meaulnes, antigo soldado de infantaria, trouxera de longínquas expedições.

Augustin deixou-me só, um instante, antes da refeição e, no quarto vizinho, onde sua mãe tinha preparado a bagagem, escutei que lhe dizia, baixando a voz, que não desfizesse a mala — porque a viagem podia ter sido apenas adiada...

V

O passeio ao campo

Tive dificuldade em seguir Augustin na estrada de Vieux-Nançay. Ele pedalava como um ciclista profissional. Não descia nas encostas. À sua inexplicável hesitação da véspera sucedera uma febre, um nervosismo, um desejo de chegar o mais depressa possível que não deixavam de me assustar um pouco. Mesmo em casa de meu tio ele se mostrou impaciente, parecendo incapaz de se interessar por coisa alguma, até o momento em que estávamos todos instalados no carro, na manhã seguinte, e prontos para partir até as margens do rio.

Era no final do mês de agosto, no declínio do verão. Já os ouriços vazios dos castanheiros amarelecidos começavam a juncar as estradas brancas. O trajeto não era longo; o sítio dos Aubier, junto do Cher, aonde íamos, ficava a apenas dois quilômetros além de Sablonnières. De longe encontrávamos outros convidados de carruagem e mesmo alguns mais jovens, a cavalo, que Florentin, audaciosamente, convidara em nome do Sr. de Galais...

Como na outra festa, ele se esforçara por misturar pobres e ricos, castelãs e camponesas. Assim vimos chegar de bicicleta Jasmin Delouche, o qual, graças ao guarda Baladier, travara, há tempos, conhecimento com meu tio.

— Eis aqui — disse Meaulnes quando o viu —, quem tinha a chave de tudo, enquanto nós procurávamos em Paris. É desesperante!

Cada vez que o olhava, aumentava seu rancor. O outro, que, pelo contrário, imaginava ter direito a toda a nossa gratidão, escoltou a nossa carruagem até o fim. Via-se que tinha feito, sem grande resultado, gastos de toalete, e as abas puídas do paletó longo batiam no pára-lama da bicicleta...

Apesar do esforço que se impunha para tornar-se amável, seu rosto de velhinho não conseguia agradar. A mim inspirava-me uma certa piedade. Mas de quem não teria eu piedade nesse dia?...

Não recordo nunca esse passeio sem um obscuro pesar, uma espécie de opressão. Antevira esse dia com tanta alegria! Tudo parecia tão perfeitamente combinado para que fôssemos felizes. E o fomos tão pouco!...

Como as margens do Cher estavam bonitas! Na margem onde paramos a encosta terminava suavemente em pequenos prados verdes, em salgueirais separados por sebes, como minúsculos jardins. Do outro lado do rio as margens eram formadas por colinas cinzentas, rochosas; e ao longe se descortinavam, por entre os pinheiros, pequenos castelos românticos, com seus torreões. De vez em quando ouvia-se o latir distante da matilha do Castelo de Préveranges.

Tínhamos chegado a esse lugar através de um labirinto de pequenos atalhos, erçados de seixos brancos e cheios de areia — caminhos que nas proximidades dos rios as nascentes transformavam em riachos. À passagem, os galhos das groselhas bravas grudavam-se às nossas mangas. E ora mergulhávamos na frescura sombria do fundo dos barrancos, ora, ao contrário, onde não havia sebes, éramos banhados pela clara luminosidade de todo o vale. Ao longe, na outra margem, enquanto nos aproximávamos, um homem agarrado aos rochedos com gestos lentos jogava redes no rio. Que dia lindo, meu Deus!

Instalamo-nos em um gramado, num recôncavo formado por um tufo de bétulas. Era um grande gramado plano, onde poderíamos praticar toda qualidade de jogos.

Desatrelaram os carros e os cavalos foram conduzidos para o sítio dos Aubier. Começamos a desembulhar as provisões no meio do bosque e a erguer sobre a grama pequenas mesas de armar que meu tio levava.

Foi preciso, nesse momento, gente de boa vontade para se postar à entrada do caminho vizinho, esperando os últimos a chegar, para lhes indicar onde estávamos. Imediatamente me ofereci. Meaulnes seguiu-me e colocamo-nos junto da ponte suspensa, na encruzilhada de vários atalhos e do caminho que vinha de Sablonnières.

Andando de um lado para o outro, falando do passado, procurando nos distrair o melhor que podíamos, continuávamos esperando. Chegou ainda uma carruagem de Vieux-Nançay, de camponeses desconhecidos, com uma moça alta, toda enfeitada. Depois mais ninguém. Sim: três crianças em uma carrocinha puxada por um burro, os filhos do antigo jardineiro de Sablonnières.

— Creio reconhecê-las — disse Meaulnes. — Foram elas, se bem me recordo, que me levaram a jantar na primeira noite de festa...

Mas nesse momento o burro recusou-se a prosseguir e as crianças desceram para puxá-lo, espicaçando-o e batendo-lhe o quanto podiam; então Meaulnes, desiludido, acreditou ter-se enganado...

Perguntei se eles tinham encontrado pelo caminho o Sr. e a Srta. de Galais. Um deles respondeu que não sabia; o outro: “Penso que sim, senhor”. E não tivemos mais nenhum esclarecimento. Por fim desceram o gramado, uns puxando o burro pelo arreio e os outros empurrando a carroça. Retomamos nossa vigilância. Meaulnes olhava fixamente a curva do caminho de Sablonnières, espiando com uma espécie de temor a vinda da moça que outrora tanto procurara! Uma irritação estranha e quase ridícula, que ele descarregou em Jasmin, tinha se apoderado dele. Da pequena rampa onde subíramos para enxergar o caminho ao longe avistávamos no gramado embaixo um grupo de convidados entre os quais Delouche tentava fazer boa figura.

— Olhe aquele imbecil perorando! — disse Meaulnes.

E eu respondi:

— Deixe para lá! Ele faz o que pode, coitado!

Augustin não se acalmava. Embaixo, uma lebre ou um esquilo tinha fugido do bosque. Jasmin, para se mostrar à vontade, fez menção de o perseguir:

— Vejam só! Agora corre... — observou Meaulnes, como se, na verdade, essa audácia ultrapassasse todas as outras!

E, dessa vez, não pude deixar de rir. Meaulnes também, mas foi um sorriso rápido como um relâmpago.

Passamos outro quarto de hora:

— Se ela não vier?... — disse.

Respondi:

— Mas se ela prometeu! Não seja impaciente!

E recomeçamos a vigiar. Mas por fim, incapaz de suportar por mais tempo a intolerável demora, disse-me:

— Escute. Vou para junto dos outros. Não sei o que existe agora contra mim; mas se ficar

aqui sinto que ela não virá nunca — que é impossível que ela ainda apareça nesse caminho.

E partiu para o gramado, deixando-me só. Dei alguns passos pela estrada, para passar o tempo. E na primeira curva avistei Yvonne de Galais, montando à amazona no seu velho cavalo branco, tão fogoso esta manhã que ela tinha que lhe sopear as rédeas para impedi-lo de trotar. À frente do cavalo, caminhava em silêncio, pensosamente, o Sr. de Galais. Sem dúvida se tinham revezado durante o caminho, servindo-se por turnos da velha montaria.

Quando a moça me viu sozinho sorriu, saltou rapidamente para o chão e, entregando as rédeas ao pai, dirigiu-se a mim, que já corria:

— Estou bem contente de o encontrar sozinho. Porque não quero mostrar o meu velho Bélisaire a ninguém, nem juntá-lo aos outros cavalos. Está feio e velho demais; ademais, receio que seja ferido por outro. Ora, eu só me atrevo a montar este cavalo, e quando ele morrer deixarei de montar...

Tanto em Yvonne de Galais como em Meaulnes se sentia, sob aquela encantadora animação, sob aquela graciosidade aparentemente tão tranqüila, uma impaciência e quase uma ansiedade. Falava mais depressa do que de costume. Apesar de rosada, havia em torno de seus olhos, perto da testa, uma exagerada palidez que traía sua perturbação.

Concordamos em prender Bélisaire a uma árvore, nutri pequeno bosque perto da estrada. O velho Sr. de Galais, sem dizer palavra, tirou-lhe o cabresto e prendeu o animal — um pouco baixo, segundo me pareceu. Prometi providenciar para fazer vir do sítio, mais tarde, feno e aveia.

E Yvonne de Galais chegou à pradaria, imaginei eu, como outrora teria descido para a margem do lago, quando Meaulnes a viu pela primeira vez.

Dando o braço ao pai, afastando com a mão esquerda a ponta do leve mantô que a agasalhava, avançou para os convidados, com seu ar ao mesmo tempo sério e infantil. Eu caminhava junto dela. Todos os convidados que se tinham espalhado brincando ou passeando ergueram-se e juntaram-se para acolhê-la; e houve um breve silêncio durante o qual todos olhavam-na se aproximar.

Meaulnes tinha-se misturado ao grupo de jovens e nada podia distingui-lo dos companheiros a não ser a sua grande estatura, embora ali houvesse outros quase do tamanho dele. Não fez nada que chamasse a atenção, nem um gesto, nem um passo à frente. Eu o via, de roupa cinza, imóvel, olhando fixamente, como todos nós, a linda moça que avançava. Todavia, por fim, com um movimento inconsciente e acanhado, passou a mão na cabeça nua, como que para esconder, no meio dos companheiros bem penteados, sua rude cabeça raspada de camponês.

Depois o grupo rodeou Yvonne de Galais. Apresentara-lhe as moças e moços que ela ainda não conhecia... Ia chegar a vez de meu companheiro; e eu sentia-me tão ansioso como ele devia estar. Dispunha-me a fazer eu mesmo essa apresentação.

Mas antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, Yvonne de Galais avançou para ele com uma decisão e gravidade surpreendentes:

— Reconheço Augustin Meaulnes — disse ela.

E estendeu-lhe a mão.

VI

O passeio ao campo

(fim)

Quase imediatamente outros se aproximaram para cumprimentar Yvonne de Galais e ela e Meaulnes se viram separados. Um infeliz acaso quis que eles não ficassem juntos na mesma mesa para almoçar. Mas Meaulnes parecia ter readquirido confiança e coragem. Várias vezes, isolado entre Delouche e o Sr. de Galais, vi de longe o meu companheiro acenar-me amigavelmente.

Foi só à tarde, quando os jogos, os banhos no rio, as conversas, os passeios de barco no lago próximo se iam organizando, que Meaulnes se encontrou de novo na presença de Yvonne. Estávamos conversando com Delouche, sentados em cadeiras portáteis que leváramos conosco, quando, saindo deliberadamente de um grupo de moços onde parecia se aborrecer, a Srta. de Galais se aproximou de nós. Perguntou-nos, lembro-me ainda, por que não passeávamos de barco, como os outros, no lago de Aubiers.

— Já estivemos lá dando umas voltas esta manhã — respondi. — Mas é muito monótono e logo nos cansamos.

— E por que não vão até o rio? — disse.

— A correnteza está forte demais, poderia nos arrastar.

— Precisávamos de um barco a motor, como aquele de antigamente — disse Meaulnes.

— Já não o temos — disse ela, quase em voz baixa. — Tivemos de vendê-lo.

Houve um silêncio embaraçado.

Jasmin aproveitou para anunciar que iria conversar com o Sr. de Galais.

— Eu sei — disse — onde encontrá-lo.

Capricho do acaso! Duas pessoas tão diferentes como eram ambos tinham-se entendido bem e desde a manhã andavam sempre juntos. O Sr. de Galais chamara-me de parte, no princípio da tarde, para me dizer que eu tinha ali um amigo cheio de tato, de educação e de qualidades. Talvez lhe tenha até confessado o segredo da existência de Bélisaire e o local onde o escondera.

Eu pensara, também, em me afastar, mas via Yvonne e Meaulnes tão perturbados, tão angustiados um diante do outro, que achei prudente não o fazer...

Nem a descrição de Jasmin nem a minha precaução serviram de muito. Eles conversaram. Mas invariavelmente com uma teimosia de que ele mesmo não se apercebia, Meaulnes recomeçava sempre a falar em todas as maravilhas de antigamente. E, de cada vez, era um suplício para ela, obrigada a explicar-lhe que tudo desaparecera: a velha mansão, tão estranha, tão complicada, fora demolida; o grande lago secara, fora aterrado; e dispersas as crianças que vestiam aquelas deslumbrantes roupas de fantasia...

— Ah! — murmurava simplesmente Meaulnes, com desespero, como se cada uma dessas desapareições fosse motivo para se sentir irritado com a moça ou comigo... Caminhávamos lado a lado — e em vão eu tentava brincar com a tristeza que nos ia tomando aos três.

Com uma pergunta súbita, Meaulnes de novo cedia à sua idéia fixa. Pedia informações a

respeito de tudo que vira noutros tempos: as meninas, o cocheiro da velha carruagem, os pôneis de corrida. Também venderam os pôneis? Não existem mais cavalos na propriedade?...

Yvonne disse que não. Não mencionou Bélisaire.

Então ele evocou os objetos do quarto: os candelabros, o espelho grande, o velho alaúde quebrado... E inquiria acerca de tudo aquilo com uma paixão insólita, como se se quisesse persuadir de que já nada subsistia da sua bela aventura, que a moça não lhe poderia devolver nem um pequeno despojo capaz de lhe provar que não tinham ambos sonhado, como faz o mergulhador que retira das profundezas das águas uns seixos ou quaisquer algas.

Yvonne de Galais e eu não pudemos deixar de sorrir tristemente; ela se decidiu a explicar:

— Você não verá nunca mais a bela mansão que tínhamos preparado, o Sr. de Galais e eu, para o pobre Frantz.

“Passávamos a vida a fazer o que ele pedia. Era um ser tão estranho, tão fascinante! Mas tudo tinha de desaparecer com ele, na noite em que rompeu o noivado. O Sr. de Galais já se tinha arruinado sem que o soubéssemos. Frantz tinha dívidas e os credores — logo que souberam de sua desapareição — vieram nos cobrar. Ficamos pobres. Minha mãe, pouco depois, morreu e em pouco tempo fomos também perdendo os amigos.

“Se Frantz”, prosseguiu ela, “não morreu e voltar um dia, se ele reencontrar os amigos e a noiva, se o casamento interrompido se realizar, talvez tudo volte a ser o que era dantes. Mas será que o passado pode reviver?”

— Quem sabe? — disse Meaulnes pensativo. E não fez mais perguntas.

Na grama baixa e já levemente amarelecida, caminhávamos os três sem ruído; Augustin tinha a seu lado direito, junto dele, a moça que julgara perdida para sempre. Quando ele fazia uma dessas perguntas cruéis ela lhe voltava o belo rosto inquieto, respondendo-lhe lentamente, e uma das vezes, enquanto falava, pousara docemente a mão no braço dele, num gesto de confiança e fragilidade. Por que estaria Meaulnes assim, como um estranho afinal, como alguém que não tivesse encontrado o que procurava e a quem nada mais pode interessar? Essa mesma felicidade, três anos antes, ele não a teria podido suportar sem temor, sem loucura talvez. De onde vinha então esse vazio, esse afastamento, essa incapacidade de ser feliz, naquela hora única?

Tínhamos chegado perto do pequeno bosque onde, de manhã, o Sr. de Galais prendera Bélisaire; o sol, que declinava, alongava nossas sombras no gramado; do outro extremo da pradaria chegavam até nós, abafadas pela distância, como um sussurro alegre, as vozes dos que se divertiam — é nós continuávamos silenciosos, nessa calma admirável, quando ouvimos um canto vindo do outro lado do bosque, na direção de Aubiers, o sítio à beira d’água. Era a voz jovem e longínqua de alguém que levava o gado a beber, uma canção ritmada como uma ária de dança, mas que o homem alongava e tornava dolente como uma antiga e triste balada:

“Meus sapatos são vermelhos

Adeus, meus amores...

Meus sapatos são vermelhos...

Adeus, para sempre!...”

Meaulnes erguera a cabeça e escutava. Era apenas uma das cantigas que os camponeses entoavam na mansão sem nome, na última noite de festa, quando já tudo ruíra... Apenas uma recordação — a mais triste! — desses dias de sonho que nunca mais voltariam.

— Você está escutando? — perguntou Meaulnes. — Oh! Quero ir ver quem é. — E

imediatamente penetrou na pequena mata. Quase no mesmo instante a voz se calou; ainda durante alguns segundos se ouviu o homem assoviar para os animais, ao afastar-se, depois mais nada...

Olhei a Srta. de Galais. Pensativa e vencida, tinha os olhos fixos no maciço de folhagem onde Meaulnes acabava de desaparecer. Quantas vezes, mais tarde, teria ela olhado assim, pensativamente, o caminho pelo qual partira para sempre o Grande Meaulnes!

Voltou-se para mim:

— Ele não está feliz — disse dolorosamente.

E acrescentou:

— E talvez eu não possa fazer nada por ele...

Hesitei em lhe responder, temendo que Meaulnes, que, de um salto, já teria alcançado o sítio de Aubiers e devia estar de volta pelo mato, surpreendesse nossa conversa. Mas ia, no entanto, encorajá-la, dizer-lhe que não receasse ser brusca com essa criança grande; que devia haver, talvez, um segredo que o desesperava e que de moto próprio ele não se abriria jamais, nem com ela nem com ninguém — quando, de súbito, do outro lado do bosque, se ouviu um grito. Depois escutamos como que um tropear de cavalo assustado, o rumor de uma briga e vozes entrecortadas... Compreendi imediatamente que sucedera algum acidente ao velho Bélisaire, e corri para o lugar de onde vinha esse estardalhaço. Yvonne de Galais seguiu-me de longe. Do outro extremo da pradaria devem ter-se apercebido do nosso movimento, pois escutei, quando entrava no maciço, gritos de pessoas que acorriam.

O velho Bélisaire prendera uma das patas dianteiras nas rédeas; não se tinha mexido até o momento em que o Sr. de Galais ou Delouche, no decurso do passeio, se aproximaram dele. Assustado, excitado pela insólita aveia que lhe tinham dado, Bélisaire se debatera furiosamente; os dois homens tinham tentado libertá-lo, mas tão desajeitadamente que apenas conseguiram enleá-lo ainda mais, correndo sempre o risco de apanharem perigosos coices. Foi nesse momento que Meaulnes, voltando de Aubiers, por acaso se tinha encontrado com o grupo. Irritado com tanta falta de habilidade, empurrou os dois homens, quase fazendo com que rolassem pelo mato. Com precaução e destreza soltou Bélisaire. Tarde demais, pois o mal estava feito; o cavalo provavelmente distendera um músculo ou quebrara algo, pois se mantinha lastimosamente cabisbaixo, meio derreado, com uma pata dobrada sob o corpo. Meaulnes, tremendo, inclinado sobre Bélisaire, apalpava-o e examinava-o sem pronunciar palavra.

Quando ergueu a cabeça quase todo mundo se tinha ali reunido, mas ele não enxergava ninguém, de tal modo estava fora de si.

— Eu só pergunto — gritou — quem prendeu o animal deste jeito! Quem o deixou com a sela no lombo o dia todo? E quem teve a audácia de selar esse pobre cavalo, que só serve para puxar, quando muito, uma carrocinha pequena?

Delouche quis falar — fazer recair a culpa em cima dele.

— Cale-se! A culpa foi sua. Eu bem vi você o puxar pela rédea para soltá-lo! — disse Meaulnes.

E curvando-se, começou a esfregar o tendão do cavalo com a palma da mão.

O Sr. de Galais, que ainda não dissera nada, teve a infeliz idéia de querer sair da sua reserva. Gaguejou:

— Os oficiais de marinha têm por hábito... Meu cavalo...

— Ah! O cavalo é seu? — disse Meaulnes um pouco mais calmo, mas ainda vermelho de fúria, voltando a cabeça em direção do velho senhor.

Acreditei que fosse mudar de tom, pedir desculpas. Respirou fundo. E então vi que ele sentia um prazer amargo e desesperado em agravar a situação, como se quisesse quebrar tudo para sempre, pois disse com insolência:

— Pois bem, não lhe dou os parabéns.

Alguém sugeriu:

— Talvez água fresca... Se o banhassem no rio...

— É necessário — disse Meaulnes sem responder — levar imediatamente embora este velho cavalo, enquanto ele ainda pode caminhar. E não há tempo a perder: é pô-lo na cocheira e não o deixar sair mais.

Vários rapazes se ofereceram. Mas Yvonne de Galais agradeceu efusivamente. O rosto afogueado, quase rompendo em pranto, ela disse adeus a todo mundo, até a Meaulnes, que ficou desconcertado e nem ousou olhá-la. Tomou as rédeas do cavalo como se lhe estivesse dando a mão, mais para que se aproximasse dela do que para conduzi-lo... O vento desse fim de verão era tão morno no caminho de Sablonnières que se poderia pensar estarmos no mês de maio, e a folhagem das sebes vibrava ao sopro da brisa do sul... Nós a vimos partir assim, com o braço meio fora da capa, segurando na mão pequena a grossa rédea de couro. O pai caminhava penosamente ao lado dela... Triste fim de dia! Pouco a pouco, cada qual recolheu seus embrulhos, seus talheres; dobraram-se as cadeiras, desmontaram-se as mesas; uma a uma, as carruagens carregadas de bagagem e de gente partiram, em meio a um agitar de chapéu e lenços. Fomos os últimos a ficar ali, com meu tio Florentin, que, como nós, ruminava em silêncio seus pesares e sua grande decepção.

Também nós acabamos por partir, na nossa carruagem confortável, puxados com rapidez pelo nosso belo cavalo alazão. A roda guinchou na curva, na areia, e em breve Meaulnes e eu, sentados no banco de trás, vimos desaparecer da estrada a embocadura do atalho que o velho Bélisaire e os donos haviam tomado...

Mas então o meu companheiro — o último, pensava eu, neste mundo que eu julgaria capaz de chorar — voltou de súbito para mim o rosto transtornado por irresistível pranto.

— Parem, por favor! — disse, colocando a mão no ombro de Florentin. — Não se preocupem comigo. Voltarei sozinho, a pé.

E de um salto, apoiando a mão no pára-lama do carro, desceu para o chão, Na maior estupefação vimos que voltava atrás e começava a correr até o pequeno caminho por onde acabáramos de passar, o caminho de Sablonnières. Deve ter chegado à mansão por aquela aléia de pinheiros que seguira em outros tempos, onde escutara, vagabundo escondido na folhagem, baixa, a conversa misteriosa das crianças desconhecidas...

E foi nessa noite que, por entre soluços, pediu em casamento Yvonne de Galais.

VII

O dia das bodas

É quinta-feira, em princípio de fevereiro, um belo mas gelado dia de quinta-feira, com forte vento soprando. São três e meia, quatro horas... Nas cercas vivas, junto das povoações, a roupa lavada está estendida desde a manhã, secando ao vento. Em cada casa, o fogo da sala de jantar faz reluzir os brinquedos amontoados. Cansada de brincar, a criança sentou-se junto da mãe e lhe faz contar o dia de seu casamento...

Para alguém que não queira sentir-se feliz, bastará subir ao sótão e ouvirá até a noite o silvo do vendaval e os gemidos dos naufrágios, bastará sair para a estrada e o vento lhe colará o cachecol à boca, como um súbito e quente beijo que lhe dará vontade de chorar. Mas para alguém que ame a felicidade, existe, perto do caminho enlameado, a casa de Sablonnières, onde meu amigo Meaulnes entrou com Yvonne de Galais, sua mulher desde o meio-dia.

O noivado durou cinco meses. Foram meses tranqüilos, tão tranqüilos quanto fora agitado o primeiro encontro. Meaulnes veio muitas vezes a Sablonnières, de bicicleta ou de carro. Mais de duas vezes por semana; costurando ou lendo junto da janela grande que dá para o mato e para os pinhais, a Srta. de Galais via de repente a sua alta silhueta passar rapidamente atrás da cortina, pois ele sempre vinha pela aléia afastada que tomou da primeira vez. Mas é a única alusão — tácita — que faz ao passado. A felicidade parece ter adormecido seu misterioso tormento.

Acontecimentos sem importância marcaram esses cinco meses tão calmos. Fui nomeado professor em Saint-Benoist-des-Champs. Saint-Benoist nem sequer é um povoado: não passa de um conjunto de pequenos sítios disseminados pelos campos, e a escola fica completamente isolada, na encosta norte, à beira da estrada. Levo uma vida solitária, mas atravessando os campos bastam três quartos de hora de marcha para chegar a Sablonnières.

Delouche está agora em casa do tio, que é mestre-de-obras em Vieux-Nançay. Em breve será ele o patrão. Vem visitar-me muitas vezes. Meaulnes, por instâncias de Yvonne de Galais, é agora muito amável com ele.

Isto explica por que estamos agora os dois, perto das quatro horas da tarde, passeando sem rumo, enquanto os outros convidados da boda já partiram todos.

O casamento realizou-se ao meio-dia, na antiga capela de Sablonnières, que não foi demolida e que os pinheiros quase escondem, na vertente próxima. Depois de um almoço rápido, a mãe de Meaulnes, o Sr. Seurel e Millie, Florentin e os outros partiram de carro. Apenas ficamos Jasmin e eu... Vagueamos pela orla da mata que fica atrás da casa de Sablonnières, à beira do grande terreno baldio onde antigamente se erguia a mansão hoje demolida. Sem o querermos confessar e sem saber por quê, estamos ambos inquietos. Em vão tentamos nos distrair e enganar nossa angústia, mostrando um ao outro, durante o passeio errante, as camas das lebres e os pequenos sulcos na areia onde os coelhos, recentemente, estiveram raspando... uma armadilha, a pista de um caçador furtivo... mas, sem parar, regressamos para junto do maciço de onde se descobre a casa, silenciosa e fechada...

Ao fundo da grande encruzilhada que dá para os pinhais há uma sacada de madeira, invadida pelas ervas daninhas, que o vento faz abanar. Um clarão como de um fogo aceso se

reflete nos vidros das janelas. De tempos a tempos perpassa uma sombra. Em redor, nos campos circundantes, na horta, no único sítio que ficou das antigas dependências, silêncio e solidão. Os feitores foram para o povoado festejar a felicidade dos patrões.

De vez em quando o vento carregado de uma umidade que é quase chuva nos molha o rosto e traz o som perdido de um piano. Lá embaixo, na casa fechada, alguém toca piano. Paro um instante a escutar, em silêncio. Primeiro é uma voz trêmula que, de muito longe, quase não ousa cantar sua alegria... É como o riso de uma criança que, no quarto, foi buscar todos os brinquedos para mostrá-los aos amigos. Penso também na alegria tímida de uma mulher que foi vestir um lindo vestido e vem mostrá-lo, sem saber se vai agradar... Essa canção que não conheço é também um pedido, uma súplica à felicidade, para que não seja demasiado cruel, uma saudação e um como que ajoelhar perante a felicidade...

Penso: “Estão, finalmente, felizes. Meaulnes está ali, junto dela...”

E saber isso, ter essa certeza, bastava ao perfeito contentamento da criança bondosa que afinal eu sou.

Nesse momento, completamente absorto, o rosto molhado pelo vento da planície como se estivesse recebendo a espuma do mar, sinto que me tocam no ombro:

— Escute! — diz Jasmin em voz baixa.

Eu olho para ele. Fez sinal para que não me movesse e ele próprio, cabeça inclinada, sobrolho franzido, escuta também...

VIII

O apelo de Frantz

— Hu-uh!

Dessa vez eu ouvi. Era um sinal, um apelo, em duas notas, alta e baixa, que eu já ouvira em tempos... Ah! Recordo: é o grito do saltimbanco, alto, quando chamava o jovem companheiro na grade da escola. Era o chamado ao qual Frantz nos fizera jurar acorrer, fosse quando fosse, fosse onde fosse. Mas que é que ele queria, ali, naquele mesmo dia, àquela hora?

— O som vem do pinhal grande, do lado esquerdo — disse eu a meia voz. — É provavelmente algum caçador furtivo.

Jasmin abana a cabeça:

— Bem sabe que não — disse.

Depois, mais baixo ainda:

— Estão nos arredores, os dois, desde esta manhã. Surpreendi Ganache às onze horas, espiando em um campo junto da capela. Fugiu ao avistar-me. Vieram de longe, talvez de bicicleta, porque estava coberto de lama dos pés à cabeça...

— Mas que podem estar procurando?

— Não sei. Certamente teremos que escorraçá-los. Não devemos deixá-los errando por aí. Ou então todas as loucuras vão recomeçar...

Sem o confessar, sou da mesma opinião.

— Seria bom falar com eles, ver o que querem, obrigá-los a ter juízo...

Lenta e silenciosamente nos esgueiramos, curvados, através do mato, até o pinhal grande, de onde parte, a intervalos regulares, esse grito prolongado que não sendo em si mesmo mais triste do que qualquer outro nos parece, a ambos, de sinistro augúrio.

É difícil, nessa parte do pinhal, onde o olhar mergulha entre os troncos plantados regularmente, surpreender alguém sem ser visto. Nós nem sequer o tentamos. Eu me postei em um ângulo do pinhal. Jasmin foi-se colocar no ângulo oposto, de modo a se assenhorear, como eu, do exterior, dos dois lados do retângulo, e não deixar fugir um dos ciganos sem chamá-lo. Tomadas essas disposições, começo a desempenhar o meu papel de batedor pacífico e chamo:

— Frantz!... Frantz! Não tenha receio. Sou eu, Seurel; gostaria de falar com você...

Um instante de silêncio; estou decidido a gritar de novo quando no mais denso do pinhal, onde meu olhar não consegue alcançar muito bem, uma voz ordena:

— Fique onde está! Ele virá ter com você.

Pouco a pouco, por entre os grandes pinheiros que a distância faz parecer muito próximos uns dos outros, distingo a silhueta do moço que se aproxima. Parece coberto de lama e malvestido; grampos para andar de bicicleta apertam-lhe as calças embaixo, um velho gorro com uma âncora está colocado sobre os cabelos demasiado longos; vejo-lhe agora o rosto emagrecido. Parece ter chorado.

Aproxima-se resolutamente de mim:

— Que é que você quer de mim? — pergunta com modos insolentes.

— E você, Frantz, que faz aqui? Por que veio perturbar a felicidade dos outros? Que quer? Pode falar.

Interrogado assim diretamente, corou um pouco, balbuciou e respondeu apenas:

— Mas estou infeliz. Sou muito infeliz!

Depois, escondendo a cabeça no braço, apoiado a um tronco de árvore, começou a soluçar amargamente. Demos alguns passos no pinhal. O lugar ali é perfeitamente silencioso. Nem mesmo se escuta a voz do vento, que os grandes pinheiros abafam. Entre os troncos regulares se repete e extingue o rumor dos soluços do rapaz. Espero que aquela crise se acalme e digo, colocando minha mão no ombro dele:

— Frantz, você vem comigo. Vou levá-lo para junto deles. Eles vão acolher você como se fosse uma criança perdida que foi afinal encontrada e tudo estará acabado.

Mas ele não queria dar-me ouvidos. Com uma voz ensurdecida pelas lágrimas, infeliz, teimoso, encolerizado, ele recomeçava:

— Meaulnes não quer mais saber de mim? Por que não responde quando chamo? Por que não cumpre sua promessa?

— Vamos, Frantz — respondi —, o tempo das fantasmagorias e das criancices já passou. Não perturbe com sua loucura a felicidade dos que lhe são queridos, a felicidade de sua irmã e de Augustin Meaulnes.

— Mas só ele pode me salvar, você bem sabe! Só ele é capaz de encontrar a pista que procuro. Vai fazer três anos que Ganache e eu percorremos toda a França sem resultado. Eu só tinha confiança no seu amigo. E agora ele não responde mais a meus apelos! Reencontrou seu grande amor... Por que não pensa também em mim? Ele tem que se pôr a caminho. Yvonne o deixará partir... Nunca me recusou nada...

Frantz mostrava-me um rosto onde, na poeira e na lama, as lágrimas tinham traçado sujos sulcos, uma face de rapaz precocemente esgotado e vencido. Os olhos estavam rodeados de sardas, o queixo mal barbeado, e os cabelos demasiado compridos colavam-se-lhe ao colarinho sujo. De mãos nos bolsos, Frantz tremia. Já não era mais aquele mocinho que parecia um príncipe maltrapilho. Seu coração provavelmente era mais infantil que nunca: imperioso, caprichoso, facilmente se desesperaria. Mas chegava a ser penoso suportar tanta infantilidade nesse rapaz já ligeira e prematuramente envelhecido... Outrora existira nele tanta juventude orgulhosa que parecia que todas as loucuras do mundo lhe deveriam ser permitidas. Hoje, primeiro sentia-se a tentação de lamentá-lo por ter estragado a vida e, logo depois, a de censurá-lo por esse papel absurdo de jovem herói romântico em que eu o via se obstinar... E, enfim, eu pensava, sem querer, que o nosso belo Frantz dos grandes amores tinha tido que roubar para viver, tal como seu companheiro Ganache... Tanto orgulho para, afinal, terminar assim!...

— Se eu prometer — disse, por fim, depois de refletir — que dentro de alguns dias Meaulnes se porá a caminho para ser-lhe agradável, só por sua causa?...

— E Meaulnes vai conseguir, você não acha? Tem certeza? — perguntou, batendo os dentes.

— Penso que sim. Para ele tudo é possível!

— E como é que eu vou saber? Quem virá me dizer?

— Você vai voltar aqui exatamente dentro de um ano, a esta mesma hora, e encontrará aqui a moça que ama.

E, dizendo isto, eu pensava não em incomodar os recém-casados, mas em me informar junto de minha tia Moinei e de fazer eu mesmo as diligências necessárias para encontrar a moça.

O saltimbanco olhou-me nos olhos com um desejo de confiar em mim verdadeiramente

admirável. Quinze anos: ele tinha ainda e apesar de tudo quinze anos! — a idade que tínhamos em Sainte-Agathe, na noite em que varremos a sala e fizemos os três aquele terrível juramento infantil...

O desespero apossou-se dele de novo quando foi obrigado a dizer:

— Pois bem, então vamos partir.

Olhou, certamente com o coração bem apertado, todo o pinhal que o rodeava e que ele ia, mais uma vez, deixar.

— Dentro de três dias — disse — andaremos por estradas da Alemanha. Deixamos nossos carros longe daqui. E há trinta horas que caminhamos sem cessar. Pensávamos chegar a tempo de levar Meaulnes antes do casamento e, com ele, procurar minha noiva, como ele procurou a mansão de Sablonnières.

Em seguida, retomado por sua terrível puerilidade:

— Chame o seu amigo Delouche — disse ao afastar-se —, porque se eu o encontrasse seria horrível!

Pouco a pouco, por entre os pinheiros, vi desaparecer sua silhueta cinzenta. Chamei Jasmin e retomamos nossa sentinela. Mas quase imediatamente avistamos, lá embaixo, Augustin fechando as portas da casa, e fomos tomados de pânico pela estranheza de sua conduta.

IX

As pessoas felizes

Mais tarde soube em pormenor tudo o que se passara. No salão de Sablonnières, desde o princípio da tarde, Meaulnes e a mulher, a quem chamo ainda a Srta. de Galais, ficaram sós. Partiram todos os convidados e o velho Sr. de Galais abriu a porta, deixando por segundos a ventania penetrar naquela casa e gemer; depois dirigiu-se para Vieux-Nançay e não regressou senão à hora de jantar, para trancar tudo e dar ordens ao feitor. Nenhum ruído exterior chega agora aos ouvidos dos recém-casados. Apenas um galho de roseira, sem folhas, que bate na vidraça, do lado do mato. E assim como os passageiros de um barco à deriva, eles são apenas, naquela forte ventania de inverno, dois amantes

— O fogo está quase apagando — diz Yvonne de Galais, e faz menção de pegar uma acha da arca.

Mas Meaulnes se precipitou e ele mesmo colocou a lenha na lareira.

Depois pegou na mão estendida da moça e ali ficaram, de pé, um diante do outro, como que sufocados por uma grande notícia que não pode ser dita.

O vento soprava com o ruído de um rio que transbordasse. De vez em quando uma gota de água, diagonalmente, como na janela de um trem, riscava o vidro.

Então Yvonne fugiu. Abriu a porta do corredor e desapareceu com um sorriso misterioso. Um instante na meia-obscuridade, Augustin ficou só... O tique-taque de um relógio recordava-lhe a sala de jantar de Sainte-Agathe... Decerto ele cogitava: “É então aqui a casa tão procurada, o corredor outrora cheio de murmúrios e de misteriosas passagens...”

Deve ter sido nesse momento que ele escutou — a Srta. de Galais, mais tarde, me disse ter também escutado — o primeiro chamado de Frantz, bem perto de casa. A noiva, então, pôde lhe mostrar todas as coisas maravilhosas de que voltara carregada: seus brinquedos de menina, todas as suas fotografias de criança: fantasiada de vivandeira, ela e Frantz ao colo da mãe, que era tão linda... E também tudo o que restava de seus recatados vestidinhos de outros tempos: — Esse aí, você sabe, ainda usei pouco tempo antes de você me conhecer, quando você estava chegando, creio, àquela escola de Sainte-Agathe...

Meaulnes não olhava mais nada, não escutava mais nada.

Por instantes, todavia, pareceu hesitar, tomado pela consciência de sua extraordinária, inimaginável felicidade.

— Você está aqui — disse, surdamente, como se apenas dizê-lo bastasse para ser tomado de vertigens. — Você passa junto da mesa e sua mão pousa nela um instante...

E ainda:

— Minha mãe, quando era jovem, também inclinava assim um pouco o busto para falar comigo... E quando tocava piano...

Então Yvonne de Galais propôs tocar um pouco, antes que a noite caísse. Mas estava escuro no canto do salão e foi preciso acender uma vela. O reflexo do abajur cor-de-rosa no rosto da moça aumentava aquele rubor que lhe marcava as maçãs do rosto e que era sinal de grande ansiedade.

Lá embaixo, no pinhal, eu começava a escutar essa música trêmula que o vento trazia, em

breve cortada pelo segundo grito daqueles dois loucos que se tinham juntado a nós entre os pinheiros.

Meaulnes ficou muito tempo escutando a moça, olhando silenciosamente pela janela. Várias vezes fitou o suave rosto, frágil e angustiado. Depois aproximou-se de Yvonne e, muito de leve, colocou a mão em seu ombro. Yvonne sentiu pesar com doçura, junto do pescoço, aquela carícia à qual teria sido preciso saber corresponder.

— O dia está findando — disse ele afinal. — Vou fechar as janelas. Mas não pare de tocar...

Que se passou então, nesse coração obscuro e selvagem? Muitas vezes me interroguei a respeito e só o descobri quando era já tarde demais. Remorsos ignorados? Inexplicáveis saudades? Medo de que em breve se desvanecesse entre suas mãos essa felicidade imensa que ele tanto acalentara? Ou a terrível tentação de arruinar irremediavelmente, o quanto antes, a maravilha que por fim conquistara?

Meaulnes saiu vagarosa e silenciosamente, depois de olhar ainda uma vez mais sua jovem mulher. Nós o avistamos na orla do pinhal, fechando primeiro, hesitante, uma janela, depois olhando vagamente em nossa direção, encaminhando-se para o nosso lado. Chegou junto de nós antes que sequer tivéssemos sonhado em nos dissimular melhor. Avistou-nos quando íamos transpor uma pequena sebe recém-plantada e que formava o limite de um prado. Fez um desvio. Lembro bem de seu ar desvairado de animal perseguido... Fez menção de voltar atrás para transpor a sebe junto do pequeno regato.

Chamei:

— Meaulnes! Augustin!...

Mas ele nem sequer voltava a cabeça. Então, persuadido de que isso poderia retê-lo, gritei:

— Frantz está aqui. Espere!

Parou, por fim. Arquejante e sem me dar tempo de preparar o que ia dizer:

— Ele está aqui? O que está querendo?

— Está infeliz — respondi. — Vinha pedir a sua ajuda para encontrar o que perdeu.

— Ah! — disse Meaulnes, curvando a cabeça, — Era o que eu pensava. Bem quis ver se adormecia em mim esses pensamentos... Mas onde está ele? Conte depressa.

Eu disse que Frantz acabava de partir e que certamente já não o poderíamos alcançar. Foi para Meaulnes uma grande decepção. Hesitou, deu dois ou três passos, parou. Contei o que tinha prometido a Frantz em nome dele. Disse que tinha marcado encontro dentro de um ano, naquele mesmo lugar.

Augustin, em geral tão calmo, estava agora em um estado de nervosismo e de impaciência extraordinários:

— Ah! Por que fazer isso! — disse. — Claro que eu posso salvá-lo. Mas tem que ser imediatamente. Preciso vê-lo, falar-lhe, preciso pedir-lhe perdão e reparar meus erros... De outro modo nunca terei coragem para me apresentar lá embaixo...

E voltou-se para a casa de Sablonnières.

— Mas então, por causa de uma promessa pueril, você está destruindo sua própria felicidade?

— Ah! Se fosse só a promessa! — murmurou ele.

E assim fiquei sabendo que algo mais ligava os dois moços, mas sem poder adivinhar o quê.

— De qualquer maneira, não vale mais a pena correr. Eles estão agora a caminho da Alemanha.

Augustin ia responder quando uma figura desgrenhada, alucinada, surgiu ante nós. Era Yvonne de Galais. Devia ter vindo correndo, pois seu rosto estava banhado de suor. Devia ter caído e se machucado, porque sua testa estava arranhada por sobre o olho direito e tinha sangue coagulado nos cabelos.

Já me aconteceu, nos bairros pobres de Paris, ver de súbito, descendo a rua separado por guardas que haviam intervindo na briga, um casal que até aí todos julgavam unido, feliz, decente. O escândalo rebentou de repente, não importa quando, num domingo, ao se prepararem para sair, na hora de jantar, no momento de dar os parabéns ao filhinho... E tudo foi logo esquecido, destroçado. O homem e a mulher no meio da luta não são mais do que dois demônios deploráveis, e as crianças, em prantos, agarram-se a eles, suplicam-lhes que se calem e deixem de se bater.

Quando a Srta. de Galais chegou junto de Meaulnes fez-me lembrar uma dessas crianças aflitas. Creio mesmo que se todos os amigos dela, se o povoado inteiro, todo mundo a estivesse vendo, ela do mesmo modo teria ocorrido, tombado e surgido do mesmo modo, desgrenhada, chorosa e suja.

Mas quando compreendeu que Meaulnes estava bem ali, que pelo menos dessa vez ele não a tinha abandonado, então deu-lhe o braço e não pôde deixar de rir por entre as lágrimas, como uma criança. Não disseram nada um ao outro. Mas como ela tivesse pegado em um lenço, Meaulnes docemente lho tirou das mãos: com precaução e atentamente, ele enxugou o sangue que empastava os cabelos de Yvonne de Galais.

— Vamos para casa agora — disse ela.

E eu deixei que os dois regressassem sob a forte ventania da tarde de inverno que lhes chicoteava o rosto — ele ajudando-a nos trechos difíceis, ela sorrindo e se apressando — em direção à casa deles, por algum tempo abandonada.

A “*casa de Frantz*”

Pouco sossegado, preso de surda inquietação que o feliz desfecho do incidente da véspera não conseguira dissipar, tive que ficar fechado na escola todo o dia seguinte. Logo após a hora de estudo que se segue à aula da tarde, tomei o caminho de Sablonnières. Caía a noite quando cheguei à aléia de pinheiros que conduzia à casa. Todas as persianas das janelas estavam fechadas. Receei ser importuno apresentando-me a essa hora tardia, no dia seguinte ao casamento. Permaneci até muito tarde ali, caminhando pela orla do jardim e pelas terras vizinhas, sempre na esperança de ver alguém sair da casa fechada... Mas minha esperança foi vã. No sítio próximo também não havia movimento algum. Voltei para casa assaltado pelos mais sombrios pressentimentos. Na manhã seguinte, as mesmas incertezas. À tarde, tomei às pressas o meu capote, meu bordão, um pedaço de pão para comer pelo caminho e cheguei já quase de noite, para encontrar tudo fechado em Sablonnières, como na véspera... Um pouco de luz no primeiro andar, mas nenhum ruído, nenhum movimento... Entretanto, do pátio do sítio vi dessa vez a porta da casa do feitor aberta, o fogo aceso na grande cozinha, e ouvi o habitual rumor de vozes e de passos à hora da sopa. Isso me sossegou. Não podia dizer nem perguntar nada àquela gente. E voltei a vigiar, esperando em vão, pensando sempre ver a porta se abrir e aparecer, finalmente, a alta silhueta de Augustin.

Só no domingo à tarde me resolvi a bater à porta de Sablonnières. Enquanto eu subia as encostas despidas escutei soar, ao longe, os ofícios vespertinos dos domingos de inverno. Sentia-me solitário e desolado. Não sei que pressentimento triste me invadia. E fiquei apenas meio surpreso quando, ao meu toque de campainha, vi o Sr. de Galais aparecer sozinho, me falando em voz baixa: Yvonne de Galais estava de cama, com violenta febre; Meaulnes tivera que partir sexta-feira de manhã para uma longa viagem. Ninguém sabia quando ele voltaria.

E como o velhote, muito embaraçado, muito triste, não me convidava para entrar, imediatamente me despedi dele. A porta fechada de novo, fiquei um instante no patamar, o coração apertado, numa confusão completa, olhando sem saber por quê um galho de glicínia que o vento balançava tristemente a uma réstia de sol.

Afinal, aquele secreto remorso que Meaulnes trazia em si desde sua estada em Paris acabara por vencer. Tinha sido preciso que o meu companheiro fugisse, por fim, à sua tenaz felicidade...

Todas as quintas-feiras e domingos eu ia saber notícias de Yvonne de Galais, até a tarde em que, convalescente, ela me pediu para entrar. Encontrei-a sentada junto da lareira, no salão cuja grande janela baixa dava para os campos e pinhais. Ela não estava pálida, como eu imaginara, mas, ao contrário, febril, com acentuadas manchas vermelhas sob os olhos e em um estado de extrema agitação. Apesar de parecer ainda muito fraca, estava vestida para sair. Falava pouco, mas dizia cada frase com uma animação extraordinária, como se quisesse persuadir-se a si mesma de que a felicidade ainda não se tinha desvanecido... Não guardei na memória o que então dissemos. Recordo apenas que, hesitando, perguntei-lhe quando Meaulnes estaria de volta.

— Não sei quando vai voltar — respondeu com vivacidade.

Havia uma súplica em seu olhar, e abstive-me de mais perguntas. Voltei a visitá-la com freqüência. Muitas vezes conversamos junto à lareira, naquele salão baixo, onde a noite chegava mais depressa do que a qualquer outro lugar. Nunca ela me falava de si mesma ou do seu desgosto secreto. Mas não deixava de me fazer contar em pormenor nossa existência de alunos na escola de Sainte-Agathe.

Escutava com ar grave, ternamente, com um interesse quase maternal, o relato de nossos desgostos de crianças grandes. Não parecia surpreendida nem com nossas brincadeiras mais audaciosas, mais perigosas. Essa ternura atenta, que herdara do Sr. de Galais, não fora esgotada pelas deploráveis aventuras do irmão... O único pesar que o passado lhe inspirava era, penso eu, não ter conseguido ser para o irmão uma confidente suficientemente íntima, já que no momento da derrocada ele não ousara dizer-lhe nada, nem a ela nem a ninguém, e se julgara irremediavelmente perdido. E esta era, pensando bem, uma pesada tarefa que a moça assumira — tarefa perigosa, a de secundar um espírito loucamente quimérico como o de seu irmão; tarefa esmagadora, quando tratou de se ligar a esse coração aventureiro que era o do meu amigo, o Grande Meaulnes.

Daquela fé que Yvonne conservava nos sonhos pueris do irmão, do zelo que punha em guardar pelo menos uns restos do sonho em que ele vivera até os vinte anos, ela me deu um dia a prova mais tocante e, direi, até a mais misteriosa .

Foi em uma tarde de abril, desolada como um final de outono. Havia quase um mês que vivíamos numa doce primavera prematura e Yvonne de Galais retomara, em companhia do pai, os longos passeios de que gostava. Mas nesse dia o velho se achava fatigado e, estando eu livre, ela me pediu que a acompanhasse, apesar do tempo ameaçador. A mais de meia légua de Sablonnières, margeando o lago, fomos surpreendidos pela tempestade, pela chuva e pelo granizo. Abrigamo-nos da chuva interminável em um galpão e ali ficamos, de pé, um bem junto do outro, gelados pelo vento, pensativos perante aquela paisagem obscurecida. Posso ainda revê-la, com seu vestido severo, muito pálida, atormentada.

— Temos que voltar para casa — dizia. — Faz tanto tempo que partimos! Que se terá passado?

Mas, com espanto meu, quando nos foi possível deixar o abrigo, a moça, em lugar de voltar para Sablonnières, continuou seu caminho, pedindo-me que a seguisse. Chegamos, depois de muito caminhar, diante de uma casa isolada, à beira de um caminho intransitável que devia conduzir a Préveranges. Era uma pequena casa burguesa, com telhados de ardósia, e em nada se distinguia do tipo de casa usual na região, a não ser por seu isolamento.

Quem visse Yvonne de Galais teria a impressão de que aquela casa nos pertencia e que a tínhamos abandonado durante qualquer longa viagem. Curvando-se, abriu uma pequena cancela e apressou-se a inspecionar com inquietação o lugar solitário. Um grande pátio cheio de ervas, onde devem ter brincado crianças nos longos e lentos serões do fim do inverno, fora marcado pelo temporal. Uma roda de criança jazia dentro de uma poça d'água. Nos canteiros, onde as crianças tinham semeado flores e ervilhas, a chuvarada não deixara mais do que laivos de areia grossa. E, enfim, descobrimos, encolhida de encontro a uma das portas molhadas, uma ninhada de pintinhos encharcados pela tempestade: quase todos estavam mortos sob as asas enregeladas e as penas eriçadas da mãe.

Frente a esse espetáculo lamentável, a moça soltou um grito abafado. Curvou-se e, sem se importar com a água e a lama, escolheu os pintinhos vivos dentre os mortos, abrigando-os

numa ponta de sua capa. Depois entramos na casa, cuja chave estava com ela. Quatro portas se abriam para um estreito corredor, onde o vento se engolfava, assoviando. Yvonne de Galais abriu a primeira porta, à nossa direita, e me fez penetrar em um quarto sombrio, onde distingui, depois de um momento de hesitação, um espelho grande e um pequeno leito coberto, segundo o costume do campo, com um edredom de seda vermelha. Quanto a ela, depois de ter procurado algum tempo pelo resto da casa, voltou trazendo a ninhada doente em um cesto forrado de penas, que colocou debaixo do edredom, como se se tratasse de algo precioso. E, enquanto um raio de sol esmorecido, o primeiro e último daquele dia, tornava mais pálidos nossos rostos e mais escuro o cair da noite, ali ficamos, de pé, gelados e atormentados, naquela casa estranha!

De instante a instante Yvonne ia olhar o ninho escaldante, tirar um outro pinto morto para que os demais não morressem. E, de cada vez, nos parecia que algo assim como um vento forte, que atravessava os vidros partidos do sótão, algo como um misterioso desgosto de crianças desconhecidas, se lamentava ali, silenciosamente.

— Era aqui — disse por fim minha companheira — a casa de Frantz quando era pequeno. Ele quis uma casa só para ele, para a qual pudesse vir, longe de todos, brincar e viver quando lhe apetecesse. Meu pai tinha achado essa fantasia tão engraçada, tão extraordinária, que não recusou. E quando lhe apetecia, uma quinta-feira, um domingo, quando queria, Frantz partia para morar na casa dele, como um homem. As crianças dos sítios vizinhos vinham brincar com ele, ajudá-lo a arrumar a casa, a trabalhar no jardim. Era uma brincadeira maravilhosa! E quando a noite chegava, ele não tinha medo de dormir aqui sozinho. Quanto a nós, tínhamos tal admiração por Frantz que nem pensávamos em nos inquietarmos...

— Agora, há muito tempo que a casa está vazia — prosseguiu, suspirando. — O Sr. de Galais, ferido pela idade e pelo desgosto, nunca fez nada para encontrar Frantz. E, na realidade, que poderia ele fazer?

— Eu passo aqui muitas vezes. Os filhos dos camponeses dos arredores vêm brincar no pátio, como antigamente. E eu me comprazo imaginando que são os antigos amigos de Frantz, que ele próprio é ainda criança e que em breve vai voltar com a noiva que escolheu... Todas essas crianças me conhecem muito bem. Brinco com elas. Essa ninhada de pintinhos era nossa...

Esse grande desgosto de que ela nunca falava, essa grande saudade de ter perdido aquele irmão tão louco, tão encantador, tão admirado, foi preciso aquele vendaval e aquele desânimo infantil para que nos confiasse. E eu escutava, sem responder nada, o coração rebentando de soluços...

Fechadas de novo as portas e janelas, tendo os pintinhos voltado ao galinheiro atrás da casa, Yvonne retomou tristemente meu braço e eu a reconduzi a Sablonnières.

Passaram-se semanas, meses. Época para sempre passada! Felicidade perdida! Aquela que fora a primeira fada, a princesa e o misterioso amor de toda a nossa adolescência, tinha sido a mim que coubera tomar-lhe o braço e murmurar as palavras necessárias para atenuar seu desgosto, quando meu companheiro fugira. Dessa época, dessas conversas, à tarde, depois da aula que eu dava na encosta de Saint-Benoist-des-Champs, desses passeios onde a única coisa de que seria necessário falar era justamente aquela que tínhamos decidido calar, que posso eu dizer agora? Não guardei outra lembrança do que aquela, já esmaecida, de um belo rosto emagrecido, de dois olhos cujas pálpebras descem lentamente enquanto me olham como se não

enxergassem mais do que um mundo interior.

E eu permaneci seu companheiro fiel.— companheiro em uma espera de que não falamos — durante uma primavera e um verão que nunca mais poderão existir. Várias vezes voltamos, pela tarde, à casa de Frantz. Yvonne abria as portas para arejar a casa, para que nada tivesse mofo quando o jovem casal regressasse. Ela se ocupava da criação das galinhas mais bravias que se aninhavam na capoeira. E às quintas-feiras ou domingos encorajávamos as brincadeiras dos filhos dos camponeses dos arredores, cujos gritos de alegria e risadas, no sítio solitário, faziam parecer ainda mais deserta e vazia a pequena casa abandonada.

XI

Conversa sob a chuva

O mês de agosto, tempo de férias, afastou-me de Sablonnières e de Yvonne. Fui para Sainte-Agathe passar dois meses. Revi o grande pátio seco, o recreio coberto, a sala de aulas vazia... Tudo me falava do Grande Meaulnes. Tudo estava repassado de recordações da nossa adolescência já terminada. Durante esses compridos dias amarelentos, eu me fechava como antigamente, antes da vinda de Meaulnes, no gabinete dos arquivos, nas salas de aula desertas. Lia, escrevia, recordava... Meu pai ia à pesca, longe. Millie, no salão, costurava ou tocava piano, como noutros tempos... E no absoluto silêncio da sala de aulas, onde coroas de papel verde rasgadas, envelopes de livros de prêmios, quadros limpos, tudo falava que o ano tinha terminado, as recompensas tinham sido distribuídas, tudo esperava o outono, o recomeço das aulas de outubro e o novo esforço — chegava a pensar que nossa mocidade findara e que tínhamos deixado escapar a felicidade; eu também esperava o regresso a Sablonnières e a volta de Augustin, que, afinal, talvez não voltasse nunca mais...

Havia, no entanto, uma feliz notícia que anunciei a Millie quando ela se decidiu a me interrogar a respeito da recém-casada. Eu temia as perguntas dela, sua maneira ao mesmo tempo inocente e maliciosa de nos mergulhar de repente no maior embaraço, colocando o dedo em nosso pensamento mais secreto. Cortei cerce todas as perguntas anunciando que a jovem esposa de meu amigo Meaulnes seria mãe no mês de outubro.

Recordei também o dia em que Yvonne me tinha dado a entender essa grande novidade. Houvera um silêncio de minha parte, um leve embaraço de rapaz. E eu dissera logo em seguida, inconsideradamente, para dissipar esse embaraço — só tarde demais imaginando o drama que deste modo reavivava:

— Você deve estar muito feliz.

Mas ela, espontaneamente, sem pesar, remorso ou rancor, respondera com um belo sorriso de felicidade:

— Estou, sim. Estou muito feliz.

Durante essa última semana de férias, que é, em geral, a mais bela e romântica, semana de grandes chuvas, quando se começa a acender as lareiras, e que eu passava, habitualmente, a caçar por entre os pinheiros negros e molhados de Vieux-Nançay, fiz meus preparativos para voltar diretamente a Saint-Benoist-des-Champs. Firmin, minha tia Julie e minhas primas de Vieux-Nançay me teriam feito demasiadas perguntas às quais eu não queria responder. Desta vez desisti de levar por oito dias a vida embriagante de caçador no meio dos campos e voltei para minha casa de mestre-escola, quatro dias antes do recomeço das aulas.

Cheguei antes do anoitecer ao pátio já atapetado de folhas mortas. Quando o carro partiu, desembulhei tristemente na sala de jantar cheirando a fechado o pacote de provisões que mamãe me tinha preparado... Depois de uma leve refeição, na qual mal toquei, impaciente, ansioso, joguei aos ombros meu capote e parti para um passeio febril que me levou diretamente às proximidades de Sablonnières.

Achei-me um intruso, indo lá logo na primeira tarde de minha chegada. No entanto, mais ousado do que em fevereiro, depois de ter rondado a propriedade, onde apenas brilhava luz na

janela de Yvonne, transpus atrás da casa a sebe do jardim e sentei-me num banco, junto da cerca, na sombra que começava a fazer-se — feliz simplesmente por estar ali bem junto do que mais me apaixonava e inquietava neste mundo.

A noite descia. Uma chuva fina começava a cair. De cabeça baixa, olhava, sem reparar neles, meus sapatos que pouco a pouco se molhavam e reluziam de água. A sombra lentamente me rodeava e a frescura da noite me tomava sem interromper meu sonho. Ternamente, tristemente, sonhava com os caminhos enlameados de Sainte-Agathe nessa mesma noite de setembro; imaginava a praça cheia de bruma, o rapaz do açougue que assobiava indo ao poço, o café iluminado, a alegre caravana de carros, com sua carapaça de guarda-chuvas abertos, que chegava antes do fim das férias à casa do tio Florentin... E dizia com tristeza para mim mesmo; “Que importa toda essa felicidade já que Meaulnes, o meu companheiro, não pode lá estar, nem sua mulher...”

Foi então que, erguendo a cabeça, vi-a a dois passos de mim. Seus sapatos faziam, na areia, um leve ruído que eu confundira com o das gotas de água da sebe. Trazia sobre a cabeça e os ombros um grande xale de lã preta e a chuva fina parecia polvilhar seus cabelos na testa. Sem dúvida ela me vira do seu quarto, pela janela que dava para o jardim. E viera para junto de mim. Tal como minha mãe outrora se inquietava e me procurava para dizer, com doçura: “Vai apanhar frio!”, e ficava comigo, conversando longamente...

Yvonne de Galais estendeu-me a mão escaldante e, desistindo de querer me fazer entrar em Sablonnières, sentou-se no banco musgoso e cheio de azinhavre, do lado menos molhado, enquanto eu, de pé, com o joelho apoiado no mesmo banco, me inclinava em sua direção para escutá-la.

Primeiro ralhou amigavelmente por ter encurtado minhas férias:

— Eu queria vir o mais depressa possível, para lhe fazer companhia.

— É verdade — disse, muito baixo, quase num suspiro —, estou muito só. Augustin não voltou. . .

Tomando esse suspiro por uma saudade, uma censura reprimida, comecei a dizer lentamente:

— Tanta loucura em um coração tão nobre! Talvez o gosto da aventura, mais forte do que tudo... — Mas Yvonne me interrompeu. E foi nesse lugar, nessa mesma noite que, pela primeira e última vez, ela me falou de Meaulnes.

— Não fale desse jeito, François Seurel, meu amigo — disse docemente. — Apenas nós... apenas eu sou a culpada. Repare no que fizemos...

“Nós lhe dissemos: ‘Aqui está a felicidade, aqui está o que você procurou toda a sua mocidade, aqui está a moça que era todo o seu sonho!’

“Como é que ele, a quem nós assim empurramos pelos ombros, não teria sido tomado de hesitação primeiro e depois de receio e terror e não teria cedido à tentação de fugir!”

— Yvonne — disse eu em voz muito baixa —, bem sabe que era você a felicidade dele, a moça que ele sempre procurou.

— Ah! — suspirou. — Como é que pude ter esse pensamento orgulhoso! Esse pensamento é que é a causa de tudo. Eu dizia: talvez não possa fazer nada por ele, mas no fundo de mim mesma pensava: já que me procurou tanto e já que eu o amo, tenho que ser a felicidade dele. Mas quando o vi junto de mim, com aquela espécie de febre, de inquietação, de remorso misterioso, compreendi que não passava de uma pobre mulher como qualquer outra... “...Não

sou digno de você”, repetia ele quando amanheceu e terminou nossa noite de núpcias.

“E eu tentava sossegá-lo. Nada porém acalmava sua angústia. Então eu disse: ‘Se tem que partir, se eu cheguei até junto de você no momento em que nada pode fazê-lo feliz, se tem que me abandonar por algum tempo para voltar depois, apaziguado, para junto de mim, sou eu que lhe peço para partir...’”

Na obscuridade, vi que Yvonne levantara os olhos para mim. Era como que uma confissão que ela me tinha feito e esperava ansiosamente que eu a aprovasse ou a condenasse. Mas que podia eu dizer? Decerto no mais fundo da minha memória eu revia o Grande Meaulnes de outros tempos, desastrado e altivo, que preferia ser castigado a pedir desculpas ou a fazer qualquer pedido que com certeza lhe seria concedido. Teria sido por certo necessário que Yvonne de Galais o forçasse e, tomando-lhe a cabeça nas mãos, lhe dissesse: “Que importa o que você fez? Eu o amo. Não somos todos pecadores?” Sem dúvida ela tivera muita culpa, por generosidade, por espírito de sacrifício, em lançá-lo de novo assim no caminho da aventura...

Mas como poderia eu desaprovar tanta bondade e tanto amor?...

Houve um grande silêncio, durante o qual, perturbados até o fundo de nossos corações, ficamos escutando a chuva fria gotejando das sebes e sob os galhos das árvores.

— Ele partiu nessa mesma manhã — prosseguiu Yvonne. — De então em diante nada mais nos separava, já. E ele me beijou simplesmente, como um marido que deixa a mulher antes de uma grande viagem...

Yvonne levantava-se. Tomei nas minhas a sua mão febril, depois seu braço, e subimos a aléia, na escuridão profunda.

— Ele não lhe escreveu nunca? — perguntei.

— Nunca — respondeu.

E então imaginamos ambos a vida aventureira que ele levava, pelas estradas da França ou da Alemanha, e começamos a falar dele como nunca o fizéramos até então. Pormenores esquecidos e impressões antigas nos vinham à memória, enquanto voltávamos para casa, fazendo a cada passo longas paradas para melhor trocarmos nossas recordações... Por muito tempo — até as barreiras do jardim —, na sombra, escutei a preciosa voz baixa da moça. E eu, retomado pelo meu velho entusiasmo, falei sem me cansar, com profunda amizade, daquele que nos havia abandonado...

XII

O fardo

As aulas deviam começar na segunda-feira. Sábado à tarde, por volta das cinco horas, uma mulher que trabalhava na mansão entrou no pátio da escola onde eu estava ocupado serrando madeira para o inverno. Vinha anunciar-me que nascera uma menina em Sablonnières. O parto fora difícil. Às nove horas da noite tinha sido necessário chamar a parteira de Préveranges. À meia-noite tinham de novo atrelado um carro para ir buscar o médico em Vierzon. A criança fora tirada a fórceps; ficara ferida na cabeça, gritava muito, mas parecia saudável. Yvonne de Galais estava muito abatida, mas sofrera e resistira com extraordinária valentia.

Deixei meu trabalho de lado, corri para vestir um paletó, e contente com as notícias segui a empregada até Sablonnières. Com precaução, temendo que alguma das duas estivesse dormindo, subi a estreita escada de madeira que levava ao primeiro andar. E lá o Sr. de Galais, com o rosto cansado mas feliz, me fez entrar no quarto em que, provisoriamente, se tinha instalado o berço, envolto em cortinas.

Nunca tinha entrado em uma casa onde, no mesmo dia, tivesse nascido uma criança. Como me parecia estranho, misterioso e bom! A tarde estava tão bonita — uma verdadeira tarde de verão — que o Sr. de Galais não recegara abrir a janela que dava para o pátio. Debruçado comigo no peitoril da sacada, ele me contava, esgotado mas feliz, o drama dessa noite; e eu, que escutava, sentia obscuramente que uma pessoa estranha estava agora conosco no quarto...

Sob os cortinados, aquela pequenina coisa começou a gritar, um gritinho ácido e prolongado... Então o Sr. de Galais disse-me a meia voz:

— É a ferida na cabeça que a faz sofrer.

Maquinalmente — sentia-se que desde aquela manhã ele fazia isso e já se tinha acostumado — começou a balançar o pequeno embrulho de rendas...

— Ela já sorriu — disse —, e agarra no dedo. Você não viu ainda?

Afastou as cortinas e vi um pequenino rosto inchado e vermelho, um craniozinho alongado e deformado pelos ferros.

— Não é nada — disse o Sr. de Galais —, o médico disse que tudo vai passar... Dê-lhe seu dedo, vai ver como ela o agarra...

Descobri um mundo ignorado. Sentia o coração cheio de uma alegria estranha que nunca antes conhecera...

O Sr. de Galais entreabriu com precaução a porta do quarto de Yvonne. Não estava dormindo.

— Pode entrar — disse ele.

Yvonne estava estendida, o rosto febril no meio dos longos cabelos espalhados. Estendeu-me a mão, sorrindo com ar cansado. Cumprimentei-a pela filha. Com a voz um pouco enrouquecida e uma rudeza desusada — a rudeza de alguém que volta de um combate — disse sorrindo:

— Sim, mas quase a desfiguraram.

Tive de ir embora quase imediatamente para não a fatigar.

No dia seguinte, domingo, à tarde, fui de novo, com alegre pressa, a Sablonnières. À porta,

um aviso pregado com alfinetes fez-me suspender o gesto que eu já esboçava:

“PEDE-SE NÃO TOCAR A CAMPAINHA”.

Não haveria maneira de adivinhar o que poderia ter acontecido. Bati com bastante força. Escutei lá dentro uns passos amortecidos que acorriam. Alguém que eu não conhecia — e que era o médico de Vierzon — abriu:

— Muito bem, o que se passa? — perguntei com vivacidade.

— Chhhh! — respondeu muito baixo, silenciando-me com ar zangado. — A pequenina quase morreu esta noite. E a mãe está muito mal.

Completamente desconcertado, segui-o na ponta dos pés até o primeiro andar. A pequenina, adormecida no berço, estava muito pálida, muito branca, como se estivesse morta. O médico pensava poder salvá-la. Quanto à mãe, não podia afirmar coisa nenhuma... Deu longas explicações, como se eu fosse o único amigo da família. Falou de congestão pulmonar, de embolia. Hesitava, não tinha certeza... O Sr. de Galais entrou, horrivelmente envelhecido em dois dias, trêmulo, desvairado.

Levou-me ao quarto, sem saber muito bem o que fazia:

— É preciso que ela não se assuste; é necessário, segundo o médico, persuadi-la de que tudo está correndo bem.

Com o rosto rubro, Yvonne de Galais estava estendida, de cabeça para trás, tal como na véspera. As faces e a testa de um vermelho escuro, os olhos por vezes convulsos, como alguém que sufoca, ela se defendia da morte com uma coragem e uma doçura indizíveis.

Não podia falar, mas estendia a mão escaldante com tanta amizade que quase rompi em soluços.

— Muito bem, muito bem! — disse o Sr. de Galais com uma falsa alegria que mais parecia loucura — você vê que para uma doente ela está até parecendo muito bem!

Não soube o que responder, mas conservei nas minhas a mão horrivelmente quente da moribunda...

Ela quis fazer um esforço para me dizer qualquer coisa, me perguntar não sei o quê; olhou para mim, depois para a janela, como se me fizesse sinal para ir lá fora buscar alguém... Mas foi então tomada por um horrível ataque de falta de ar. Os belos olhos azuis, que por um instante me chamavam tão tragicamente, se tornaram convulsos; as faces e a testa escureceram ainda mais e ela debatia-se suavemente, procurando conter até o fim o seu pavor e o seu desespero. Todo mundo se precipitou — o médico e as mulheres que dela cuidavam — com o balão de oxigênio, toalhas, frascos; enquanto o velho, curvado sobre ela, gritava — gritava como se Yvonne já estivesse longe dele, com sua voz rude e trêmula:

— Não tenha medo, Yvonne. Não vai ser nada. Você não pode ter medo!

Depois a crise abrandou. Yvonne pôde respirar um pouco mas continuava meio sufocada, revirando os olhos, prostrada, lutando sempre, mas incapaz, mesmo por um instante, de me olhar e sorrir, de sair do abismo onde já mergulhava...

... E como eu não estava sendo útil em nada, tive que me decidir a partir. Certamente poderia ficar ali ainda mais algum tempo; e ao pensar assim, hoje, me sinto tomado por uma terrível saudade. Mas por quê? Eu ainda tinha esperança. Persuadi-me de que o pior não estava assim tão próximo.

Ao chegar à orla dos pinheiros, recordando o olhar de Yvonne voltado para a janela, examinei com a atenção de uma sentinela ou de um homem que esprieta outro a espessura desse bosque por onde Augustin outrora chegara e por onde fugira no inverno anterior. Mas ai!

Nada se movia. Nem uma sombra suspeita; nenhum galho mexia. Mas ao fim de algum tempo, para os lados de Préveranges, escutei o som agudo de uma sineta. Em breve apareceu na curva do atalho uma criança, com um gorro vermelho, que precedia um padre... E parti, engolindo minhas lágrimas.

Na manhã seguinte recomeçavam as aulas. Às sete horas da manhã estavam já dois ou três meninos no pátio. Hesitei longamente em descer, em me mostrar. E quando por fim apareci e dei a volta à chave da sala de aula, embolorada, fechada há dois meses, aquilo que eu mais temia no mundo aconteceu: vi o mais velho dos alunos se destacar do grupo que brincava no recreio e aproximar-se de mim. Vinha dizer-me que “a senhora de Sablonnières morreu ontem, ao cair da noite”.

Nesta dor imensa tudo se me mistura, tudo se me confunde. Parece-me agora que nunca mais teria coragem para recomeçar a aula. Só atravessar o pátio da escola é uma fadiga que me quebra os joelhos. Tudo é penoso e amargo já que ela morreu. O mundo está vazio, as férias acabadas. Acabadas as longas caminhadas de carro, sem destino, acabada a misteriosa festa... Tudo volta a ser doloroso como dantes.

Disse às crianças que não haveria aula essa manhã. Eles vão embora em pequenos grupos, levar a notícia aos outros, através dos campos. Quanto a mim, tomo meu chapéu preto, um jaquetão debruado, e dirijo-me, na maior desventura, para Sablonnières.

... Eis-me diante da casa que há três anos tanto procurávamos! Foi nessa casa que Yvonne de Galais, mulher de Augustin Meaulnes, morreu ontem à noite. Um estranho julgar-se-ia diante de uma capela, tal o silêncio que desceu, desde ontem, sobre este lugar ermo, desolado.

Eis o que nos reservava essa bela manhã de recomeço de aulas, esse pérfido sol de outono que se infiltra sob a folhagem. Como podia eu lutar contra aquela horrível revolta, contra essas lágrimas que me sufocavam? Tínhamos conseguido encontrar aquela linda moça. Nós a tínhamos conquistado. Ela era a mulher do meu companheiro, e eu a amava com aquela profunda e secreta amizade que não cabe em quaisquer palavras. Bastava-me olhá-la para ficar contente como uma criança. Talvez eu, um dia, casasse com outra moça; seria ela a primeira a quem confiaria a grande novidade secreta...

Junto da campanha, no canto da porta, ficou esquecido o aviso de ontem. Trouxeram já o caixão para o vestibulo, embaixo. No quarto do primeiro andar foi a ama da pequenina quem me acolheu, quem me contou o fim de Yvonne e me entreabriu docemente a porta... Ela ali está. Nem mais febre, nem mais combates, nem mais vermelhidão nem expectativa... Nada mais do que o silêncio e, cercado de algodão em rama, um rosto rígido, insensível e branco, uma testa morta, de onde saem os cabelos espessos e rijos.

O Sr. de Galais, acorado a um canto, voltando-nos as costas, em meias, sem sapatos, procura alguma coisa com terrível obstinação em gavetas em desordem, arrancadas de um armário. Destas gavetas tira de vez em quando uma fotografia da filha, fotografias antigas, amarelecidas, e é tomado então por crises de soluços que lhe sacodem os ombros como se estivesse com um ataque de riso.

O enterro está marcado para o meio-dia. O médico receia a rápida decomposição que se segue, em alguns casos, às embolias. É por isso que o rosto, como aliás todo o corpo, está rodeado de algodão em rama embebido em fenol.

Acabaram de vesti-la — está com o seu admirável vestido de veludo azul-escuro, semeado de longe em longe de estrelinhas prateadas, mas foi preciso achatar e machucar as belas

mangas-balão, que hoje não se usam. Na hora de fazer subir o caixão perceberam que não poderia dar a volta no corredor, demasiado estreito. Seria necessário içá-lo com uma corda, do lado de fora, pela janela, para, do mesmo modo, o fazerem depois descer... Mas o Sr. de Galais, sempre curvado sobre as coisas velhas entre as quais procurava não se sabe que recordações perdidas, intervém então com terrível violência:

— Prefiro — disse em voz entrecortada pelas lágrimas e a cólera — tomá-la em meus braços e carregá-la para baixo. Não posso consentir que façam uma coisa tão horrorosa...

E assim o faria, com risco de cair de fraqueza a meio do caminho e de tombar com ela!

Mas então adianto-me e tomo o único partido possível: com a ajuda do médico e de uma das mulheres, passando o braço sob as costas da morta, o outro sob as pernas, carrego-a de encontro a meu peito. Sentada em meu braço esquerdo, os ombros apoiados no meu braço direito, a cabeça caída encostada sob meu queixo, Yvonne pesa; terrivelmente sobre o meu coração. Desço lentamente, degrau a degrau, a comprida e íngreme escada, enquanto embaixo tudo já está a postos.

Logo depois ficam-me os braços tolhidos de fadiga. Em cada degrau que vou descendo, com esse peso junto do peito, me sinto um pouco mais arquejante. Agarrado ao corpo inerte e pesado, baixo a cabeça sobre a cabeça daquela que vou carregando, respiro com força e os seus cabelos louros me entram na boca — cabelos mortos, sabendo a terra. Este gosto a terra e morte, aquele peso no coração, é tudo o que resta, para mim, da grande aventura e de ti, Yvonne de Galais, mulher tão procurada — e tão amada.

O caderno de deveres mensais

Na casa repleta de lembranças tristes, onde mulheres, todo o dia, acalentavam e consolavam uma pequenina criança doente, o velho Sr. de Galais não tardou a ficar de cama. Com os primeiros grandes frios do inverno, ele se extinguiu tranquilamente, e não pude deixar de verter uma lágrima à cabeceira desse velho encantador cuja indulgência e fantasia, aliada à do filho, tinham sido a causa de toda a nossa aventura. Morreu, felizmente, na completa ignorância de tudo o que se tinha passado e, aliás, em um silêncio quase absoluto. Como havia muito tempo já não tinha nem amigos nem parentes nessa região da França, ele me instituiu, no testamento, legatário universal até o regresso de Meaulnes, a quem eu deveria prestar contas de tudo, se ele, algum dia, regressasse... E era em Sablonnières que eu agora morava. Já não ia mais a Saint-Benoist-des-Champs senão para dar aulas, saindo pela manhã cedo, almoçando ao meio-dia, um almoço preparado na mansão, que eu fazia aquecer na lareira, e voltando à noite, logo depois do estudo. Assim pude conservar perto de mim a criança de quem as empregadas do sítio cuidavam. E principalmente aumentava minhas possibilidades de encontrar Augustin se ele algum dia voltasse para Sablonnières.

Eu não desesperava, aliás, de encontrar um dia nos móveis, nas gavetas da casa, algum papel, algum indício que me permitisse conhecer o emprego do seu tempo durante o longo silêncio dos anos precedentes — e, talvez, de entender assim as razões da sua fuga, ou pelo menos de encontrar a sua pista... Já, em vão, inspecionara não sei quantos armários, abrira nos quartos de arrumações uma quantidade de caixas de papelão de todos os feitios, que estavam cheias — umas de maços de velhas cartas, de fotografias já esbatidas da família de Galais, outras abarrotadas de flores artificiais, de plumas, de egretes, de pássaros fora de moda. Dessas caixas se desprendia não sei que perfume extinto e, de repente, acordavam em mim as recordações e as saudades e minhas buscas terminavam para o resto do dia...

Por fim, em um dia de feriado, descobri no sótão uma mala pequena, muito velha, comprida e baixa, coberta de pele de porco, de pêlos meio roídos, e que reconheci como a mala de estudante de Augustin. Censurei-me por não ter começado minhas buscas por ali. Com facilidade fiz saltar a fechadura enferrujada. A mala estava cheia até a boca de cadernos e livros de Sainte-Agathe. Aritmética, literatura, cadernos de problemas, sei lá!... Com enternecimento mais ainda do que por curiosidade, pus-me a rebuscar no meio de tudo aquilo, relendo os ditados que ainda sabia de cor, tantas vezes os tínhamos copiado! “O aqueduto”, de Rousseau, “Uma aventura na Calábria”, de P.-L. Courier, “Carta de Georges Sand a seu filho”...

Havia também um “Caderno de deveres mensais”. Fiquei surpreso, pois os cadernos ficavam na escola e os alunos não os levavam nunca para fora. Era um caderno verde, com os bordos já amarelecidos. O nome do aluno, “Augustin Meaulnes”, estava escrito na capa com sua magnífica caligrafia redonda. Abri. Pela data dos deveres, abril de 189... notei que Meaulnes o tinha começado poucos dias antes de deixar Sainte-Agathe. As primeiras páginas estavam tratadas com aquele religioso cuidado que era regra quando se trabalhava no caderno de composição. Mas não havia mais de três páginas escritas; o resto estava em branco e deve

ter sido essa a razão de Meaulnes o ter trazido consigo.

Ajoelhado no chão, meditando nesses antigos hábitos, nessas regras pueris que tinham tido tanta importância na minha adolescência, fazia perpassar sob o polegar as bordas do caderno inacabado. Foi assim que descobri outras páginas escritas. Depois de ter deixado quatro páginas em branco, Meaulnes recomeçara a escrever.

Era ainda a sua letra, mas rápida, irregular, pouco legível; pequenos parágrafos de tamanho desigual, separados por linhas em branco. Às vezes havia apenas uma frase por acabar. Outras, uma data. Desde a primeira linha logo imaginei que poderia haver ali informações sobre a vida passada de Meaulnes em Paris, indícios da pista que eu procurava, e descí até a sala de jantar para percorrer descansadamente, à luz do dia, o estranho documento. Esse dia de inverno estava claro e agitado. Tão depressa o sol brilhante desenhava as cruzes dos vidros das janelas nas cortinas brancas, como bruscas rajadas de vento atiravam com uma chuva glacial. E foi diante dessa janela, junto da lareira, que li essas linhas que me explicaram tanta coisa e das quais eis aqui a cópia exata.. .

XIV

O segredo

“Passei mais uma vez sob a janela. Os vidros continuam poeirentos e esbranquiçados, vendo-se atrás a cortina dupla. Mesmo que Yvonne de Galais me abrisse a porta agora eu nada teria para lhe dizer, pois está casada... Que fazer agora? Como viver?...

Sábado, 13 de fevereiro. — Encontrei, no cais, essa moça que no mês de junho me deu informações, a que estava, como eu, esperando diante da casa fechada... Falei com ela. Enquanto caminhava, olhei de soslaio os leves defeitos de seu rosto: uma pequena ruga ao canto da boca, as faces um pouco abatidas e o pó-de-arroz amontoado nos vincos das narinas. Ela voltou-se para mim, de repente, me olhou bem de frente, talvez por ser mais bonita de frente do que de perfil, e disse, com voz seca:

— Você me diverte muito. Faz-me lembrar um moço que me namorava, antigamente, em Bourges. Foi mesmo meu noivo...

No entanto, já noite, no passeio deserto e molhado que refletia a luz de um bico de gás, ela se aproximou de repente de mim para me pedir que a levasse ao teatro, naquela noite, com a irmã. Pela primeira vez noto que está vestida de luto, com um chapéu de senhora, que torna pesado o seu rosto jovem, um guarda-chuva alto e fino, parecendo uma bengala. E como estou muito perto dela, quando faço um gesto as minhas unhas roçam pela seda do vestido... Levanto dificuldades para lhe conceder logo o que me pede. Zangada, ela quer partir imediatamente. E sou eu, agora, que a retenho e a convido. Então um operário que passa na obscuridade graceja a meia voz:

— Não vá, moça! Ele pode lhe fazer mal!

E ficamos os dois tolhidos.

No teatro. — As duas moças, a minha amiga, que se chama Valentine Blondeau, e a irmã, chegaram com uns agasalhos bem modestos.

Valentine fica à minha frente. A todo instante se volta para trás, inquieta, como se inquirisse o que quero dela. E eu me sinto quase feliz junto dela; de cada vez lhe respondo com um sorriso.

Em nosso redor havia mulheres muito decotadas. Nós gracejávamos. Primeiro Valentine sorriu, depois disse: — Não devo rir. Eu também estou decotada demais. — E embrulhou-se na echarpe. Com efeito, sob o quadrado de renda preta, via-se que, na pressa de trocar de toalete, ela tinha apenas metido para dentro a parte superior de sua blusa simples.

Existe em Valentine algo de pobre e de pueril; há no seu olhar não sei que ar doente e ao mesmo tempo atrevido que me atrai. Perto dela, a única pessoa no mundo que poderia informar-me da gente da mansão, não cesso de pensar na minha estranha aventura passada... Quis interrogá-la de novo acerca da casa do bulevar. Mas ela, por seu turno, me fez perguntas tão embaraçantes que eu não soube lhe responder. Sinto que, a partir de agora, vamos ambos ficar mudos a respeito. E, todavia, sinto também que voltarei a vê-la. Para quê? E por quê?... Estarei condenado a seguir os passos de todo ser que traga em si o mais vago, o mais longínquo reflexo da minha aventura frustrada?...

À meia-noite, sozinho na rua deserta, pergunto a mim mesmo o que vem fazer na minha vida

esta nova e estranha história. Caminho ao longo das casas, semelhantes a caixas de papelão, alinhadas, nas quais dorme uma população inteira. E recorro subitamente a uma decisão que eu tomara o mês passado: tinha resolvido ir até a casa do bulevar em plena noite, perto da uma hora da manhã, abrir a porta do jardim, entrar como um ladrão e procurar qualquer indício que me permitisse reencontrar a mansão perdida, para revê-la, apenas para revê-la... Mas estou cansado. Tenho fome. Eu também me apressei em trocar de roupa antes do teatro e não jantei... Agitado, inquieto, permaneço entretanto longamente sentado na beira da cama antes de me deitar, preso de um vago remorso. Por quê?

Noto mais isto: elas não quiseram nem que eu as reconduzisse a casa nem me dizer onde moravam. Mas eu segui-as até onde pude. Sei que moram em uma rua pequena perto de Notre-Dame. Mas em que número?... Adivinhei que eram costureiras, de vestidos ou chapéus.

Às escondidas da irmã, Valentine marcou comigo um encontro para quinta-feira, às quatro horas, em frente do mesmo teatro onde fomos.

— Se eu não estiver lá na quinta-feira — disse —, volte de novo na sexta-feira, à mesma hora, depois no sábado, e assim por diante, todos os dias.

Quinta-feira, 18 de fevereiro. — Fui esperá-la, no meio de um vento forte, ameaçando trazer chuva. A todo momento eu pensava: ‘Vai acabar chovendo...’

Caminho pelas ruas sombrias, com um peso no coração. Cai uma gota d’água. Receio que vá chover: uma chuvarada pode impedir que ela venha. Mas o vento recomeça a soprar e a chuva não cai, ainda desta vez. Lá em cima, no céu cinzento da tarde — umas vezes cinzento, outras resplandecente — uma grossa nuvem deve ter cedido ao vento. E aqui estou eu, abrigado, esperando, infeliz...

Diante do teatro. — Ao fim de um quarto de hora estou farto. Ao cair da noite, um guarda arrasta até a delegacia mais próxima um vagabundo que com voz surda lhe atira à cara todos os palavrões, todas as injúrias que conhece. O guarda está furioso, pálido e mudo... Logo no corredor começa a surrá-lo. Depois fecha a porta para poder bater mais à vontade... Tenho o horrível pensamento de que renunciei ao paraíso e estou agora às portas do inferno...

Desapontado, deixo aquele lugar e encaminho-me para a rua pequena e estreita, entre o Sena e Notre-Dame, onde conheço, pouco mais ou menos, o local da casa delas. Sozinho, ando de um lado para o outro. De vez em quando uma empregada ou uma dona-de-casa sai sob a chuvinha fina para fazer alguma compra, antes que a noite desça... Não estou aqui fazendo nada e vou-me embora... Torno a passar, sob a chuva clara que retarda o escurecer, na praça onde nos devíamos encontrar. Há mais gente do que há pouco — uma multidão densa...

Suposições. Desespero. Fadiga. Agarro-me a este pensamento: amanhã. Amanhã, à mesma hora, voltarei para esperá-la. E estou com pressa de que esse amanhã chegue. Imagino, com aborrecimento, o serão dessa noite, depois a manhã seguinte, que vou passar na ociosidade... Mas não está esse dia quase findo?... Regressado a casa, junto da lareira, escuto o apregoar dos jornais da tarde. Talvez ela, na sua casa perdida na cidade, perto de Notre-Dame, também esteja escutando o mesmo pregão.

Ela, quero dizer, Valentine.

Esse serão que eu gostaria de escamotear pesa-me estranhamente. Enquanto o tempo corre, nesse mesmo dia que eu gostaria que já tivesse terminado, houve homens que confiaram toda a esperança, todo o seu amor e suas últimas forças. Existem homens moribundos, outros têm a prazo uma promissória e desejariam que o amanhã nunca chegasse. Outros há para quem a

manhã despontará como um remorso; outros que estão fatigados e para quem esta noite será longa o bastante para propiciar todo o repouso de que necessitam. E eu, eu que perdi o dia, com que direito ousa desejar que o amanhã chegue?

Sexta-feira à tarde. — Pensei escrever em seguida: ‘Não voltei a vê-la’. E tudo estaria terminado.

Mas esta tarde, ao chegar às quatro horas à esquina do teatro, ela lá estava. Fina e séria, vestida de preto, mas com pó-de-arroz no rosto e uma pequena gola que lhe dava um ar de Pierrô culpado. Um ar ao mesmo tempo doloroso e malicioso.

Veio dizer-me que me quer deixar imediatamente, que não voltará nunca mais.

.....
E, todavia, ao cair da noite, estávamos ainda os dois juntos, caminhando vagarosamente um perto do outro, pelas aléias de saibro das Tulherias. Ela me contou sua história, mas de uma maneira tão embrulhada que compreendi mal. Disse: ‘meu amante’, falando desse noivo com quem não casou. Fê-lo de propósito, penso eu, para me chocar e para que eu não me afeiçoe a ela.

Há frases suas que transcrevo de má vontade:

‘Você não deve ter nenhuma confiança em mim; nunca fiz senão loucuras...’

‘Andei sozinha por este mundo.’

‘Desesperei meu noivo. Abandonei-o porque ele me admirava demasiado; ele apenas me via através de sua imaginação, e não tal como eu era. Ora, eu sou cheia de defeitos. Teríamos sido muito infelizes.’

A todo instante surpreendo-a tentando tornar-se pior do que é. Penso que quer provar a si mesma que teve razão em fazer a tolice de que fala, que não deve lamentar coisa nenhuma e não era digna da felicidade que se lhe oferecia.

Uma outra vez:

‘O que me agrada em você’, dizia ela olhando-me longamente, ‘o que me agrada em você, não consigo saber por quê, são minhas recordações...’

Uma outra vez:

‘Eu ainda gosto dele, mais do que você possa pensar’.

E depois, de súbito, brutalmente, tristemente, com brusquidão:

‘Enfim, que é que você quer? É também desse mesmo modo que você gosta de mim? Você também vai pedir minha mão?’

Balbuciei. Não sei o que respondi. Talvez tenha dito: ‘Sim’.

Essa espécie de diário parava aí. Começavam então rascunhos de cartas, rascunhos ilegíveis, informes, rasurados. Precário noivado!... A moça, a pedido de Meaulnes, abandonara o ofício de costureira. Ele tinha-se ocupado dos preparativos do casamento. Mas, sempre tomado do desejo de ainda procurar, de partir de novo no encalce do seu perdido amor, ele terá, certamente, desaparecido muitas vezes; e nessas cartas, com um embaraço trágico, procurava justificar-se perante Valentine.

O segredo

(continuação)

Depois o diário recomeçava.

Meaulnes anotara as recordações de uma estada que tinham feito, os dois, no campo, não sei onde. Mas, coisa curiosa, a partir desse instante, talvez por um secreto sentimento de pudor, o diário estava escrito de maneira tão entrecortada, tão informe, rabiscado também tão apressadamente, que tive eu próprio de o reescrever e reconstituir toda essa parte da história.

14 de junho. — Quando ele acordou, manhã alta, no quarto da hospedaria, o sol iluminava os desenhos vermelhos da cortina preta. Trabalhadores agrícolas, na sala de baixo, falavam alto, tomando o café da manhã: indignavam-se, em frases rudes mas pacíficas, contra um dos seus patrões. Havia muito tempo, provavelmente, que Meaulnes escutava, no meio do sono, esse rumor calmo. Pois a princípio não deu atenção. Essa cortina semeada de cachos de uvas avermelhados pelo sol, essas vozes matinais subindo para o quarto silencioso, tudo isso se confundia na impressão única de um despertar no campo, no início de umas deliciosas férias longas.

Meaulnes levantou-se, bateu de leve na porta vizinha e, não obtendo resposta, entreabriu-a de mansinho. Então viu Valentine e compreendeu de onde vinha tamanha felicidade. Ela dormia, absolutamente imóvel e silenciosa, sem que se escutasse sua respiração, como deve dormir um passarinho. Muito tempo ele ficou olhando esse rosto de criança, de olhos fechados, esse rosto tão quieto que quase desejaria não a acordar e não a perturbar nunca.

Para mostrar que não estava dormindo, ela não fez mais do que abrir os olhos e olhar.

Assim que Valentine se vestiu, Meaulnes voltou de novo para junto dela.

— Estamos atrasados — disse ela.

E imediatamente começou a trabalhar como uma dona-de-casa.

Pôs os quartos em ordem, escovou a roupa que Meaulnes usara na véspera, mas, quando viu as calças, ficou desolada. A parte de baixo estava coberta de espessa lama. Hesitou, depois, cuidadosamente, com precaução, antes de escovar, e começou a raspar a primeira camada de terra com uma faca.

— Era assim que faziam os garotos de Sainte-Agathe — disse Augustin —, quando se enchiam de lama.

— Foi minha mãe quem me ensinou este processo — disse Valentine.

... E assim devia ser a companheira que deveria desejar, antes de sua misteriosa aventura, o caçador e o camponês que era, na realidade, Augustin Meaulnes.

15 de junho. — Nesse jantar, no sítio para onde tinham sido convidados por um amigo que os apresentara como marido e mulher, com grande aborrecimento deles, Valentine mostrou-se tímida como uma recém-casada.

Em cada topo da mesa, coberta por uma toalha branca, havia dois candelabros, de velas acesas, como em tranqüilas bodas de província. Os rostos, logo que se inclinavam, sob essa claridade fraca, ficavam banhados de sombra.

À direita de Patrice (o filho do dono do sítio) estava Valentine, e depois Meaulnes, que permaneceu taciturno até o final, se bem que quase sempre lhe dirigissem a palavra.

Desde que Meaulnes resolvera, nessa povoação perdida, a fim de evitar comentários, fazer passar Valentine por mulher dele, um pesar, um remorso, o desolavam. E enquanto Patrice, à maneira de um fidalgo do interior, dirigia o jantar, Meaulnes pensava:

“Deveria ser eu, esta noite, em uma sala baixa como esta, uma bela sala que eu bem conheço, a presidir o meu jantar de núpcias”.

Junto dele, Valentine recusava timidamente tudo que lhe ofereciam. Dir-se-ia uma jovem camponesa. A cada nova tentativa, ela olhava Meaulnes e parecia se refugiar de encontro a ele. Fazia muito tempo que Patrice insistia para que ela esvaziasse o copo quando por fim Meaulnes se inclinou sobre ela e lhe disse mansamente:

— Você tem de beber, querida.

Então, docilmente, ela bebeu. E Patrice, sorrindo, felicitou Augustin por ter uma mulher tão obediente.

Mas ambos, Valentine e Meaulnes, permaneciam silenciosos e pensativos. Em primeiro lugar, estavam fatigados; os pés, encharcados na lama durante o passeio, estavam gelados sobre os ladrilhos lavados da cozinha. E depois, de vez em quando, o rapaz era obrigado a dizer:

— Minha mulher, Valentine, minha mulher...

E de cada vez, ao pronunciar surdamente estas palavras, perante esses camponeses desconhecidos, nessa sala obscura, tinha a impressão de cometer uma falta.

17 de junho. — A tarde desse dia começou mal.

Patrice e a mulher acompanharam-nos a um passeio. Pouco a pouco, no declive desigual, coberto de mato, os dois casais se encontraram separados. Meaulnes e Valentine sentaram-se entre os zimbros, junto de um pequeno maciço.

O vento trazia gotas de chuva e o tempo estava encoberto. A tarde tinha um gosto amargo, parecia o gosto de um tédio tal que nem o amor podia desvanecê-lo.

Ali ficaram por muito tempo, naquele esconderijo, abrigados sob as árvores, falando pouco. Depois o tempo abriu. O sol brilhou. Acreditaram que, dali em diante, tudo iria correr bem.

E começaram a falar de amor. Valentine falava, falava...

— Como criança que era, sabe o que meu noivo me prometia? Teríamos logo uma casa, uma choupana perdida no meio dos campos. Já estava pronta, dizia ele. Nós iríamos para lá como se estivéssemos regressando de uma grande viagem, na noite do nosso casamento, mais ou menos a esta hora, próximo do anoitecer. E pelos caminhos, no pátio, escondidas no mato, crianças desconhecidas nos festejariam, gritando: “Viva a noiva!...” Quanta loucura, não é mesmo?

Meaulnes, aturdido, preocupado, escutava. Encontrava em tudo aquilo como que um eco de uma voz já ouvida. E havia também, no tom da moça, quando contava esta história, uma vaga saudade.

Mas Valentine receou tê-lo magoado. Voltou-se para ele, num ímpeto, com doçura:

— A você — disse — quero dar tudo o que tenho: qualquer coisa que tenha sido para mim a mais preciosa no mundo... para você queimar!

Então, fitando-o com ansiedade, ela tirou do bolso um pequeno molho de cartas que lhe estendeu: as cartas do noivo.

Ah! Imediatamente Augustin reconheceu a letra fina. Como era possível que nunca isso lhe tivesse passado pela cabeça! Era a letra de Frantz, o saltimbanco, que ele vira uma vez no bilhete desesperado que Frantz deixara no quarto da mansão... Caminhavam agora por uma estrada estreita, entre malmequeres e feno, iluminados obliquamente pelo sol das cinco da tarde. Era tão grande o seu espanto que Meaulnes não compreendia ainda a derrota que isto significava para ele. Lia as cartas porque ela lhe tinha pedido. Frases pueris, sentimentais, patéticas... Essa, por exemplo, na última carta:

“... Ah! Você perdeu o coraçãozinho que lhe dei, imperdoável Valentine! Que irá nos acontecer? Enfim, eu não sou supersticioso...”

Meaulnes lia, meio cego de desgosto e cólera, o rosto imóvel mas palidíssimo, apenas lhe tremendo a pele sob os olhos. Valentine, inquieta por vê-lo assim, olhou a carta, tentando entender o que o tinha feito zangar daquele jeito.

— Era — explicou apressadamente — uma jóia que ele me tinha dado, fazendo-me jurar que a guardaria para sempre. Uma dessas idéias loucas.

Mas conseguiu apenas exasperar Meaulnes:

— Loucas! — exclamou, guardando as cartas na algibeira. — Por que repetir essas palavras? Por que você não acreditou nele? Eu o conheci, era o rapaz mais maravilhoso deste mundo!

— Você conheceu — disse ela, no auge da comoção —, você conheceu Frantz de Galais?

— Era o meu melhor amigo, era o meu irmão de aventuras, e fui logo eu quem lhe roubou a noiva!

— Ah! — prosseguiu com fúria — que mal você nos fez, você que nunca quis acreditar em nada! Você é a culpada de tudo. Foi você quem botou tudo a perder! Tudo!

Valentine quis falar, tomar-lhe a mão, mas ele a afastou brutalmente.

— Vá embora. Deixe-me.

— Pois bem, se assim é — disse ela, de rosto afogueado, gaguejando e quase chorando —, realmente eu vou embora. Vou voltar para Bourges, para casa, com minha irmã. E se você não for lá me buscar, você sabe, não é? Meu pai é pobre demais para me manter. Pois bem! Voltarei para Paris; vaguearei por lá, como já me sucedeu; talvez me torne uma mulher perdida, agora que já não tenho trabalho...

E foi buscar sua bagagem para pegar o trem, enquanto Meaulnes, sem mesmo olhá-la partir, continuava a caminhar sem rumo.

O diário interrompia-se de novo.

Seguiam-se ainda rascunhos de cartas, cartas de um homem indeciso, alucinado. De volta a Ferté-d'Angillon, Meaulnes escrevia a Valentine, aparentemente para lhe afirmar sua resolução de nunca mais revê-la e para lhe dar razões precisas, mas, na realidade, talvez para que ela lhe respondesse. Em uma dessas cartas ele lhe perguntava o que, naquela confusão, não tinha sequer sonhado em perguntar: se ela sabia onde ficava a mansão tão procurada. Em uma outra lhe suplicava que se reconciliasse com Frantz de Galais. Ele próprio se encarregaria de encontrá-lo... Nem todas as cartas cujos rascunhos encontrei foram enviadas. Mas deve ter escrito mais de uma vez sem obter resposta. Para Meaulnes, esse tinha sido um período de lutas horríveis e de infelicidade, em um isolamento absoluto. Tendo a esperança de algum dia rever Yvonne de Galais se desvanecido completamente, ele deve ter sentido que sua resoluta decisão ia enfraquecendo. E, segundo as páginas que se vão seguir — as últimas do

diário —, imagino que, uma bela manhã, no começo das férias, Meaulnes deve ter alugado uma bicicleta para ir a Bourges, visitar a catedral.

Partira logo de madrugada, pela linda estrada reta, entre bosques, inventando pelo caminho mil pretextos para se apresentar com dignidade, sem pedir uma reconciliação, perante aquela que tinha escorraçado.

As quatro últimas páginas que pude reconstituir contam essa viagem e esse último erro...

XVI

O segredo

(fim)

25 de agosto. — Do outro lado de Bourges, no fim de novos povoados, Meaulnes descobriu, depois de ter procurado muito tempo, a casa de Valentine Blondeau. Uma mulher — a mãe de Valentine — à entrada da porta parecia estar à espera dele. Tinha a aparência de uma boa dona-de-casa, pesada, enrugada, mas ainda bonita. Ela viu-o chegar com curiosidade e quando ele lhe perguntou se “a Srta. Blondeau estava”, ela explicou, com bons modos, que as irmãs estavam em Paris desde o dia 15 de agosto.

— Proibiram-me de dizer para onde iam — acrescentou —, mas escrevendo para o endereço antigo fazem seguir as cartas.

Indo embora, de bicicleta à mão, atravessando o jardimzinho, Meaulnes pensava:

“Ela foi embora... Está tudo acabado, como eu queria... Fui eu que a forcei a isto. ‘Talvez me torne uma mulher perdida’, dissera ela. E fui eu quem a atirou para isso! Fui eu quem perdeu a noiva de Frantz!”

E, baixinho, repetia, enlouquecido: “Tanto melhor! Tanto melhor!”, na certeza de que, pelo contrário, era “tanto pior” e que, mesmo à vista daquela mulher, antes de alcançar o portão, ele iria tropeçar e cair por terra.

Nem pensou em almoçar e parou em um café de onde escreveu a Valentine uma longa carta, apenas como quem solta um grito, para se libertar da desesperada vontade de gritar que o sufocava. A carta repetia indefinidamente: “Você teve coragem para fazer uma coisa destas! Você teve coragem!... Você pôde resignar-se a uma vida assim! Você pôde perder-se assim!”

Perto dele, alguns oficiais bebiam. Um deles contava ruidosamente uma história de mulheres que, aos pedaços, chegava até Meaulnes: “...Eu disse... ‘Você deve conhecer-me bem. . Toda noite jogo com seu marido’”. Os outros riam e, voltando a cabeça, escarravam para trás dos bancos. Lívido e coberto de poeira, Augustin olhava-os como se fosse um mendigo. Estava imaginando um daqueles homens com Valentine nos joelhos.

Por muito tempo vagueou de bicicleta em torno da catedral, dizendo confusamente para si mesmo: “Em suma, foi pelo lado da catedral que eu cheguei”.

Ao final de todas as ruas, na praça deserta, erguia-se a catedral enorme e indiferente. Essas ruas eram estreitas e sujas, como as vielas que rodeiam as igrejas nos pequenos povoados. Aqui e ali se avistavam tabuletas de casas duvidosas, uma lamparina vermelha... Meaulnes sentia a sua dor como que deslocada nesse bairro sujo, cheio de vício, refugiado, como nos velhos tempos passados, sob os arcobotantes da catedral. E era tomado por um temor de camponês, uma repulsa por essa igreja de cidade, onde todos os vícios estão esculpidos em esconderijos, que está construída nos piores bairros e não contém nenhum remédio para as dores puras do amor.

Passaram duas moças, abraçando-se pela cintura, que o olharam descaradamente. Por repugnância ou por distração, para se vingar do seu amor ou para destruí-lo, Meaulnes seguiu-as lentamente de bicicleta e uma delas, uma pobre moça cujos escassos cabelos louros

estavam repuxados para trás com um coque postiço, marcou-lhe encontro para as seis horas, no Jardim de l'Archevêché, o jardim onde Frantz, em uma das cartas, marcava encontro com a pobre Valentine.

Ele não recusou, sabendo que a essa hora já teria, há muito, deixado a cidade. E da janela baixa, na rua íngreme, a moça ficou muito tempo acenando-lhe vagos gestos de adeus.

Ele tinha pressa em partir de novo.

Antes de ir, contudo, não pôde resistir ao mórbido desejo de passar uma última vez diante da casa de Valentine. Olhou avidamente e pôde armazenar uma provisão de tristeza. Era uma das últimas casas da povoação e a rua se tornava em estrada a partir desse local... Em frente, um terreno baldio formava uma espécie de pequena praça. Não havia ninguém nas janelas, nem no pátio, nem em parte alguma. Apenas ao longo do muro, arrastando dois garotos andrajosos, passou uma mulher suja e maltrapilha.

Ali decorrera a infância de Valentine, ali ela começara a olhar o mundo com seus olhos confiantes e ajuizados. Tinha trabalhado, costurado, atrás dessas janelas. É Frantz ali passara para vê-la, lhe sorrir, nessa sombria rua de subúrbio. Mas agora não existia mais nada...

A tarde triste perdurava e Meaulnes sabia apenas que, em algum lugar, perdida, durante essa mesma tarde, Valentine perpassava na lembrança essa praça triste aonde talvez não voltasse jamais.

A longa viagem que ainda lhe restava fazer devia ser o último recurso contra a sua dor, sua última distração forçada antes de mergulhar completamente nessa dor.

Partiu. Próximo da estrada, no vale, deliciosas casas de sítios, entre as árvores, à beira da água, mostravam suas torres pontiagudas, cobertas de verdes folhagens. Talvez aí, nos gramados, moças atentas falassem de amor. Podia-se imaginar que aí existissem belas almas...

Mas para Meaulnes, nesse momento, nada mais existia do que um só amor, esse amor malsatisfeito que acabavam de enxovalhar tão cruelmente. A moça entre todas que ele devia proteger, salvar, era justamente a que ele tinha lançado na perdição.

Algumas linhas apressadas do diário me fizeram saber ainda que ele projetara encontrar Valentine custasse o que custasse, antes que fosse tarde demais. Uma data num canto de uma página me fez acreditar que essa era a longa viagem para a qual a Sra. Meaulnes fazia aqueles preparativos, quando fui a Ferté-d'Angillon para tudo transtornar. Na prefeitura abandonada, Meaulnes anotava suas recordações e projetos, em uma bela manhã de fins de agosto — quando eu empurrara a porta e lhe trouxera a grande notícia que ele não esperava mais. Augustin tinha sido, então, retomado, imobilizado pela sua antiga aventura, sem ousar fazer nada, nem nada confessar. Tinham começado, então, os remorsos, a saudade, a pena, umas vezes abafados, outras triunfantes, até o dia das núpcias, em que o grito do saltimbanco nos pinhais lhe tinha teatralmente recordado o primeiro juramento de homem.

Nesse mesmo caderno de deveres mensais ele tinha ainda rabiscado, às pressas, algumas palavras, de madrugada, antes de deixar, com a autorização dela — mas para sempre —, Yvonne de Galais, sua mulher desde a véspera:

“Vou partir. É forçoso que encontre os vestígios dos dois ciganos que ontem vieram ao pinhal e que partiram para leste, de bicicleta. Não voltarei para junto de Yvonne se não trazer comigo e instalar, na ‘casa de Frantz’, Frantz e Valentine, casados.

Este manuscrito, que comecei como um diário secreto e se tornou a minha confissão, será, se eu não regressar, propriedade de meu amigo François Seurel.”

Certamente ele escondera às pressas esse caderno debaixo dos outros todos, fechara a chave sua antiga pasta de estudante, e desaparecera.

Epílogo

O tempo passou. Perdi a esperança de algum dia rever meu companheiro; os dias decorriam normalmente na escola Campestre e tristes eram, também, na casa deserta. Frantz não compareceu ao encontro que eu lhe tinha fixado e, aliás, minha tia Moinei já não sabia há muito tempo onde Valentine morava.

A única alegria de Sablonnières foi a pequenina, que conseguiram salvar. Em fins de setembro ela se revelava uma menina sólida e bonita. Ia fazer um ano.

Agarrada às pernas das cadeiras, empurrava-as sozinha, tentando caminhar sem se incomodar com as quedas e fazendo um estardalhaço que acordava longamente os ecos surdos da moradia abandonada. Quando a tomava em meus braços, ela não consentia que eu lhe desse um beijo. Tinha um modo encantador, mas selvagem, de se contorcer e de me afastar o rosto com sua pequenina mão aberta, rindo às gargalhadas. Com tanta alegria, com toda a sua violência infantil, dir-se-ia que escorraçava o desgosto que pesava naquela casa desde seu nascimento. Às vezes dizia com os meus botões: “Certamente, apesar desta selvajaria, ela vai ser um pouco minha filha”. Entretanto, mais uma vez, a Providência decidiria de outro modo.

Um domingo, no fim de setembro, pela manhã, eu tinha me levantado muito cedo, antes da empregada que tomava conta da menina. Ia pescar no Cher, com dois homens de Saint-Benoist-des-Champs e Jasmin Delouche. Muitas vezes os camponeses dos arredores combinavam comigo grandes expedições: pescas de vara à noite, pescas com tarrafas proibidas... Todo o tempo de verão nós partíamos nos dias livres, de madrugada, e só voltávamos ao meio-dia. Era o ganha-pão de quase todos aqueles homens. Quanto a mim, era meu único passatempo, minhas únicas aventuras, que me recordavam outros tempos. E acabara por tomar gosto a esses passeios, essas longas pescarias ao longo do rio ou nos canaviais do lago.

Naquela manhã, pois, estava de pé às cinco e meia, diante de casa, num pequeno galpão, encostado ao muro que separava o jardim inglês de Sablonnières da horta do sítio, ocupado em desembaraçar minhas redes, que estavam ainda de molho desde a quinta-feira anterior.

Não era ainda completamente dia claro. Era antes um crepúsculo de uma bela manhã de setembro, e o galpão onde eu desembaraçava às pressas meus engenhos se encontrava meio mergulhado em escuridão.

Estava silencioso e atarefado quando de súbito ouvi a cancela se abrir e uns passos no saibro.

“Oh! Oh!”, disse para comigo, “meus companheiros estão aqui mais cedo do que julguei. E eu que ainda não estou pronto!...”

Mas o homem que entrava no pátio era-me desconhecido. Tanto quanto pude distinguir, era um homem grande e barbudo, vestido como um caçador. Em lugar de vir ter comigo no lugar onde sabiam que eu estaria sempre, à hora de nossos encontros, ele se dirigiu diretamente para a porta de entrada.

“Bom!” pensei eu. “É algum amigo deles que convidaram sem me dizer e que mandaram na frente.”

O homem fez girar de mansinho, sem ruído, o fecho da porta. Mas eu tinha-a fechado logo que saíra. Fez a mesma coisa à entrada da cozinha. Depois, hesitando um instante, voltou-se para o meu lado, iluminado pela fraca luz do dia que começava, o rosto inquieto. Foi só então

que reconheci o Grande Meaulnes.

Fiquei ali um longo momento, assustado, desesperado, retomado de súbito por toda a dor ambiente que seu regresso, de súbito, despertara. Ele desaparecera atrás da casa, circundando-a toda, e voltava hesitante.

Avancei então para ele e, sem dizer nada, abracei-o soluçando. Imediatamente ele entendeu.

— Ah! — disse, com uma voz seca — ela morreu, não é verdade?

E permaneceu ali, de pé, surdo, imóvel e terrível. Tomei o seu braço e arrastei-o suavemente até a casa. Já era dia claro. Logo em seguida, para que se cumprisse o mais doloroso, fiz com que subisse a escada que conduzia ao quarto da morta. Assim que entrou caiu de joelhos diante do leito e por muito tempo permaneceu ali, com a cabeça enfiada nos braços.

Levantou-se por fim desvairado, titubeante, não sabendo onde estava. E guiando-o sempre pelo braço, abri a porta que fazia comunicar esse quarto com o da pequenina. Ela estava sozinha, acordada — enquanto a ama tinha descido —, e conseguira sentar-se no berço. Apenas se enxergava a cabecinha espantada, voltada para nós.

— Eis aqui tua filha — disse eu.

Meaulnes teve um sobressalto e olhou para mim.

Depois, agarrando a criança, tomou-a nos braços. Não podia sequer vê-la bem, logo de princípio, porque chorava. Então, para iludir um pouco seu enternecimento e aquela onda de lágrimas, continuando a apertar a filha de encontro a ele, sentada no seu braço direito, voltou para mim a cabeça curvada e disse:

— Trouxe os outros dois... Você vai vê-los, na casa deles.

Com efeito, no princípio da tarde, quando eu ia, pensativo e quase feliz, para a casa de Frantz, que Yvonne de Galais outrora me mostrara deserta, avistei de longe uma jovem dona-de-casa, um vestido de gola, que varria a entrada da porta e já estava sendo objeto de curiosidade e de entusiasmo da parte dos pequenos pastores endomingados que iam para a missa...

Entretanto, a pequenina começava a aborrecer-se de estar assim apertada e, como Augustin, de cabeça inclinada para o lado, escondendo as lágrimas, continuava não olhando para ela, deu-lhe um grande tapa, com a pequenina mão, na cara barbuda e molhada.

Desta vez o pai levantou a filha bem alto, fê-la saltar nos braços e olhou-a com uma espécie de riso. Satisfeita, ela bateu palmas...

Eu recuara um pouco para vê-los melhor. Algo desiludido e, todavia, maravilhado, compreendi que a criança tinha, por fim, encontrado o companheiro que obscuramente esperava. A única alegria que o Grande Meaulnes me tinha deixado sentia agora que ele voltara para me roubar. E já o imaginava, de noite, envolvendo a filha em um capote e partindo com ela para novas aventuras.

O AUTOR E SUA OBRA

Alain Fournier nasceu na França, em Chapelle d'Angillon, tendo feito seus estudos secundários em Paris. Sua irresistível vocação literária revelou-se cedo.

Amigo íntimo de Jacques Rivière, Henri Régner, Francis Jammes e Jules Laforgue, foi, no entanto, Charles Péguy quem o influenciou e que havia de profetizar-lhe: “Haverás de ir longe, Fournier, e haverás de lembrar que fui eu quem o disse”. Em célebre carta dirigida a Jacques Riviere, ele conta: “Encontrei a minha estrada de Damasco: pus-me simplesmente a escrever, diretamente, como nas minhas cartas, em pequenos parágrafos, densos e voluptuosos”.

Quando trabalhava em seu segundo romance (jamais terminado) e numa peça de teatro, foi incorporado a um regimento de infantaria e partiu para a Primeira Grande Guerra, como alferes. Em 22 de setembro de 1914, numa operação de reconhecimento com a sua companhia, no bosque de Saint-Rémy (Meuse, França), foi atingido por uma bala na cabeça.

Sua morte, no entanto, é tão misteriosa e discreta como “O bosque das ilusões perdidas”, a floresta romântica e poética onde decorre grande parte da ação de seu extraordinário romance: embora tenha havido testemunhas do acontecimento, enquanto ele se batia em defesa da França, seu corpo jamais foi encontrado.

Table of Contents

Primeira parte

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

Segunda parte

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

Terceira parte

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

Epílogo

O AUTOR E SUA OBRA